

TALITA BRISTOTTI PEREIRA DA SILVA

**FEMINISMO NAS REDES DIGITAIS:
UM ESTUDO SOBRE A FORMATAÇÃO DO
MOVIMENTO FEMINISTA NO FACEBOOK**

**PUC-CAMPINAS
2018**

TALITA BRISTOTTI PEREIRA DA SILVA

**FEMINISMO NAS REDES DIGITAIS:
UM ESTUDO SOBRE A FORMATAÇÃO DO
MOVIMENTO FEMINISTA NO FACEBOOK**

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu
em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marcia Eliane Rosa
Coorientador: Prof. Dr. Juan Manuel Adán
Coello

**PUC-CAMPINAS
2018**

Ficha catalográfica elaborada por Marluce Barbosa – CRB 8/7313
Sistemas de Bibliotecas e Informação – SBI – PUC-Campinas

t301.14 Silva, Talita Bristotti Pereira da.
S586f Feminismo nas redes digitais: um estudo sobre a formatação do movimento feminista no Facebook / Talita Bristotti Pereira da Silva. – Campinas: PUC-Campinas, 2018.
 114 f.

 Orientadora: Marcia Eliane Rosa
 Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Linguagem e Comunicação, Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte.
 Inclui bibliografia.

 1. Comunicação - Aspectos sociais. 2. Análise de conteúdo (Comunicação). 3. Feminismo - Brasil. 4. Redes sociais on-line. I. Rosa, Marcia Eliane. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Linguagem e Comunicação. Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte. III. Título.

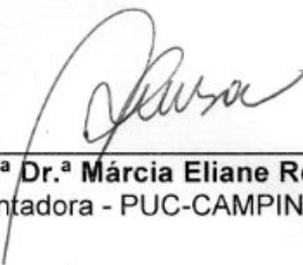
CDD – 18.ed. t301.14

TALITA BRISTOTTI PEREIRA DA SILVA

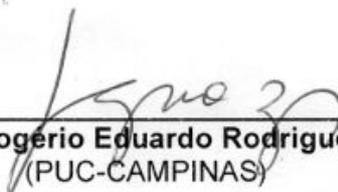
“FEMINISMO NAS REDES DIGITAIS: UM ESTUDO SOBRE A FORMATAÇÃO DO MOVIMENTO FEMINISTA NO FACEBOOK”

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte da PUC-Campinas, e aprovada pela Banca Examinadora.

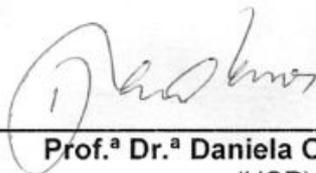
APROVADA: 09 de fevereiro de 2018.



Prof.ª Dr.ª Márcia Eliane Rosa
(Orientadora - PUC-CAMPINAS)



Prof. Dr. Rogério Eduardo Rodrigues Bazi
(PUC-CAMPINAS)



Prof.ª Dr.ª Daniela Osvald Ramos
(USP)

“Punk rock não é só pro seu namorado”

Bulimia (2001)

Agradecimentos

À professora Dra. Marcia Eliane Rosa, por orientar esta pesquisa. Mais do que isso, por respeitar meu tempo, incentivar meu pensamento crítico e por sempre enxergar novas possibilidades quando tudo parecia desalinhado. Obrigada pela parceria e amizade, sem você este trabalho não seria concretizado;

Ao professor Dr. Juan Manuel Adán Coello, coorientador deste trabalho, aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte, à Jessica Leite, e aos colegas de turma, pelo apoio, debates e aprendizado;

Aos meus pais, Antonio e Denise, e minha irmã, Thaís, pelo amor e por sempre me incentivarem a buscar novos caminhos;

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por disponibilizar bolsa de estudo para a realização do curso de mestrado;

Àquelas que sempre puderam ouvir meus desabafos, angústias e conquistas durante este trabalho: Luiza Cazetta, Ana Carolina Leal, Marina Zanaki, Mariana Ceccon, Talita Guimarães, Christina Zaccarelli, Julia Rinaldi e Thais Silva.

Resumo

A proposta desta pesquisa é observar as mudanças do processo da comunicação na sociedade contemporânea, a partir da compreensão das transformações observadas no movimento feminista do Brasil nas redes digitais. Como elementos de análise, foram levantados dados da página Não Me Kahlo, no Facebook, sobre cinco fatos relacionados ao movimento feminista, que tiveram repercussão nacional, para tentar perceber e refletir como essas alterações estão acontecendo na contemporaneidade. A metodologia utilizada no estudo foi a Análise de Conteúdo, com apoio no processo de Análise de Rede Social, por entender que essa ferramenta ajuda a compreender a atual configuração do feminismo na Internet, bem como torna possível observar a estruturação de um processo de comunicação mais colaborativo. Como escopo teórico, esta pesquisa baseia-se, principalmente, na ideia da Ecosofia do sociólogo francês Michel Maffesoli, que argumenta sobre a saturação da sociedade em função do excesso da busca pela perfeição. Sua proposta teórica é compreender o mundo a partir do natural das relações sociais em um sistema de redes, e não mais em um esquema de imposição de emissor para o receptor. O conceito de Teoria Ator-Rede do sociólogo Bruno Latour auxilia no entendimento sobre a formatação de grupos, entendendo os agrupamentos híbridos entre humanos e objetos, enquanto o sociólogo Massimo Di Felice, que transita nesse universo teórico, disserta sobre como a comunicação se concretiza em meio a essa outra configuração de sociedade.

Palavras-chaves: comunicação, feminismo, Ecosofia, redes digitais

Abstract

The purpose of this research is to identify the changes in the process of communication in the contemporary society observing the feminist movement in Brazil on the digital social media. As elements of analysis, data were collected from the Facebook page “Não Me Kahlo” about five events related to the feminist movement that had national impact. The data were used to reflect how these changes are transforming the contemporaneity. The methodology used in this study was Content Analysis, and, as support, Social Network Analysis, because those tools helps to understand the current configuration of feminism on the Internet, as well as makes it possible to observe the structure of a communication process that is more collaborative. As theoretical scope, this research is mainly based on the concept of Ecosophy by the French sociologist Michel Maffesoli, who argues about the saturation? of society due the excess of searching for perfection. His theoretical proposal is to comprehend the natural social relations of the world on a network system instead of the coercion of emitter to receiver. The sociologist Bruno Latour explains in his Actor-Network Theory (ANT) the group formatting, understanding the hybrid groups between humans and object. Massimo Di Felice, another sociologist that is involved in this theoretical universe, argues about how the communication takes place in the midst of this other configuration of society.

Keywords: communication, feminism, Ecosophy, social networks

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1. Os novos atores da comunicação na sociedade saturada e conectada.....	13
1.1 Sociedade saturada.....	13
1.2 Sociedade conectada.....	20
1.3 Processo de comunicação.....	26
2. Feminismo em debate: a dominação masculina e o movimento nas redes digitais.....	31
2.1 Ser mulher: uma construção social.....	31
2.2 Feminismo nas redes e as bolhas digitais.....	37
3. Procedimentos metodológicos e análise do objeto.....	46
3.1 Metodologia e o objeto.....	46
3.2 Caso 1: Enem feminista.....	51
3.3 Caso 2: Mulheres Contra Cunha.....	56
3.4 Caso 3: #MeuAmigoSecreto.....	69
3.5 Caso 4: Bela, Recatada e do Lar.....	74
3.6 Caso 5: Estupro coletivo no RJ.....	85
3.7 Análise geral.....	98
4. Considerações finais.....	105
Referências.....	110

Lista de ilustrações

Figura 1 – Captura de tela do Google Trends sobre a busca pelo termo “feminismo” no Google Brasil.....	40
Figura 2 – Captura de tela da postagem no Facebook do caso 1.....	53
Figura 3 – Captura de tela da postagem no Facebook do caso 2.....	58
Figura 4 – Captura de tela da postagem no Facebook do caso 2.....	61
Figura 5 – Captura de tela da postagem no Facebook do caso 2.....	64
Figura 6 – Captura de tela da postagem no Facebook do caso 2.....	67
Figura 7 – Captura de tela da postagem no Facebook do caso 3.....	71
Figura 8 – Captura de tela da postagem no Facebook do caso 4.....	76
Figura 9 – Captura de tela da postagem no Facebook do caso 4.....	79
Figura 10 – Captura de tela da postagem no Facebook do caso 4.....	83
Figura 11 – Captura de tela da postagem no Facebook do caso 5.....	87
Figura 12 – Captura de tela da postagem no Facebook do caso 5.....	91
Figura 13 – Captura de tela da postagem no Facebook do caso 5.....	95
Figura 14 – Gráfico das reações dos usuários com as postagens.....	99
Figura 15 – Gráfico dos comentários com e sem curtidas.....	100
Figura 16 – Gráfico das correntes feministas nos comentários.....	102

Introdução

Esta pesquisa partiu de uma constatação de que muitas das referências construídas e configuradas na sociedade contemporânea estão se formatando de um outro jeito, no qual as relações sociais se articulam de uma forma mais colaborativa e não mais de forma impositiva. Para observar essa configuração, o que se propôs fazer neste estudo foi refletir sobre a formatação do movimento feminista nas redes digitais, por entender que o feminismo vem se estruturando dentro desse outro contexto.

Como formatação, entende-se a definição proposta em dicionários, que diz que a palavra pode ser entendida como a) segmentação do espaço de armazenamento de um meio magnético para que ele possa receber dados e b) disposição geral dos elementos visuais de um documento. Assim, a formatação pela qual a sociedade está passando é tal qual quando é preciso apagar os dados de um pen-drive lotado de informações para que ele possa receber novas informações. Além disso, o que estimula a produção deste estudo é também verificar como está se definindo essa outra configuração da sociedade, observando como os processos estão sendo dispostos no mundo.

É importante dizer que esse outro formato da sociedade ainda se desenha e que não é totalmente palpável para ser colocado dentro de uma definição fechada. Contudo, alguns elementos começam a tomar corpo e passam a ser teorizados por pensadores contemporâneos, na chamada sociedade pós-moderna. O sociólogo Michel Maffesoli (2010) é um dos teóricos que já estão refletindo sobre esse cenário em que estamos vivendo. Para ele, o ser humano encontrou uma outra forma de “estar-junto” (MAFFESOLI, 2010), na qual constrói as relações de forma colaborativa, estimulando relações irmãs. Em sua obra “Saturação” (2009), o sociólogo disserta sobre como a sociedade está saturada de relações impositivas, onde as ordens vêm de cima para baixo, fruto de décadas vivendo sob a tutela do racionalismo. Para ele, um outro tempo parece estar se formando onde deixa-se de viver em um sistema fecundativo, no qual o homem impõe suas necessidades e ideias sobre os outros elementos da sociedade, para a construção de um sistema que ele chama de “invaginação de sentidos” (MAFFESOLI, 2010), que se estrutura em um esquema espiral onde as relações são formatadas de todos para todos, ou seja, onde a sociedade é construída sob a ótica de diversos participantes.

Trata-se da “ingressão”, que significa “retomar um estado anterior, voltar atrás, ao ventre e às raízes”. Estamos em um processo de saturação na sociedade que demanda um retorno a tudo aquilo que desconstituímos da nossa vida: a natureza e a cultura. Assim, o autor propõe a progressividade para combater esta visão de mundo onde existe um processo de dominação do homem para a natureza ou cultura. A saturação nos leva a avaliar as relações sociais como irmãs, como codependentes. O homem sempre dependeu da natureza, da cultura e até da tecnologia, então deixa de fazer sentido essa visão de que esses elementos são opostos. É esse processo que ele batiza de ecosofia (MAFFESOLI, 2010), onde o contrato social deixa de estar baseado na racionalidade, priorizando o pertencer, a experiência e o compartilhamento de sentimentos.

Neste sentido de mudanças das práticas sociais, é possível afirmar que o esquema da rede também vem alterando o desenvolvimento da comunicação e da interação política. Deixou-se para trás um sistema de comunicação unidirecional, no qual a informação era transmitida por um canal do emissor ao receptor, para outro sistema totalmente plural e interativo. A arquitetura de informação nas redes é composta de diversos atores que ajudam na construção do conteúdo. Para entender a constituição das redes, este estudo se faz valer da Teoria Ator-Rede, desenvolvida, dentre outros, pelo sociólogo francês Bruno Latour (2012) ainda na década de 1980. Essa teoria abre espaço para o protagonismo dos diversos atores de uma ação – ou actantes, como ele vai dizer. Em um primeiro momento, o autor determina um novo entendimento do social. Para ele, o social deve ser visto como algo mais amplo, não só para se referir aos humanos e às sociedades modernas, mas sim compreendido como uma forma de agregar e associar o homem com os “não humanos”, ou seja, os vários organismos da sociedade – seja a tecnologia ou natureza, por exemplo.

Trazendo o olhar para o contemporâneo, com foco nas redes digitais, esse pensamento colaborativo da construção da informação e das ações fica ainda mais latente. Na troca de informações online, é possível identificar diversos agentes da ação. O aparelho celular e o acesso à Internet deixam de ser meros elementos tecnológicos e ferramentais, e passam a colaborar na construção da informação e na subjetivação da comunicação. Já não é possível entender que o homem concentra os mecanismos para comunicar uma mensagem. O processo de construção da informação ocorre a partir de relações híbridas entre diversos tipos de agentes, portanto faz-se pertinente levar em consideração a colaboração da ecosofia (MAFFESOLI, 2010) para se entender as relações sociais e da

Teoria Ator-Rede para se pensar a construção das ações. O estabelecimento de um paradigma para a compreensão da sociedade pós-moderna, portanto, auxilia no entendimento de como os agentes da comunicação desenvolvem seus papéis dentro de uma sociedade formulada em redes. A hibridez das relações sociais contemporâneas é o ponto de partida desta pesquisa, partindo da premissa que o movimento feminista brasileiro se estrutura dentro dessas mudanças, e que está encontrando nas redes digitais um ambiente para discutir pautas e construir informações colaborativas a partir de agentes diversos, não ignorando as relações entre cultura, natureza e tecnologia.

O que se vem observando é que o movimento feminista brasileiro está passando por um processo de pluralização, facilitado pelas redes digitais, pelos novos processos de comunicação e pela hibridização dos agentes. O pressuposto que norteia o estudo é que temas ligados ao feminismo vêm se difundindo na sociedade brasileira em função dessas novas formas de comunicação em rede, o que vem possibilitando uma transformação e ressignificação do movimento feminista. Nas redes, o feminismo encontra mais um espaço para desenvolver ideias e debates, fora de nichos específicos, englobando agentes que talvez não tivessem acesso ao movimento de outra forma. Esse fator faz com que as discussões sobre o feminismo sejam feitas de uma outra maneira, com ideias que talvez não estejam em total consonância com o movimento feminista, mas que de alguma forma ajudam a ampliar o debate. Além disso, nas redes digitais o movimento também encontra aqueles que são contrários ao que prega o movimento, impulsionando um espaço para que o assunto seja debatido fora de um ambiente amigável.

Para poder refletir sobre essa questão, foi proposto o estudo de cinco casos de relevância nacional a partir de postagens da página feminista “Não Me Kahlo”, no Facebook. Durante a elaboração desta pesquisa, esta era a página que tratava sobre o feminismo no Brasil com o maior número de seguidores. Os casos escolhidos, por meio de critério de relevância de buscas no Google Brasil, foram: a prova do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) de 2015; a votação do Projeto de Lei 5069/2013, que trata sobre o atendimento de vítimas de abuso sexual; a campanha #MeuAmigoSecreto, que denunciou o machismo cotidiano brasileiro; a reportagem da Revista Veja intitulada “Bela, Recatada e do Lar”, e um caso de estupro coletivo no Rio de Janeiro. Os debates desses casos nas redes digitais pareceram se encaixar dentro desse outro ambiente no qual o feminismo se encontra atualmente, onde muitos agentes participam das discussões,

favoráveis ou não ao tema, alterando a forma em que se dá a conversa dos casos. Além disso, é possível afirmar que os cinco casos escolhidos só ganharam tamanha repercussão justamente por causa das redes digitais, uma vez que elas ampliaram o debate deles.

Assim, este estudo teve como objetivo observar, a partir da Análise de Conteúdo das postagens sobre esses casos e dos comentários feitos pelos usuários, como é a formatação do movimento feminista brasileiro nas redes digitais. Especificamente, tentou-se refletir sobre essas construções do feminismo a partir do compartilhamento de informações que circulam nas redes digitais, tentando perceber os aspectos dessas relações sociais que são moldadas por diversos agentes e como ela se desenvolve dentro das redes.

No primeiro capítulo desta dissertação, haverá a reflexão sobre o novo paradigma que se instala na sociedade contemporânea, a partir da ótica da ecosofia, de Michel Maffesoli, da Teoria Ator-Rede, de Bruno Latour, e como a comunicação se estrutura, a partir dos estudos de Massimo Di Felice. Esse conteúdo teórico possibilitou o entendimento desta nova formulação da sociedade em que as relações deixam de ser realizadas no sentido vertical e assumem a característica de horizontalidade, em redes. O objetivo desse capítulo foi tentar associar essas mudanças com a articulação do feminismo nas redes digitais. No segundo capítulo foi refletido sobre a teoria de dominação masculina, que entende que o padrão estabelecido na sociedade moderna parte da visão do homem, a partir de três autores, Elisabeth Badinter, Pierre Bourdieu e Simone de Beauvoir, seguido da apresentação de pesquisas que já inserem o movimento feminista brasileiro dentro do contexto de redes digitais, além de trazer os dados de acesso à Internet no Brasil e da ferramenta social Facebook, apresentando os objetos de estudo. No terceiro capítulo aborda-se a discussão metodológica, com os dois métodos escolhidos para a elaboração desta pesquisa, sendo a Análise de Conteúdo, apoiada na Análise de Redes Digitais, apresentação da página “Não Me Kahlo”, dos casos escolhidos e dos critérios para a análise dos dados colhidos para a elaboração desta pesquisa. Ainda no terceiro capítulo é apresentada a Análise de Conteúdo de cada postagem sobre os casos, bem como possíveis interpretações sobre os resultados, e uma análise geral dos dados observados. Por fim, é possível verificar as considerações sobre o processo do estudo desta dissertação, com reflexões sobre o conteúdo estudado e observações sobre a formatação do feminismo na sociedade contemporânea.

1. Os novos atores da comunicação na sociedade saturada e conectada

1.1 Sociedade saturada

O sociólogo francês Michel Maffesoli (2010) argumenta que a sociedade está em um processo de saturação, entendida pelo autor como uma consequência do excesso do pensamento racionalista que foi instituído durante o período da modernidade. A proposta apresentada pelo sociólogo nos ajuda a pensar o contemporâneo a partir do que ele vai denominar de ecosofia. Esse termo é apresentado na obra “Saturação” (2010) e trata-se de uma mudança de paradigma para entender a sociedade, no entendimento de que a racionalidade humana, onde o homem é predador da natureza, está sendo substituída pela sensibilidade com o natural e uma outra forma de se relacionar com a natureza, substituindo a busca pelo progresso para um ambiente de harmonia com o sensível. O autor entende que a sociedade pós-moderna clama pelo apocalipse e coloca a figura do feminino, por meio da “invaginação dos sentidos”, no centro da sua teoria para apresentar a ideia do retorno ao estado natural do mundo. A modernidade deu a entender que tínhamos superado essa visão de colaboração com a natureza ou com a técnica, o que levou ao homem passar a ter uma relação de dominação com os demais elementos que compõem a sociedade. Para Maffesoli (2010), é preciso deixar essa visão racionalista e progressista de lado e pensar as relações de forma mais naturais, estruturadas em rede. No decorrer deste capítulo serão expandidas as definições destes conceitos apresentado pelo autor.

Maffesoli afirma que estamos vivendo o limiar de uma nova era em que as ideologias dos séculos XVIII e XIX já não são mais suficientes para explicar o mundo. Durante o período conhecido como sociedade moderna, deu-se prioridade ao desenvolvimento da economia, trabalho e produtividade, os três pilares do “êxito da modernidade e seu bom desempenho” (MAFFESOLI, 2010, p. 28). Porém, o autor afirma que atualmente, dentro do contexto pós-moderno, é preciso dar espaço para o “vasto espaço dos pensamentos amplos” (ibidem, p. 19) e libertar-se do aprisionamento pragmático. Maffesoli acredita que estamos sob uma conspiração do silêncio na qual a opinião publicada, que pretende ser um saber científico, predomina na visão da sociedade.

Esse aprisionamento pragmático é consequência, na visão do autor, de um tipo de conhecimento que reproduz ideias convencionais.

Apesar de a sociedade estar nesse limiar de um novo tempo, ainda é possível identificar essas características de ideias convencionais que predominam e reforçam um esquema societário que priorizam o desenvolvimento da economia, do trabalho e da produtividade. Dentro da lógica moderna da ciência, o objetivo é compreender o processo estudado e reproduzir a ciência para fins utilitaristas, não mais de completude sobre o conhecimento em si. O aspecto social da ciência perdeu-se nesse processo racional em que se busca o êxito.

O autor afirma que o racionalismo de Descartes criou um predomínio de um pensamento de origem europeu, o centro do mundo, e que essa visão Ocidental da sociedade acabou ecoando mundo afora, criando um certo tipo de domesticação do homem baseada na moral de uma sociedade “sem mácula”. Para reforçar esse ponto, o autor cita a dicotomização do mundo iniciada com a Bíblia, que gerou a divisão entre a Luz e as Trevas, e também definiu a tradição do pensamento ocidental. Dentro dessa divisão, também passa-se a entender que o homem é um elemento diferente da natureza, o que abriu caminho para um processo de dominação do natural e de tantos outros elementos. O homem, visto sob a ótica da polaridade ocidental, assume o papel da Luz ou do Bem, portanto ele deve domesticar e dominar as Trevas e o Mal, que são entendidas como todos os outros agentes da sociedade. Ainda usando da Bíblia para exemplificar suas ideias, o autor recorda sobre a história de Adão e Eva, no qual lhes foram entregues o Jardim do Éden para cultivar. “O homem deve dominar a Terra. Ele tem a posse da fauna e da flora” (MAFFESOLI, 2010 p. 70) e, portanto, as domina. Assim, com esse pensamento racional, aconteceu o que o sociólogo chamou de devastação do mundo. A adoção desse procedimento analítico, baseado na ciência moderna empírica, possibilitou o esclarecimento da vida natural e social uma vez que o mundo passou a ser estudado a partir de regras duras e leis universais. O esclarecimento da sociedade, porém, teve um preço, que foi tornar os demais elementos da sociedade em algo manipulável pelas mãos do homem. Baseada na razão, a civilização entrou na “Marcha Real do Progresso” e foi sobre essa “lógica da dominação que vai ser construído o mito do Progresso e do igualitarismo” (MAFFESOLI, 2010, p. 33). Este mito do Progresso, segundo o autor, está baseado na

separação e na dominação do homem perante todas as outras coisas. Foram essas duas características, separação e dominação, que levaram o homem a romper com seu ambiente natural e a explorá-lo. O homem, nesse cenário, representa a “Razão soberana”, enquanto a natureza, a tecnologia e a cultura estão à disposição para servi-lo.

A modernidade trouxe consigo a negação do instinto do homem, da sua natureza selvagem que precisou ser canalizada pelo Estado, religião e instituições. Seria o que o autor chama de “resquício diabólico” e, portanto, precisava ser domado.

É essa 'lógica do dever ser' que vai ser encontrada na educação, na vida social, na organização asséptica da existência. Sociedade sem riscos em que a morte negada leva, como se pôde dizer, a que o fato de não se morrer mais de fome ou de frio é compensado pelo fato de morrer de tédio. (MAFFESOLI, 2010, p. 69)

Maffesoli considera ainda que a dominação exercida pelo homem não esteve focada apenas sobre a natureza e ambiente, mas também levou efeitos para o indivíduo e ao social a partir do momento em que criou-se uma sociedade homogeneizada, una e indivisível. Mas, para ele, esse modelo unitário está saturado e a heterogeneidade volta a tomar seu espaço: “quando uma forma da trama social fica saturada e que outra (re)nasce, isso acontece, sempre, com receios e temores” (MAFFESOLI, 2010, p. 31). A sociedade está passando por um processo de transformação onde fica explícito que é preciso aceitar o natural do homem. Essa mudança, como o próprio Maffesoli ressalta, não acontece sem abalar as estruturas de formação da sociedade. O que está em jogo é uma mudança nos valores que regem o cotidiano. Essa saturação fica clara quando se vê a criação de movimentos ecológicos que visam denunciar a exploração e dominação da natureza como elemento para o crescimento econômico, chamando atenção para o fato de que o meio ambiente é parte importante da constituição do planeta. É perceber que nossa relação com as técnicas nunca foi de subserviência, mas de troca.

Maffesoli explica que a palavra crise, que pode ser aplicada neste contexto, traz um significado para que se possa entender que chegou um momento para retornar aos fundamentos. O autor acredita que a modernidade e o pensamento racional tiveram seus efeitos benéficos. Eles só não funcionam mais. Ele avalia: “quando uma civilização já deu o melhor de si mesma, ela sente a necessidade de retornar a sua origem” (MAFFESOLI, 2010, p. 21). Na visão dele, é hora de retornar para bases que, em um primeiro momento,

parecíamos ter ultrapassado. “A época fica à espera de seu próprio apocalipse”, que segundo Maffesoli, é aquilo que apela para a revelação das coisas e expressa, nesse sentido, a necessidade de recomeçar e aprimorar o que esclerosou. Ao fazer uma metáfora com a ninfa Calipso, da mitologia grega, o autor afirma que a revelação é consequência do ocultamento, dando a entender de que foi preciso a instalação do pensamento moderno para que fosse possível perceber o que ficou para trás. O apocalipse que revela o que está oculto nas fundações sociais. Para o autor, existe uma inversão de polaridades em curso e uma outra maneira de estar-junto (MAFFESOLI, 2010), que ainda tem-se dificuldade em compreender.

O empenho, através da educação e de uma organização puramente racional do estar-junto, ou ainda do utilitarismo próprio da economia moderna, para eliminar os afetos, os impulsos, os sentimentos fundamentais do animal humano. Este, a princípio sob o olhar de um Deus dominador, passou, em seguida, ao controle de um Estado não menos onisciente. Nos dois casos, a verticalidade da razão soberana era o fundamento da vida social. (MAFFESOLI, 2017, p. 3)

A modernidade foi um sistema totalitário e totalizante, e criou um “indivíduo-indivisível reduzido a uma identidade sexual, ideológica, profissional” (MAFFESOLI, 2010, p. 76). Esse tipo de homem foi adequado para um tempo que termina. Para a pós-modernidade que se instala, esse tipo de categorização já não faz mais sentido. É preciso substituir a racionalidade por uma ordem emocional e entender a sociedade como um “ambiente viscoso”, em que a comunidade está ligada ao território. “O homem não mais separa, parte em pedaços a realidade para tornar-se mestre e senhor dela, mas é um ser humano que, em sua inteireza, reencontra a especificidade e o aspecto fecundados da matriz” (MAFFESOLI, 2010, p. 82).

Assim posto, Maffesoli propõe a invaginação dos sentidos, o “retorno à natureza essencial das coisas”. O termo faz contraposição com a visão de que a sociedade moderna ocidental foi uma “era espermática”, na qual o homem era tido como dominador na sociedade. O homem, nessa visão de imposição, é visto pelo autor como um “herói fecundador” da sociedade, fazendo alusão ao fato de ele ser dominador, de ser o único agente possível de uma ação. O que o autor propõe, então, é uma inversão de polaridade na qual as relações sociais deixam de ser verticais, portanto espermáticas, para serem espirais, femininas. É retornar à Terra Mãe e aceitar, então, a selvageria e a potência do homem, não

no sentido profano, mas no entendimento da naturalidade das ações do homem. “O selvagem é uma expressão da potência nativa, primordial, societal, que o poder social, econômico, político, empenhou-se em suprimir” (MAFFESOLI, 2017, p. 3). É entender que o homem é formado por um conjunto híbrido de elementos e de coisas que se unificam. O sociólogo diz que a invaginação dos sentidos é dizer sim ao que existe, é parar de querer fecundar uma perfeição ilusória e contemplar a existência do natural. É estar saturado da busca pelo progresso a qualquer custo.

A lei do Pai, como o autor denomina, “a de um Deus único, ou do Estado onipotente, a do patriarcado e da predominância masculina” (MAFFESOLI, 2010, p. 52), está superada. Volta-se a lei dos irmãos, composta pelo processo colaborativo entre elementos e na sensibilidade natural. O entendimento é migrar do progressismo para a progressividade, daquilo que “pensávamos ter deixado para trás” para aceitar aquilo que é. O autor entende que o progresso domestica o natural do mundo e o selvagem do homem, eliminando os “afetos, os humores, os sentimentos fundamentais do animal humano” por meio da soberania da razão. A progressividade acentua o presente, o interior e o melhorar, ao contrário do progressismo que abre espaço para o além, o fazer e o desenvolvimento de um estar-junto. Na força natural do progressivo, “o qualitativo reencontra um lugar primordial” (MAFFESOLI, 2010, p. 65). A progressividade, segundo o autor, é o meio termo entre o progressismo e o antiprogessismo, por entender que é possível haver desenvolvimento tecnológico de um modo sustentável. “A progressividade é uma espiral que evita a flecha do progressismo e o círculo do retorno ao passado”. É por isso que o autor não propõe simplesmente um retorno ao passado, mas a ingressão, ou seja, em retomar um estado anterior para o início de uma nova era. “Em lugar de continuarmos em um mito do Progresso que está causando a devastação do mundo ou de voltar para as cavernas, optamos pela sinergia entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico¹”, continua.

O autor volta para a mitologia grega para contrapor a visão do racionalismo e da emoção, ou, então, da sociedade moderna para a ecosofia. O filósofo relaciona a história de Prometeu com a modernidade, que prioriza “o poder do fazer, da ação brutal e do

¹ Trecho de entrevista de Michel Mafessoli para o jornal O Estado de S.Paulo, publicada em abril de 2011. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral.por-um-retorno-a-terra-mae-imp-,710690>>. Acesso em 23 de abril de 2017.

desenvolvimento sem freio”, e a de Dionísio com a ecosofia, que, por sua vez, “se liga a mover do interior, a produzir uma potência natural” (MAFFESOLI, 2017, p. 4). “Trata-se aqui de figuras espirituais, mas são também símbolos operatórios, já que permitem ver, sob um novo dia, uma vida cotidiana em que o bem-estar não é nada em comparação ao melhor-ser” (ibidem). Ou seja, para o autor o bem-estar é construído dentro da visão do progressismo, no qual se ignora o melhor-ser para buscar algo que não é natural e que demanda um processo de dominação sob algum elemento. Dionísio, por representar o caótico, é a caracterização desse novo homem: que busca o melhor-ser a partir do momento em que aceita o seu estado natural.

Essa mudança de paradigma para entender a sociedade também demanda pensar as relações sociais de forma diferente. Além de compreender o homem em parceria com a natureza e tecnologia, um outro aspecto deve ser levado em consideração na ecosofia. Na modernidade, as relações sociais eram baseadas na produção e na construção do progresso, ou seja, o estar junto só valia quando estava ligado ao trabalho. Agora, o contrato social deixa de ser erguido com base na razão. O homem deixa de ser o indivíduo individualista e passa a se fragmentar em diversos corpos tribais. Maffesoli faz outra leitura para o homem pós-moderno e não o destaca pelo seu individualismo. Ele entende que essa categorização é consequência da modernidade racional, e se estamos na inversão de polaridade, essa afirmação deixa de ter sentido. Ele argumenta: “Pensa-se, age-se, fala-se pelo outro. É a tribo que faz de mim o que sou, que me impõe códigos, modos de vestir, práticas languageiras” (MAFFESOLI, 2017, p. 7). O autor reconhece o pluralismo como constituinte do homem, no sentimento de fazer parte de diversas experiências tribais. A duplicidade do homem é gerada pelas tribos pós-modernas que expressam a selvageria da natureza. É nessa nova constituição de grupos que o homem se abre ao natural. Maffesoli determina que a ordem simbólica pós-moderna tenha a Internet como um espaço para a difusão dos “os diversos saberes, os movimentos de rebelião, as reuniões espontâneas (flashmob), as trocas comerciais, eróticas, religiosas ou filosóficas” (2017, p. 11), criando uma espécie de sociedade alternativa para se combater a dominação tecnocrática.

Nesse sentido, essa ideia do feminino, da invaginação dos sentidos, deve ser entendida aqui como aceitar o natural das coisas, em que não se busca mais a perfeição e o desenvolvimento, em uma direção de imposição, mas em um movimento que dá espaço às

relações humanas baseadas na emoção. É entender que não há necessidade de relações dominadoras, mas sim de vínculos. Apesar de Maffesoli não fazer uma citação direta a Jean-Jacques Rousseau, a ideia sobre retornar ao natural lembra os pensamentos do “bom selvagem” do filósofo iluminista. Para Rousseau, o estabelecimento da sociedade, dentro de um contexto de civilização moderna, corrompe o homem, que deixa de lado o estado de natureza que lhe fornece características positivas. Ele escreve: “a maioria de nossos males é obra nossa e (...) os teríamos evitado quase todos conservando a maneira de viver simples, uniforme e solitária que nos era prescrita pela natureza” (ROUSSEAU apud LEOPOLDI, 2002, p. 160). Rousseau, porém, dizia que o homem primitivo vivia no isolamento, o que favorecia o amor a si próprio, eliminando o desejo de ser melhor ou maior que o outro. Ele observa que essa característica faz com que o homem primitivo seja livre de vícios e virtudes, fazendo com que ele não seja mau justamente por não saber o que é ser bom. Assim, a sociedade iluminada, baseada no racionalismo, mancha essa imagem do homem primitivo por apresentar a ele as mazelas do progresso. O professor José Sávio Leopoldi argumenta que para Rousseau, diante da coletividade criada na civilização, os homens “acabam impelidos para uma vida (...) que os desvirtua pelas próprias consequências negativas que brotam irremediavelmente da convivência social” (LEOPOLDI, 2002, p. 163). O filósofo iluminista entende que o retorno ao estado primitivo é algo impossível, mas argumenta que as qualidades deste homem poderiam ser adotadas pelo homem civil. Com as mudanças advindas da sociedade racional, a formação de famílias, aumento da população, sedentarismo, dentre outros, Rousseau percebe que o homem passa a se estabelecer dentro da sociedade civil, minando seus instintos primitivos cada vez mais. Leopoldi ressalta:

Compromissos, alianças, amizades concorrem para multiplicar a capacidade humana de melhorar as condições de subsistência e aumentar cada vez mais o bem-estar dos indivíduos. Mas essa conquista traz embutida a semente do infortúnio humano que brota necessariamente da vida em sociedade. Então, num movimento aparentemente paradoxal, o homem primitivo vai mergulhando cada vez mais profundamente nas águas da sociedade, contaminadas pelos germes das paixões desenfreadas que sufocam suas qualidades naturais e irremediavelmente o empobrecem e infelicitam (LEOPOLDI, 2002, p. 165)

A sociedade civil, portanto, mina o espírito livre do homem. Esses pensamentos fazem estabelecer uma conexão direta com as propostas de ecosofia do Michel Maffesoli, quando o sociólogo propõe o retorno o estado natural do ser humano, justamente dizendo

que é preciso deixar de lado os comportamentos que surgiram com a sociedade racional, como o egocentrismo e a perfeição, para aceitar a selvageria do humano.

Outro ponto passa a ganhar importância para este estudo: perceber que o movimento feminista é um movimento que só existe por esses vínculos que são desenvolvidos nas redes, envolvendo homem, natureza, tecnologia e cultura. É partilhar ideias, debater assuntos e construir um feminismo em conjunto. A colaboração entre os elementos é vital para o movimento feminista. Dentro dessa argumentação, percebe-se que o autor está defendendo uma mudança nos valores que regem a sociedade. A ecosofia trata de alterações de comportamento que ainda não estão claras, mas que dão pistas de que já estão presentes em diversos setores da sociedade. A estruturação em rede, seja física ou digital, se formata em um sistema interativo e colaborativo. Isso reflete nas relações sociais, que passam a criar laços motivados por algo além do desenvolvimento econômico ou da razão. É justamente esses novos valores que visam ser estudados. É entender o que motiva o movimento feminista brasileiro a criar articulações nas redes digitais, buscando compreender o que as move e como essas relações são formatadas. Nas redes digitais, percebe-se que o movimento feminista tem essas características agregadoras, criando uma articulação no formato exemplificado por Maffesoli (2010), mesmo que passageiras. Assim, as ideias de Maffesoli contribuem para a reflexão sobre esses assuntos uma vez que ele propõe pensar sobre essas mudanças contemporâneas da sociedade.

1.2 Sociedade conectada

Os estudos do sociólogo francês Bruno Latour também criticam o processo pouco orgânico pelo qual a sociedade foi submetida no último século e enfatizam a separação do que chamou de “coisas-em-si” e os “humanos-entre-eles” no processo em que o homem dominou os demais elementos. A proposta dele, partindo da premissa de que “Jamais Fomos Modernos” (2013), é uma “nova forma que se conecta ao mesmo tempo à natureza das coisas e ao contexto social, sem, contudo, reduzir-se nem a uma coisa nem a outra” (LATOURE, 2013, p. 11). O autor defende que nunca fomos modernos por entender que a modernidade e o racionalismo, na verdade, falharam em separar os humanos dos não-

humanos. Durante o período moderno, na visão do sociólogo, o que aconteceu foi uma amplificação das relações entre os elementos da sociedade, mesmo apesar de operarem em um sistema que separou, pelo menos em tese, a divindade, o humano e o natural. Para Latour (2013, p. 47), a modernidade falhou por não entender a “correspondência direta entre a ordem social e a ordem natural” e por não permitir que esses desdobramentos fossem pensados. Assim, a proposta do autor é que a construção do conhecimento seja feita em redes híbridas, que levam em consideração a subjetivação do homem, natureza, tecnologia e cultura. Afinal, “tudo acontece no meio, tudo transita entre as duas, tudo ocorre por mediação, por tradução e por redes” (LATOURE, 2013, p. 43).

Não temos outra escolha. Se não mudarmos o parlamento, não seremos capazes de absorver as outras culturas que não mais podemos dominar, e seremos eternamente incapazes de acolher este meio ambiente que não podemos mais controlar. Nem a natureza nem os Outros irão tornar-se modernos. Cabe a nós mudar nossas formas de mudar. Ou então o Muro de Berlim terá caído em vão neste ano miraculoso do Bicentenário, nos oferecendo esta lição ímpar sobre a falência conjunta do socialismo e do naturalismo. (LATOURE, 2013, p. 143)

O que o autor propõe, em um movimento que parece se assemelhar com Maffesoli (2010), é abrir espaço para entender as relações humanas de uma outra forma. É preciso mudar o pensamento de que o homem é controlador das ações para compreender que existe uma relação de co-dependência entre os elementos que compõem a sociedade. “Por quanto tempo seguiremos uma conexão sem que objetos se interponham? Um minuto? Uma hora? Um microssegundo?” (LATOURE, 2012, p. 117). Esse questionamento propõe que deixemos de lado a dicotomia entre objetos e humanos, abrindo espaço para uma certa reconciliação com o papel desempenhado pelos “não humanos” na sociedade. Vale acrescentar, porém, que Latour não espera que haja simetria entre humanos e os não humanos, mas sim que as divisões entre essas categorias sejam ultrapassadas e reduzidas.

Outro aspecto relevante do pensamento de Latour (2012) é a tentativa de mudar o entendimento da palavra “social”. Ele argumenta que as mudanças provocadas por essa outra recepção nas relações entre humano, cultura e tecnologia fizeram com que o social fosse diluído. Na sociedade moderna, na qual a ciência era uma “necessidade absoluta”, convencionou-se usar o social para denominar o campo do humano, distinguindo-o e separando-o de outras esferas como psicologia, economia ou direito. Era o social para explicar o que nós, humanos, fazemos em sociedade. Para o autor, porém, a palavra

“social” deve ser entendida para explicar algo heterogêneo, que representa uma série de associações entre elementos diversos. “Sob este ângulo, o adjetivo ‘social’ não designa uma coisa entre outras, como um carneiro negro entre carneiros brancos, e sim um tipo de conexão entre coisas que não são, em si mesmas, sociais” (LATOUR, 2012, p. 23). É entender que todos os elementos heterogêneos precisam ser reunidos novamente, em um contexto híbrido. O social, nessa visão, só é possível de se enxergar pelos traços que dissemina quando “uma nova associação se constitui com elementos de modo algum ‘sociais’ por natureza” (ibidem, p. 27).

É dentro deste contexto de pensamento, do que chamou de “sociologia das associações”, que Bruno Latour vai propor a Teoria Ator-Rede (TAR) para poder entender esses outros agentes “não-humanos” que desempenham papéis na sociedade, entendida aqui como uma rede de lugares. Essa visão quer entender a sociedade e a comunicação como algo híbrido, subjetivada por uma multiplicidade de agentes, que ele denomina de actantes, e não apenas pelo homem, que até então era visto como aquele que cria e define o mundo.

O que o autor propõe é “vislumbrar ordem” sobre os desdobramentos de uma ação a partir dos movimentos dos agentes, que vão “definir e ordenar o social” (LATOUR, 2012, p. 44). A proposta de Latour (2012) é adotar uma metodologia cartográfica na análise, por entender que não se pode buscar o “rigor geométrico por uma grade cartesiana” (ibidem, p. 45) dentro de um cenário totalmente abstrato, no qual os atores precisam desenvolver as ações para que o analista possa rastrear as conexões. É trabalhar sobre uma areia movediça (LATOUR, 2012), de forma lenta e paciente, tendo em mente que o desenvolvimento das ações pode ser interrompida a qualquer momento por cinco motivos, que o autor chama de “incertezas”: pela própria natureza do grupo, das ações, dos objetos, dos fatos e, por fim, porque nem sempre fica claro que estudos sob a ótica da ciência social são empíricos.

Para aplicar a Teoria Ator-Rede, Latour (2012) diz que é preciso partir das controvérsias sobre os agrupamentos híbridos que serão estudados. Não se pode inferir que o grupo terá relevância ou poder para compor os agregados sociais adotando um procedimento de verificar os atores e sair “pelo mundo rastreando as pistas deixadas pelas

atividades deles na formação e desmantelamento de grupos” (LATOUR, 2012, p. 51). Na TAR, o sociólogo afirma que deve-se usar a infralinguagem:

(...) algo que não possui outro sentido além de permitir o deslocamento de um quadro de referência a outro. Em minha experiência, essa é a melhor maneira de fazer com que o vocabulário dos atores seja ouvido em alto e bom som. (LATOUR, 2012, p 53)

O autor sugere que essas controvérsias geradas por um agrupamento social trazem dados novos e interessantes para serem analisados. É somente por essas controvérsias e pelas conexões que um grupo pode ser rastreado. Além disso, Latour (2012, p. 55) acredita que para delinear um grupo é necessário encontrar os “‘porta-vozes’ que ‘falem pela’ existência do grupo”, por entender que eles não se formam por si próprios. O sociólogo ainda faz a distinção entre dois tipos de agentes: os intermediários e os mediadores. Segundo ele, os intermediários são aqueles considerados como uma unidade, que não influenciam na ação e transportam um significado sem transformá-lo. Já os mediadores “transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” (LATOUR, 2012, p. 65). Um dos exemplos dado pelo autor a fim de tornar sua ideia mais clara é uma discussão acadêmica, que muitas vezes pode se transformar em intermediário por ser exclusivamente uma repetição de uma decisão tomada por outro.

Em segundo lugar, o autor também diz ser importante traçar as fronteiras do grupo, pois “é pela comparação com outros vínculos concorrentes que se enfatiza um vínculo” (2012, p. 56). Nesse sentido, o sociólogo explica que quase sempre essa delimitação é feita pelos próprios atores do grupo para mostrarem em qual contexto social estão inseridos.

Fronteiras são demarcadas, delineadas, fixadas e conservadas. Cada grupo, grande ou pequeno, requer um limes [sulco] (...) toda formação de grupo será acompanhada da busca de um amplo leque de características mobilizadas para consolidar as fronteiras desse grupo contra as pressões adversas dos grupos antagônicos que ameaçam dissolvê-lo. (LATOUR, 2012, p. 57)

Com esses elementos definidos, o autor argumenta que a Teoria Ator-Rede tem como objeto de estudo tudo “aquilo que faz o grupo existir, durar, decair ou desaparecer”, sejam por meio de recursos sociais ou por conexões com os “não humanos”. Assim, ele entende que os sociólogos da TAR são movidos a entender “uma fagulha ocasional gerada

pela modificação, pelo choque, pelo leve deslocamento de outros fenômenos não sociais” (LATOURE, 2012, p. 62).

Vislumbrado o modo de como perceber os atores do agrupamento social e entendido a mudança na definição conceitual do social, Latour parte para a teorização do que considera ser a ação:

A ação não ocorre sob o pleno controle da consciência; a ação deve ser encarada, antes, como um nó, uma ligadura, um conglomerado de muitos e surpreendentes conjuntos de funções que só podem ser desemaranhados aos poucos. (LATOURE, 2012, p.72)

Essas ligaduras, aponta o autor, são assumidas por outros e, portanto, partilhadas. “Não estamos sós no mundo”. Antes de seguir na teorização sobre ação, Latour vai explicar que tirou a expressão “ator” dos palcos de teatro justamente por entender que a palavra não consegue determinar exatamente quem ou o quê está atuando no momento da ação. Essa definição é importante para o que ele vem a explicar em seguida: para o autor, a ação é deslocada. “Se se diz que um ator é um ator-rede, é em primeiro lugar para esclarecer que ele representa a principal fonte de incerteza quanto à origem da ação” (LATOURE, 2012, p. 76).

O pesquisador precisa levar em consideração quatro fatores para poder mapear as controvérsias de uma ação. A primeira delas é saber que uma ação é, necessariamente, um relato, fazendo com que o analista consiga apresentar quais traços foram observados para justificar a ação. “Se não dispuser de um veículo para viajar, não se moverá um centímetro, não deixará um único traço, não será registrada em nenhum tipo de documento” (LATOURE, 2012, p. 85). O outro fator que deve ser analisado é que a ação possui uma figura, ou então, como Latour (ibidem) descreve, uma “imagem, uma forma, uma roupagem, um corpo à ação que me proíbe ou me exige fazer alguma coisa”. A figura, nesse caso, pode ser abstrata ou estatística, e serve para registrar e descrever a ação. O terceiro fator é que as ações se opõem a outras rivais, na tentativa de legitimar as ações. Por fim, Latour aponta que os atores tentam justificar os efeitos das ações por meio de teorias próprias.

O conceito de rede está muito ligado ao próprio desenvolvimento das ações que serão estudadas pelos pesquisadores. Segundo Latour (2012, p.189), se todos atores fazem algo, estarão ajudando a tecer uma rede de relatos. O sociólogo explica que não se trata de

entender a rede como uma “forma aproximada de pontos interconectados”, mas sim como um bom texto que “tece uma rede de atores” para estabelecer relações e, portanto, uma “ferramenta que nos ajuda a descrever algo” (LATOUR, 2012, p. 192). “Rede é uma expressão para avaliar quanta energia, movimento e especificidade nossos próprios relatos conseguem incluir. Rede é conceito, não coisa” (ibidem). Nesse sentido, a rede não deve ser o objeto de análise da pesquisa, mas sim os efeitos de transformação que acontecem dentro das redes – e nesse sentido, as redes devem ser entendidas aqui como lugares, devendo ser associadas imediatamente com as redes técnicas do mundo cibernético. Assim, por mais que existam redes dentro da Internet, como as redes sociais, elas não necessariamente geram algum tipo de efeito para que possam ser incluídas na análise da Teoria Ator-Rede.

Na obra *Reagregando o Social* (2012), Latour nos faz olhar para as incertezas. Não há porque se apressar para esclarecer o objeto de um estudo, de colocá-lo dentro de ideias pré-moldadas e bem delineadas. Se nem sempre os atores sabem exatamente o destino das ações que estão promovendo, porque o pesquisador deveria ter tal conhecimento? Nesse sentido, a proposta de Latour vem para agregar durante esta pesquisa, uma vez que as ações realizadas pelo movimento feminista no Brasil passam por mudanças que ainda não estão exatamente claras. Latour (2012) chama atenção para o fato de que as ações geralmente são realizadas por outros impulsos dos quais não temos controle, trazendo um embate ao pensamento racionalista de que o ser humano tem plena consciência de seus atos. O feminismo encontrou outras formas de se articular, portanto os resultados e consequências que isso pode gerar para a sociedade ainda não são quantificáveis. Além disso, Latour também traz pistas de como será possível verificar a articulação e as vozes do movimento feminista nas redes digitais. Na Teoria Ator-Rede seria possível rastrear as conexões sociais que formatam um grupo, e deixar que essas ações estabilizem o social. Latour diz que não é papel do analista tentar fazer essas determinações, mas sim compreender que se algum processo está invisível aos olhos do pesquisador é porque o conjunto não está gerando informações. Nesses contextos, é possível fazer uma relação com Maffesoli (2010): o que Latour está propondo é justamente adotar um olhar natural sobre os processos, e não um aspecto de imposição ou fazer inferências sobre os agrupamentos que estão sendo analisados pelo pesquisador. É na incerteza de Latour que

poderíamos encontrar a progressividade que Maffesoli (2010) propõe. Este estudo, então, não parte do princípio da perfeição.

1.3 Processo de comunicação

Diante dessas outras maneiras de estruturação de sociedade, apresentado por Michel Maffesoli, e de formas de conexões de grupo, dissertado por Bruno Latour, neste subitem é discutido, então, como a comunicação se processa dentro desse cenário. Para tal discussão, serão utilizados artigos do sociólogo italiano Massimo Di Felice, que tem seus estudos também relacionados nos pensamentos de Maffesoli e Latour.

O processo de comunicação tradicional, realizado de forma dialética e linear, no qual o emissor transmite a mensagem para um receptor de forma direta, sem a possibilidade de interferência, deixa de ser o padrão. O que se percebe é que o modelo comunicacional nos formatos de rádio, jornal e TV estão passando por uma transformação em função dessa articulação de uma outra forma de se relacionar, potencializada pelas redes digitais. Assim, a comunicação passa a se estruturar em uma perspectiva reticular de todos-para-todos (DI FELICE, 2008), em um processo colaborativo e dialógico, onde as redes digitais trouxeram à tona uma troca de fluxos não-linear, interativo e plural.

Massimo di Felice teoriza sobre esse processo de comunicação mais colaborativa em diversas obras e artigos, como é o caso de “Ser Redes” (2013), “A Vida em Rede” (2014) e “Pós-humanismo” (2010), dentre outros. Em um artigo publicado na Revista USP, o pesquisador disserta sobre esse outro processo em que a comunicação se insere. Ele ressalta que com as redes digitais, a comunicação se arquiteta em um processo interativo, com a “ausência de centro e da superação da estrutura frontal (emissor-receptor), que marcou a história das interações comunicativas desde o teatro até a TV”, dando “a possibilidade para todos os membros de ter acesso a todas as informações, independentemente de suas localidades e posições” (DI FELICE, 2011-2012, p. 13). Ele continua:

A passagem de um modelo comunicativo baseado na separação identitária entre emissor e receptor e num fluxo comunicativo

bidirecional para um modelo de circulação das informações em rede, no qual todos os atores desenvolvem simultaneamente a atividade midiática de emissão e de recepção, altera a prática e o significado do ato de comunicar. A partir dessa transformação, tal ato torna-se o resultado da interação com os circuitos informativos e a consequência dos estímulos contínuos das interfaces e das distintas extensões comunicativas, evidenciando como o horizonte das tecnologias da comunicação. (DI FELICE, 2011-2012, p. 13)

A arquitetura de informação nas redes é composta de diversos atores que ajudam na construção do conteúdo, portanto é reticular. “São diversos atores que passam a produzir conteúdo, distribuí-los e, ao mesmo tempo, ter acesso a todos eles. Não me refiro apenas a conteúdo informativo, mas podemos falar propriamente de um ecossistema de construção de informações” (DI FELICE; LEMOS, 2014, p. 8). Para o autor, o sistema de comunicação em redes tem sua origem relacionada aos estudos da cibernética, uma vez que ela permitiu o funcionamento de um “sistema-máquina” na comunicação, que passa a ter um aspecto interativo. Di Felice (2011-2012, p. 13) faz um percurso histórico sobre o início do desenvolvimento da Internet para explicar que a rede surgiu de um modelo sem centro, que “permitia o acesso e o repasse de todas as informações a todos os pontos conectados”, bem como possibilitar que todos os membros tenham acesso a todas as informações, “independentemente de suas localidades e posições”.

Diante disso, Di Felice (2011-2012) afirma que a comunicação reticular pressupõe um “experenciar a rede”, estando imerso nela. É por isso que a comunicação, então, passa a ser composta de todos-para-todos, pois todos usuários estão fazendo parte do processo de construção da informação. Esse processo parece estar muito presente na articulação do feminismo nas redes digitais. Percebe-se que as informações sobre o movimento vão sendo construídas de forma reticular, onde todos usuários ajudam na construção de um conhecimento sobre o feminismo nas redes digitais brasileiras. Não existe mais um grupo e/ou pessoa que domina o discurso feminista, que impõe um único saber para os receptores.

O caráter cognitivo da rede, a arbitrariedade de sua forma, a não linearidade, a sua propensão à saída do eixo, a sua estrutura reticular e interativa e a sua não externalidade a tornam uma arquitetura ao mesmo tempo interna e externa a nós, isto é, um ecossistema do qual fazemos parte como participantes e não apenas como observadores externos e independentes. (DI FELICE, 2011-2012, p. 15)

O autor prega que é necessário uma nova teoria de mídia, por entender que as redes digitais não só mudam a forma de interação social, como também afetam níveis da política, economia, cultura, dentre outros setores da sociedade. O papel social da mídia mudou, segundo Di Felice, e vem criando uma hibridização de espaços e fluxos informativos. As práticas sociais também mudaram, em função da criação de um social:

conectado e invisível, que se cria e se desconstrói e reconstrói continuamente alterado pelos fluxos informativos e no qual as transformações dos seus contextos acontecem através de um conjunto de networks dos quais a Internet constitui o sistema operativo. O resultado de tal condição é que o social deixa de ser somente algo que está na nossa frente, observável e reconhecível, para, uma vez deslocado também nas redes, se tornar um conjunto infinito de informações a ser reconstituído e reinterpretado por nós. (DI FELICE, 2011-2012, p. 17)

Nesse contexto reticular, a comunicação deixa de ser apenas a informação trocada entre humanos, mas adquire a característica de se relacionar com diversos elementos, a cidade, as ruas, a natureza, e tudo que possa significar a informação. As redes digitais, conclui Di Felice (2011-2012), devem passar a ser entendidas como um sistema de inteligência coletiva, citando o termo cunhado por Pierre Lévy (2000). Assim, nesta sociedade construída em rede, onde as relações se ressignificam, a configuração da política também se altera. Assim, Di Felice (2012) apresenta o conceito de netativismo, uma teoria que observa o ativismo na Internet como o resultado entre a interação de sujeitos e tecnologias de informação. O autor comenta que o advento das tecnologias digitais e a criação de redes sociais online permitiu um outro modo de desenvolvimento de práticas sociais e de interação política. O netativismo, simplificação da expressão *Network-Ativismo*, entende o ativismo como o resultado entre a interação de sujeitos e tecnologias de informação. Ao ampliar o conceito estudado por Edward Schwartz, que estava voltado para uma democracia eletrônica e participação política, Di Felice ressalta que esse outro tipo de ativismo é formado por uma identidade global colaborativa. “Desta maneira, os objetivos, suas definições, suas disseminações e suas implementações são, em muitos casos, resultados não de um processo unidirecional, mas construídos em rede de forma colaborativa” (DI FELICE, 2012, p. 36).

O autor sugere que os movimentos que surgem nas redes digitais e sem um espaço geográfico delimitado vão de encontro às tradições políticas europeia-ocidental por serem prioritariamente anônimos, ou seja, sem uma organização hierárquica definida, por recusar tomar o poder e por preferir o desaparecimento. Esse tipo de ativismo “resultam da

sinergia de atores de diversas naturezas, pessoas, circuitos informativos, dispositivos, redes sociais digitais, territorialidades informativas” (DI FELICE, 2013b, p. 276). Além disso, esses movimentos têm outras características, como a luta com objetivos múltiplos, serem imprevisíveis e recusarem a institucionalização.

Para Di Felice (2013a), a Teoria do Ator-Rede pode ser identificada de dois modos no netativismo. Uma delas é pela rede disseminativa, que o autor entende como a estrutura de organização das ações dos movimentos, onde é possível evitar o questionamento da autoria dessa ação, limitando a análise às questões políticas e dialéticas entre esse coletivo de agentes e o Estado. A segunda forma é descrita como uma rede de diálogo e pode ser identificada como um espaço “que constroem suas ações através da constituição de uma complexa ecologia que reúnem e agregam humanos, circuitos informativos, interfaces, dispositivos de conexões, banco de dados, *social network*, imprensa, mídias, etc.” (2013a, p. 64). Ou seja, a rede pode ser tanto um espaço para organização da ação, como também um agregador dos actantes que participam das ações.

Manuel Castells (2013) ressalta que as mudanças sociais são frutos de uma “capacidade autônoma de comunicar-se e organizar-se” que nasceu da indignação do povo com o governo e com a classe política – independente de sua organização. Ao analisar os protestos na Islândia, em 2009, e na Tunísia, em 2011, o autor vai afirmar que é possível perceber que os protestos que estouraram em nível mundial a partir de 2009 estão ligados ao “deficit democrático”, “crise de legitimidade política” e “crise do capitalismo especulativo”. Além disso, os movimentos se utilizam das redes digitais e de aparelhos celulares para difundirem mensagens e imagens sobre as mobilizações, bem como se utilizam do espaço digital e físico, criando o que ele chamou de um espaço público híbrido, “constituído por redes sociais digitais e por uma recém-criada comunidade urbana” (CASTELLS, 2013, p. 49). O autor entende que o ativismo digital é constituído por múltiplos atores, com redes preexistentes e outras que se formam durante a ação do movimento, em uma conceituação que lembra a de Di Felice. Castells (2013) diz que por serem “uma rede de redes”, esses movimentos não possuem um centro identificável, se formatam em uma estrutura descentralizada e são simultaneamente locais e globais.

Segundo Castells (2013), apesar do forte papel que as redes digitais possuem, os movimentos ainda ocupam as ruas das cidades. Outro ponto interessante apontado pelo

autor é que “os movimentos são virais, seguindo a lógica das redes da internet” (CASTELLS, 2013, p. 166), ou seja, assim que um outro assunto torna-se mais comentado, o primeiro deixa de ser relevante e é substituído pelo tema do momento. Essas características são encontradas na atual formatação do feminismo. Apesar de estar fortemente ligada às redes digitais, estruturando-se no Facebook e outras mídias online, o movimento ainda ocupa as ruas em certos momentos. Também é possível perceber que o feminismo não possui um centro identificável, e que muitas das pautas levantadas pelo movimento são locais e globais.

Di Felice (2013a, p. 58-59) ainda afirma que para entender os movimentos *net-ativistas* é preciso ter em mente que passamos de uma mídia alternativa, marcada pela produção de conteúdo contracultural, para a mídia participativa, que articula o diálogo a partir do compartilhamento de conteúdo. O ativismo que tem origem nas redes digitais é marcado pelo fluxo informativo e conexões sincrônicas, bem como pela valorização do anonimato e recusa da institucionalização. Aliadas à Internet, percebe-se que essa outra forma de fazer ativismo é gerada por este contexto de organização social em rede, entendida aqui como o paradigma da ecosofia, em que os diversos atores do processo constroem coletivamente a ação.

2. Feminismo em debate: a dominação masculina e o movimento nas redes digitais

2.1 Ser mulher: uma construção social

Dicionários trazem que a origem do termo feminismo data do século XIX, e, apesar de a essência do conceito permanecer a mesma, o movimento feminista vem passando por mudanças ao longo da história. Muitas são as definições e correntes de pensadores para explicar o que foi o movimento. O feminismo radical, por exemplo, prega pelo fim da supremacia masculina por entender que isso determinou os papéis sociais desempenhados por cada gênero, enquanto o feminismo interseccional, por sua vez, se alia a outras minorias para tentar dar voz às demandas do movimento. Além das vertentes existentes, correntes teóricas vão estudar o feminismo a partir de diferentes olhares, como a teoria das “ondas” feministas, pela perspectiva da biologia ou até da discussão de gêneros. Neste trabalho, propõe-se entender o feminismo sob a ótica de três autores, especificamente. São eles a filósofa francesa Elisabeth Badinter, com a obra “Um e o Outro” (1986), o sociólogo francês Pierre Bourdieu, com o livro “Dominação Masculina” (2012), e a filósofa Simone de Beauvoir, com o clássico “Segundo Sexo” (2016). Os autores foram escolhidos para fundamentarem este estudo por entendermos que é importante caracterizar a construção social da figura feminina na sociedade atual. O feminismo é composto por diversas teorias, porém entende-se que estudar a estruturação da dominação masculina imposta no mundo traria mais subsídios para se observar como os usuários se articulam nas redes, para poder verificar se esses padrões também são replicados no digital. Assim, escolheu-se Banditer, Bourdieu e Beauvoir por eles caminharem em uma direção muito semelhante para falar sobre o feminismo, sob uma ótica que parte da construção social de uma dominação masculina que passou a definir o que é ser mulher em sociedade: “a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (BEAUVOIR, 2016, p. 12).

No período pré-histórico, conforme aponta Elisabeth Badinter (1986, p. 25), o dualismo dos sexos já tinha criado uma “classificação binária de aptidões, dos comportamentos e das qualidades”. Apesar da divisão sexual do trabalho, a autora defende

que naquele período ainda existia uma complementariedade entre o homem e a mulher por uma questão de sobrevivência. Segundo os diversos estudos citados no decorrer da obra, Badinter explica que no período paleolítico a divisão de tarefas era prerrogativa para a subsistência do grupo, criando, até mesmo, uma certa igualdade entre homens e mulheres. Elas não participavam das caças, mas “tiveram de praticar a arte de coletar rápida e eficazmente plantas nutritivas, aprender a utilizar instrumentos e aguçar sua percepção do perigo” (BADINTER, 1986, p. 37). A sociedade foi passando por diversos momentos durante o período da pré-história, mas não houve “nenhum momento”, de acordo com a pesquisa de Badinter (1986, p. 87), onde houve o “esmagamento de Um graças à monopolização de todos os poderes pelo Outro”. Ela aponta que a mesma separação entre os sexos não resultava em uma guerra ou exclusão entre os gêneros, mas sim uma divisão de responsabilidades para a sobrevivência do todo.

A partir do fim do período pré-histórico, porém, é iniciado um processo de mudança ideológica. A autora, então, apresenta diversos momentos da história da sociedade em que essa característica da superioridade masculina foi sendo arquitetada e construída socialmente até que se tornasse uma ordem natural. Badinter (1986, p. 95) faz um estudo histórico para mostrar a introdução de um mundo patriarcal, iniciado a partir do século V a.C., no qual o poder nasce do pai, ou seja, do homem, e a mulher se torna um bem, que pode ser comprada ou vendida, em um cenário no qual a sexualidade feminina é extremamente controlada. A partir desse período, foi preciso que o homem criasse uma imposição de “sistemas de representações e de valores que justifiquem tal desequilíbrio” entre os gêneros. Badinter argumenta que a própria constituição do sistema religioso foi uma das responsáveis por criar a dominação masculina na sociedade, a partir do momento em que todas as figuras de deusas são substituídas por um único Deus, um único pai, portanto homem, da humanidade. A autora cita as mitologias grega, árabe e egípcia para demonstrar o papel da mulher na religião até chegar no sistema judaico, no qual a mulher é renegada desde o princípio. Primeiro na própria criação do mundo, onde Deus criou uma terra “vaga e vazia”, portanto sem a capacidade de ser fecundante, como a mulher tem. Em seguida, na criação de Adão, filho de Deus e feito à sua imagem. Eva, filha do homem, e não de Deus, só é criada tempos depois e é renegada depois de cometer o pecado original.

Numerosas são as sociedades patriarcais para quais a mulher é um mal necessário. Não podendo dispensá-la, os homens tomarão o cuidado de

circunscrever seu domínio da maneira mais estreita possível, reduzir ao mínimo a extensão de seus poderes, e enfim impor-lhe uma imagem de si mesma inversa à deles (BADINTER, 1986, p. 108).

Nesse mesmo sentido de construção social, Bourdieu (2012) inicia sua obra afirmando que a sociedade incorpora inconscientemente a dominação masculina, construída socialmente, e reproduz a ordem masculina justamente por estar no meio desse ambiente. Ele vai argumentar que a dominação do homem é uma construção social, definida a partir da diferença com a mulher, e propõe a realização de um “exercício de reflexão transcendental” para analisar a construção do mundo a partir de tais classificações. Assim, a construção da dominação masculina se dá pela “topologia sexual do corpo socializado”, que vai revestir a divisão entre masculino e feminino, estabelecendo uma oposição entre esses tipos de corpos: “alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo, seco/úmido, duro/mole” (2012 p. 16). Esse sistema de diferenças foi naturalizado “de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo” (ibidem). Ou seja, a diferença biológica entre os corpos, que passam a ser vistos como potências sexuais, seria o ponto de partida para a criação de uma ordem masculina no mundo.

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (BOURDIEU, 2012, p. 18).

Esse corpo, continua Bourdieu, foi construído em uma “realidade sexuada”, na qual a própria diferença anatômica entre os sexos justificaria o tratamento diferente entre o homem e a mulher, portanto, gerando um processo que é visto como “quase natural”. Afinal, se a natureza já gerou a diferença entre os sexos, seria natural, segundo a visão defendida pelo autor, que socialmente os sexos também fossem tratados de maneira diferentes.

A definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças (BOURDIEU, 2012, p. 23).

O autor ainda argumenta que o próprio ato sexual é articulado a partir da dominação masculina, mais uma vez reforçando a diferença entre os gêneros e legitimando a posição de “comandante” do homem. A mulher estaria socialmente preparada para uma relação afetiva e íntima, enquanto o homem para uma relação de “conquista orientada para a penetração e o orgasmo” (BOURDIEU, 2012, p. 30). Inclusive, a conquista também aparece quando ao homem é atribuído o papel sobre o orgasmo feminino, que seria uma prova da virilidade do homem e da submissão feminina a ele. Bourdieu, porém, ressalta que a definição social do corpo é uma “construção arbitrária do biológico”, que aparentemente justifica a divisão sexual, do trabalho e de todos os cosmos entre os gêneros. É o ato de reforçar o papel de que o homem é viril e a mulher, feminina, em uma “arbitrariedade cultural” que institui um habitus “diferenciados segundo o princípio de divisão dominante e capazes de perceber o mundo segundo este princípio” (BOURDIEU, 2012, p. 34).

A filósofa francesa Simone de Beauvoir (2016) também trilha um pensamento que parece se assemelhar ao de Badinter e Bourdieu. Na introdução da primeira parte de “O Segundo Sexo” (2016), a autora já apresenta uma linha de raciocínio de que a figura do homem é dominante na sociedade, não sendo necessário declarar sua posição como macho: “Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é evidente (...) O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos 'os homens' para designar os seres humanos” (BEAUVOIR, 2016, p. 11). Do outro lado, no negativo, aparece a figura da mulher², vista como um ser humano limitado e sem reciprocidade. O corpo também é discutido pela autora, que vê nele mais uma justificativa para a construção social da dominação masculina:

(...) há um tipo humano absoluto que é o tipo masculino. A mulher tem ovários, um útero; eis as condições singulares que a encerram na sua subjetividade; diz-se de bom grado que ela pensa com suas glândulas. O

²É interessante ressaltar que a filósofa diferencia o conceito de mulher e de fêmea, uma vez que este último representa o ser humano que nasceu com útero, mas que não necessariamente se sinta mulher. “Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade” (BEAUVOIR, 2016, p. 10).

homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos. Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo, que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão. (BEAUVOIR, 2016, p. 12)

O corpo biológico criou essa separação entre homem e mulher, fazendo com que a mulher, segundo a autora, não se veja como essencial e nem como sujeito. Portanto não há como ela lutar para ocupar um lugar na sociedade. Simone de Beauvoir (2016) explica que as mulheres não se enxergam como “nós”, portanto não possuem um passado ou uma história como outros grupos sociais, tais quais o proletariado, negros ou judeus. “Vivem dispersas entre os homens, ligadas pelo habitat, pelo trabalho, pelo interesse econômico, pela condição social a certos homens – pai ou marido” (BEAUVOIR, 2016, p. 16). A mulher é o Outro dentro da relação com o homem. O homem vê a mulher como Outro e elas se enxergam dessa forma para não perderem o laço com eles.

Simone de Beauvoir afirma que o homem conseguiu impor sua superioridade desde sempre, provando a inferioridade da mulher por meio da religião, filosofia e ciência. Se valendo do que ela chamou de “sentido dinâmico hegeliano”, a filósofa diz que “ser é ter-se tornado”, portanto o homem foi tornado superior e a mulher está em uma posição inferior, “isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve se perpetuar” (BEAUVOIR, 2016, p. 21).

O pesquisador Alan Isaac Mendes Caballero (2016, p. 44), ao comparar o estudo de Bourdieu com o de Simone de Beauvoir, afirma que os autores concordam que o “ser homem e o ser mulher não são representações que partem de raízes diferentes, senão de uma mesma raiz: o masculino”. O pesquisador também aponta que os autores franceses demonstram que a diferença entre homens e mulheres é dada pela valoração dos órgãos sexuais, “nas quais o falo sempre possui uma posição privilegiada em relação ao outro sexo, entendido muitas vezes como vazio” (ibidem, p. 46). Além do caráter sexual de divisão entre os gêneros, Bourdieu (2012) também cita os rituais de instituição, que seriam uma espécie de rito de passagem, como a emancipação da relação entre o filho e a mãe, para que o menino possa garantir sua masculinidade, enquanto a filha não necessita dessa ruptura e pode continuar como dependente dos pais. Já Elizabeth Badinter (1986) também cita alguns rituais que reforçam o domínio masculino, como o processo de "couvade", que se trata de um costume de certas sociedades no qual o homem vivencia simbolicamente o

parto da mulher, dentre outros ritos que servem, segundo a autora, somente para mostrar que “homens devem ter todos os poderes sobre as mulheres, porque eles são essencialmente melhores do que elas” (BADINTER, 1986, p. 119).

Caballero (2016, p. 47) aponta que Simone de Beauvoir argumenta que as desigualdades entre os sexos “não são naturais ou verdadeiras, mas construídas e decididas por suas sociedades para atender os interesses dos homens”:

(...) seus costumes não se deduzem da biologia; os indivíduos nunca são abandonados à sua natureza; obedecem a essa segunda natureza que é o costume e na qual se refletem os desejos e os temores que traduzem sua atitude ontológica. Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza. E, diga-se mais uma vez, não é a fisiologia que pode criar valores. (BEAUVOIR, 2016, p. 64)

Em um pensamento que parece se aproximar da filósofa francesa, Pierre Bourdieu (2012, p. 40) também vai argumentar sobre a valoração da fisiologia dos corpos para a criação de valores sociais ao afirmar que as mulheres passam a utilizar o corpo como sinal de libertação, mas que ainda de uma maneira subordinada “ao ponto de vista masculino”, ou seja, existe um processo de valoração da masculinização do corpo feminino para que elas possam conquistar espaços que, historicamente, são dos homens.

As poses ou as posturas mais relaxadas, como o fato de se balançarem na cadeira, ou de porém os pés sobre a mesa, que são por vezes vistas nos homens — do mais alto escalão — como forma de demonstração de poder, ou, o que dá no mesmo, de afirmação são, para sermos exatos, impensáveis para uma mulher (ibidem).

Esse processo é o que Bourdieu denomina de violência simbólica, que trata-se de um processo de legitimação da dominação masculina na sociedade:

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte. (BOURDIEU, 2012, p. 45)

Ao falar sobre a masculinização do corpo feminino e do processo contrário, do corpo masculino efeminizado, Caballero (2016, p. 50) cita o capítulo sobre lésbicas do livro “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, no qual a francesa descreve que as mulheres homossexuais “desprezam companheiras femininas por não verem vantagem nesse tipo de atitude que confina a mulher à imanência e não permite se aproximar da

liberdade masculina”. O autor também traz as considerações de Bourdieu sobre a vergonha do homem que tem o corpo feminilizado, “enfraquecido, pouco viril, sem honra” (CABALLERO, 2016, p. 50), quando ele não tem suas ações reconhecidas pelos outros integrantes do grupo.

Esse jogo social é um divisor que impede o masculino e o feminino de se confundirem, e canaliza os símbolos sociais para seus respectivos sexos: honra e virilidade para os homens, delicadeza e feminilidade para a mulher. Por esses motivos, a lésbica é ridicularizada, já que tenta assemelhar-se ao homem sendo viril, quando, na verdade, não é possível sê-lo. Os gays também sofrem as consequências desse jogo social, uma vez que a relação sexual pressupõe a penetração, e deixar-se penetrar não é um ato de virilidade, mas de submissão, aceitação e desonra. (CABALLERO, 2016, p. 51)

Os autores relacionados neste item concordam que o sexo biológico foi um dos itens para o início do processo de diferenciação entre o homem e a mulher, mas que a construção social de papéis para cada gênero foi determinante para que a figura do homem se sobressaísse à da mulher. Foi criada uma concepção de que o homem é provedor e a mulher, submissa. Portanto, entende-se que a teoria de dominação masculina explica parte das ações cotidianas da sociedade atual, a qual ainda é construída no patriarcado e na consciência de que o homem é o definidor dos costumes.

2.2 Feminismo nas redes e as bolhas digitais

Dentro de um contexto contemporâneo, em uma sociedade que se articula em redes digitais, esta pesquisa parte do pressuposto de que atualmente o movimento feminista teria passado a circular e ocupar diversos espaços heterogêneos. Assim, ainda que haja uma tentativa de o movimento emplacar uma outra visão que não a de dominação masculina de mundo, outras pautas surgem dentro do feminismo a partir do momento em que ele passa a ser discutido em locais onde não reverberava anteriormente – especialmente nas redes digitais. No Brasil, dados do 2015 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística apontavam que mais de 102 milhões de habitantes³ do país possuíam acesso à Internet naquele ano, representando 57,5% da população brasileira. Desse total de pessoas com

³ Informação disponibilizada em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/11/brasil-supera-marca-de-100-milhoes-de-internautas-diz-ibge.html>>. Acesso em 26 de setembro de 2017.

acesso à Internet, ainda de acordo com o mesmo estudo⁴, 92,1% faziam por meio de um celular e 70,1% pelo computador. Nas redes digitais, o Facebook anunciou em 2016 que 102 milhões de brasileiros⁵ estavam conectados na plataforma desenvolvida por Mark Zuckerberg em 2004.

Com o acesso à Internet ultrapassando mais da metade da população brasileira e com o crescimento do uso das redes digitais, que nos colocam a um clique de distância do outro, pode-se afirmar que estamos mudando a forma de nos relacionarmos, agora de uma forma mais colaborativa e em rede. Assim como foi discutido no primeiro capítulo desta dissertação, estamos vivendo um momento de mudanças de paradigma nas relações humanas. É um momento em que o estabelecimento de vínculos é feito de maneira colaborativa, sem a imposição de uma vontade. O processo de comunicação, nesse contexto, se torna um emaranhado de conexões, onde é estabelecido de todos para todos, e não mais em um sistema onde um veículo de comunicação possui a informação e a repassa aos demais.

A tecnologia digital possibilitou que nossa vida fosse mapeada: onde vamos, o que comemos, qual nossa pressão arterial, com quem nos relacionamos, quais marcas nos identificamos. O “inofensivo” processo de big data ocorre sem nem ao menos nos darmos conta. Dados que fornecemos gratuitamente passam a ser armazenados e tornam-se informações valiosas para as empresas. Manovich (2016) fala que no século XXI a indústria cultural passa por modificações com o “paradigma do big data”:

As companhias que vendem serviços e bens culturais via Web ou aplicativos (como a Amazon, Apple, Spotify, Netflix), organiza e faz com que a informação e conhecimento sejam buscáveis (Google, Baidu, Yandex), faz recomendações (Yelp, TripAdvisor), possibilita comunicação social e compartilhamento de informações (Facebook, QQ, WeChat, WhatsApp, Twitter, etc.) e compartilhamento de mídias (Instagram, Pinterest, YouTube, iQiyi), todas dependem de análises computacionais do conjunto de dados e fluxos. (MANOVICH, 2016, p. 3)

Na visão do autor, não existe nem mais a necessidade de se falar em “cultura digital” por entender que toda indústria cultura já cria produtos digitais. O autor afirma

⁴ Informação disponibilizada em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-celular-se-consolida-como-o-principal-meio-de-acesso-internet-no-brasil>>. Acesso em 26 de setembro de 2017.

⁵ Informação disponibilizada em: <<https://www.facebook.com/business/news/102-milhes-de-brasileiros-compartilham-seus-momentos-no-facebook-todos-os-meses>>. Acesso em 26 de setembro de 2017

que, se em 2010 as práticas de análises de dados já estava madura, atualmente o uso de algoritmos já é dado como certo. É um novo paradigma: “a análise de mídia é a nova etapa da tecnologia de mídia que afeta, todos os dias, as experiências culturais de uma porcentagem significativa da população em dezenas de países que utilizam a Internet e dispositivos de computação” (MANOVICH, 2016, p. 6).

Fabio Malini, Patrick Ciarelli e Jean Medeiros (2017, p. 324) também escrevem sobre o big data, ressaltando que o uso das redes sociais deixa "rastros" que, atualmente, são facilmente retidos e agrupados por tecnologias que processam dados para auxiliar diversos “processos de tomada de decisão”. Citando um estudo de Boyd e Crawford, os pesquisadores brasileiros chamam atenção para o fato de que o big data tem seu valor no fato de conseguir relacionar dados para análise, criando o que chamaram de “redes articuladas”, que são aquelas que partem da lista de contatos dos usuários, e de “redes de comportamento”, por sua vez derivadas dos padrões de comunicação. O trabalho de Malini et al (2017) visou utilizar os dados disponíveis no Twitter referentes ao processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff para analisar o sentimento dos usuários, provando ser possível o uso desses resultados em estratégias de comunicação de marketing, como exemplificação. Os pesquisadores ressaltam que a quantidade de informação produzida pode ser rastreada pela ciência da computação e que é papel das ciências sociais dar fluxo ao entendimento dos comportamentos estabelecidos em rede. É justamente o que pretende esta pesquisa: observar o fluxo de informação gerado nas redes digitais pelo movimento feminista, para tentar refletir sobre a formatação dele nos meios digitais.

Durante a elaboração desta pesquisa, o que se percebeu foi uma efervescência do movimento feminista nas redes digitais, colocando-o em evidência nas mídias. Uma das evidências desse processo foi identificada pela ferramenta Google Trends, que levanta o histórico de busca por termos no Google. De acordo com o gráfico disponibilizado pela ferramenta, a busca pela palavra “Feminismo” começa a ganhar destaque em 2015, em especial a partir de outubro, e tinha o maior pico de buscas da história em março de 2017.

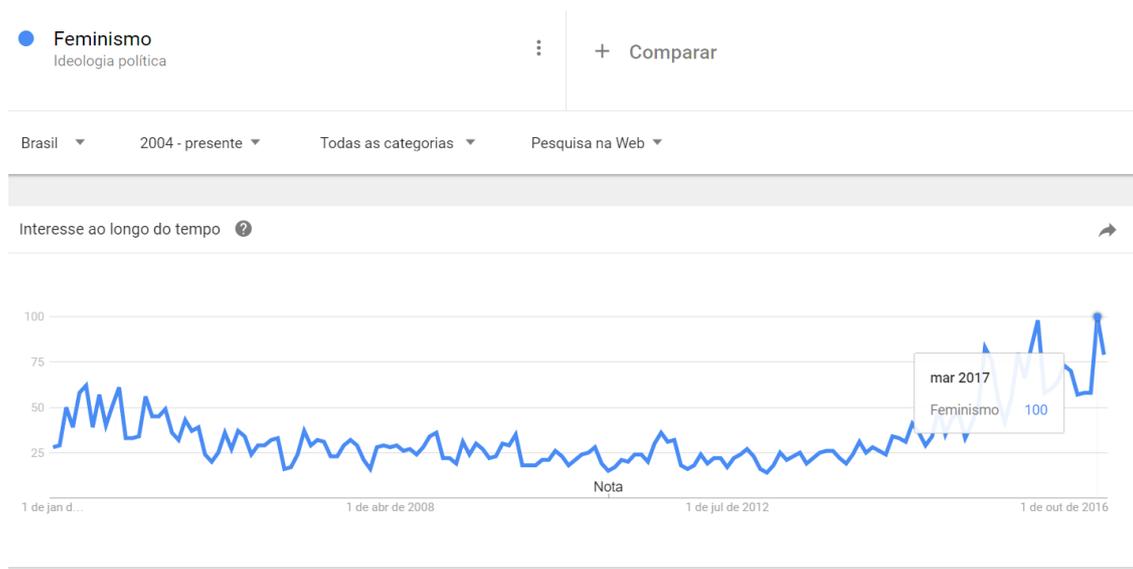


Figura 1: Gráfico da ferramenta Google Trends mostra a evolução da busca pelo termo “feminismo” no Google Brasil, entre 2004 a 2017. Imagem capturada em 16 de abril de 2017.

Esses números demonstram o crescimento do interesse dos usuários de Internet no Brasil pela temática feminista e também podem ser considerados um indício dessa maior exposição do movimento feminista na mídia brasileira. Talvez a explicação desse crescimento também esteja no fato de que em outubro de 2015, por exemplo, as ideias feministas da escritora francesa Simone de Beauvoir foram abordadas em uma questão do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) daquele ano, que ainda teve como tema da prova de redação a persistência da violência contra a mulher no Brasil. A prova foi aplicada para cerca de 5,7 milhões de candidatos naquele ano, e esses dois pontos em específico foram temas de reportagens nos principais veículos jornalísticos do País. Contudo, não se pode associar somente o Enem como responsável pelo “boom” feminista no Brasil. Para que o assunto fosse a temática de uma prova nacional, ele provavelmente já começava a ganhar algum destaque anterior. Um indício desse processo pode ter sido, em nível mundial, quando a atriz Patricia Arquette fazia um discurso pela igualdade salarial entre gêneros em Hollywood ao agradecer o prêmio do Oscar de melhor atriz coadjuvante pelo filme “Boyhood”. Atualmente, até mesmo marcas de produtos e celebridades passam a se associar com o feminismo, como a Skol durante o Carnaval de 2017 ao assumir seu passado de propagandas consideradas machistas pelo excesso de exposição do corpo

feminino, ou então da funkeira MC Carol, que, conforme demonstrado por Rosa e Silva (2016), passou a ser associada com o movimento feminista somente em 2015 por causa da música “Meu Namorado é Maior Otário”, mesmo tendo iniciado a carreira em 2011.

Diferentemente da década de 1990, quando o movimento feminista ainda utilizava panfletos ou fanzines para a propagação dos seus ideais feministas, o uso da Internet e das redes sociais possibilita que o conteúdo circule por mais pessoas e, principalmente, que o leitor desse conteúdo interaja e debata as ideias apresentadas. Ferreira (2013) argumenta, ao descrever o movimento da Marcha das Vadias no Brasil, que a web-militância nas mídias virtuais é importante para a incitação de debates feministas e viabilização de publicações alternativas sobre o feminismo. A Internet, portanto, tem se mostrado um espaço para as mulheres criarem e compartilharem símbolos para combater o senso comum sobre o comportamento e sexualidade femininos.

A Internet, especialmente as redes sociais, possibilitou uma forma mais rápida e dinâmica de intercâmbio de ideias entre diferentes concepções de feminismos e, principalmente, se consolidou como um veículo de diálogo com amplos setores da sociedade sobre as diversas pautas dos feminismos contemporâneos (FERREIRA, 2013, p. 34).

A autora, então, entende que na internet existe espaço para as diferentes concepções de feminismo – que vão além da igualdade social, política e econômica entre os sexos.

Mais do que lutar por direitos e igualdades para as mulheres, questiona as práticas sociais e culturais que constrói e reforçam essas desigualdades. Daí, por exemplo, a difusão da luta contra o racismo, a homofobia e a violência de classe serem também fortemente representadas como pautas do feminismo. (FERREIRA, 2013, p. 37)

Porém, é preciso levar em consideração dois fatores que o uso da Internet proporciona: a brecha digital de gênero e a criação de “bolhas” nas redes sociais digitais. A primeira, segundo Graciela Natansohn (2013, p. 16), diz respeito ao fato de que o acesso às tecnologias da informação e comunicação “não escapa às relações de poder que produzem desigualdades e contradições nas dinâmicas de acesso, uso, desenho e produção das TIC’s entre homens, mulheres, brancos, negros, pobres e ricos”. Dentro da visão de dominação masculina de mundo, pertencer ao gênero feminino cria um ambiente desfavorável à mulher dentro da ciência, criando obstáculos socialmente construídos para inserção tecnológica da mulher. A pesquisadora aponta que no Brasil o acesso à Internet por

homens e mulheres é bem dividido, mas ressalta que “as mulheres participam muito pouco sobre as decisões de infraestrutura física e lógica das redes digitais” (NATANSOHN, 2013, p.19).

Já em relação as bolhas digitais, Bauman (EL PAIS, 2016) já alertava para o fato de as redes sociais digitais não estimularem o diálogo, por possibilitarem deletar amizades e evitar controvérsias com outros usuários: “Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes”. Nas redes sociais digitais, é possível deixar de seguir pessoas ou então bloquear o aparecimento de palavras-chave na timeline, o que cria uma espécie de filtro no conteúdo que o usuário irá receber. A fala de Bauman é neste sentido: com essas possibilidades, raramente os usuários dessas redes digitais estão dispostos a dialogar com ideias diferentes.

A pesquisadora Raquel Recuero (2017) utiliza o termo “filtro-bolha” para tratar dos mecanismos usados pelas redes digitais para filtrar conteúdo ao usuário. Ela explica:

Essas bolhas tendem a isolar os atores dentro de grupos onde apenas alguns tipos de informação circulam, criando uma percepção falsa de Esfera Pública (onde "todos" falam) e de opinião pública (onde a "maioria" concorda). Ao mesmo tempo, pesquisas têm demonstrado que a mídia social é hoje um dos principais canais informativos do grande público. Com isso, o silenciamento do contraditório pode ter efeitos no posicionamento político e nas próprias instituições democráticas. Esses elementos são particularmente importantes em contextos políticos de crise, como o do Brasil atualmente. (RECUERO, 2017, p. 2)

Os algoritmos utilizados pelas redes sociais decidem o que mostrar ao usuário baseado na sua experiência dentro daquela mídia, por meio das postagens, amigos e páginas que ele interagem, como também baseado no que a rede considera importante mostrar para ele. A ideia é que o conteúdo esteja personalizado ao gosto do usuário, o que ao mesmo tempo gera um silenciamento de assuntos diversos. Esse processo, diz a pesquisadora, favorece a potencialização da polarização de grupos, uma vez que o usuário só conversa com iguais. As conversações, em especial sobre política, conforme argumenta a autora, podem “constituir uma ameaça ao caráter supostamente democrático da mídia social”, uma vez que a “combinação de filtros sociais, algoritmos e preferências pessoais pode trazer obstáculos ao acesso a informações” (RECUERO, 2017, p. 7).

Assim, com a crescente exposição midiática do feminismo, estimulada nas redes digitais e com uma aparente maior circulação da temática nos debates digitais, o movimento feminista pode estar se articulando dentro desse processo de “bolha”. Mas é justamente esse cenário que instiga a produção deste estudo, uma vez que pretende-se verificar a formatação atual do movimento feminista brasileiro no ambiente online. Esta pesquisa parte do pressuposto de que as ativistas encontraram nas redes digitais uma forma de estabelecer relações e debates que antes estavam restritos a nichos específicos, ainda mais inseridos numa “bolha”, pois não possuíam espaços para reverberar a mensagem. Com a Internet e as redes digitais, esse espaço foi constituído.

Além das bolhas digitais, o pesquisador Pablo Ortellado, em artigo publicado em conjunto com os autores Esther Solano Gallego e Marcio Moretto (2017), chama atenção para guerras culturais que o Brasil está enfrentando nos últimos anos. Segundo os pesquisadores, as guerras culturais se caracterizam pelo fato do debate político ser “dominado por um discurso que coloca temas morais como o combate ao homossexualismo e o endurecimento penal em primeiro plano e subordina as questões econômicas e sociais a essa visão de mundo punitiva” (ORTELLADO et al, 2017, p. 36). Esse processo, explicam, era muito comum nos Estados Unidos durante os anos de 1980, em que havia uma disputa entre a moral conservadora e progressista, estimulados pelo movimento de contracultura da década anterior. Esse cenário, porém, chegou ao Brasil nos últimos anos e passou a polarizar a discussão política. Em um artigo para o jornal *Le Monde Diplomatique*, Ortellado (2014) já falava sobre essa polarização que vinha dominando o debate político no Brasil:

A antiga polarização entre uma direita liberal que defendia a meritocracia baseada na livre iniciativa e uma esquerda que defendia intervenções políticas para promover a justiça social passa a ser não substituída, mas crescentemente subordinada a um novo antagonismo entre, de um lado, um conservadorismo punitivo e, de outro, um progressismo compreensivo. (ORTELLADO, 2014)

O feminismo, assim como outras lutas de minorias, acaba entrando nesse processo, sendo usado por ambos os lados do discurso para reforçar ideais. Para o pesquisador, a luta pela “justiça social” deve ir além do discurso, reafirmando a necessidade de centralizar as lutas pelos direitos humanos e civis. Pablo Ortellado e Esther Solano (2015, p. 171), em

um outro trabalho que visou entender as manifestações contra Dilma Rousseff, ressaltam que o debate político atual tem se dado em “termos muitos superficiais, estruturado em torno da dicotomia petismo / antipetismo como se o espectro ideológico pudesse se reduzir a este binarismo e como se esses conceitos fossem unívocos e monolíticos”, chamando a atenção para o fato de que qualquer discurso que fuja desses conceitos é rapidamente recuperado e ressignificado para se encaixar nesses dois moldes e “esvaziando o debate político de matizes e posições independentes”.

Sobre a mudança na articulação do movimento feminista no Brasil dentro da lógica de redes, chama atenção o estudo de Scherer-Warren (2014). Segundo a pesquisadora, que possui um vasto trabalho sobre movimentos sociais no Brasil e na América Latina, o movimento feminista se aliou às lógicas de manifestações de rua que ficaram conhecidas como Jornadas de Junho, em 2013, para trazer visibilidade às causas do movimento. Esse fato possibilitou que o feminismo renovasse suas pautas dentro de um momento que representou “reações conjunturais coletivas e públicas, que pretendem através do protesto criar visibilidade política, o reconhecimento das vozes dos cidadãos” (SCHERER-WARREN, 2014, p. 15). As Jornadas de Junho evidenciaram o uso das redes sociais digitais e da Internet como ferramentas de mobilização de pessoas (BEZERRA, 2015).

Apesar de boa parte das pesquisas que relacionam o feminismo e as redes digitais fazerem análises sob uma perspectiva da construção de identidade ou debates sobre gênero, alguns estudos já começam a verificar o papel da Internet e a utilização das redes sociais digitais pelo movimento feminista no Brasil. O artigo científico de Carolina Branco de Castro Ferreira (2015) joga luz para entender, ou ao menos iniciar um debate, de como as redes digitais se tornaram uma ferramenta para articulação, organização, debate e atuação política de grupos específicos dentro do feminismo – no caso deste trabalho, o estudo teve como objeto as Blogueiras Feministas.

Nesse mesmo sentido seguem as dissertações de Barreiros (2013) e Tomazetti (2015), com proposta de investigar as dinâmicas de comunicação sobre o feminismo estabelecidas nas redes digitais. A primeira se propôs a compreender de que forma a Internet dá visibilidade aos discursos e ações feministas, enquanto Tomazetti (2015) investigou as ações do movimento Marcha das Vadias da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e buscou entender a articulação das ações nos ambientes *online* e *offline*.

De forma mais aprofundada, Vera de Fátima Vieira (2012) defende, em sua tese, que o feminismo e a comunicação andam lado a lado, e que a era digital potencializou a voz do movimento, que existe há pelo menos um século. No entanto, a pesquisadora afirma que uma nova identidade feminina só foi possível, fazendo uma referência os estudos de Castells (1999, apud VIEIRA, 2012, p. 191), a partir do “fim do patriarcalismo”. Esse fato, de acordo com Vieira (2012), é o alicerce da trajetória que vem culminando nessa maior exposição do feminismo nas mídias, dentro de um contexto no qual as redes digitais alteraram as relações interpessoais e do espaço privado.

Outro estudo que chama atenção é a dissertação de Bruna Provazi Barreiros (2013), que analisou a articulação do movimento feminista no Facebook a partir do levantamento de dados de seis páginas durante a primeira quinzena de março de 2013. A pesquisadora verificou o tipo de conteúdo publicado (texto, link, vídeo ou imagem) para compreender quais pautas eram discutidas pelas páginas. Segundo o levantamento, Barreiros (2013) chegou a conclusão que a principal agenda feminista daquele período dizia respeito a luta pelo fim da violência contra a mulher, em especial com a reprodução de casos que tinham acontecido recentemente durante o levantamento dos dados. A pesquisadora, após a coleta dos dados, também apresentou uma reflexão sobre o feminismo online e offline. “O feminismo na internet, mais especificamente no Facebook, sofre um agendamento pela mídia tradicional, em especial pelos grandes portais de notícias, fonte de grande parte do conteúdo publicado nas páginas feministas” e que, no geral, “há pouquíssima representação das mobilizações feministas de rua na rede, com exceção da Marcha das Vadias” (BARREIROS, 2013, p. 139).

Com as pesquisas citadas, percebe-se que os estudos sobre o feminismo na Internet estão dando os primeiros passos no Brasil, demonstrando que o campo ainda tem muito espaço para crescer. Esta pesquisa, então, visa também colaborar com essa área, que tende a atrair os olhos de pesquisadores nos próximos anos.

3. Procedimentos metodológicos e análise do objeto

3.1 Metodologia e o objeto

Esta pesquisa tem como objetivo principal observar a formatação do feminismo brasileiro e como se dá a articulação do movimento na Internet entre os anos de 2015 e 2016. Para tal, analisou o conteúdo de postagens em redes sociais, o que possibilitou refletir sobre como é feita a conversação dos usuários, a incidência de comentários que são determinados pela teoria da dominação masculina e os tipos de corrente feminista que predominam nas discussões. Para entender esta interação de atores sociais, pretende-se ter como apoio metodológico a Análise de Rede Social (ARS), que tem por objetivo examinar as conexões entre indivíduos humanos que são, no caso desta pesquisa, formatadas no digital. As redes, lembra Raquel Recuero (2014a), sempre existiram na sociedade, mas com o advento das redes sociais digitais online, o rastreamento dessas interações ficou facilitado, pois a Internet possibilita o arquivo dessas trocas de informações para serem analisados. “O mapeamento dessas redes ganha novo potencial, com ares de 'big data', no sentido de que, pela primeira vez, é possível mapear gostos, atos, ideias e conexões de milhares de pessoas, procurar e estabelecer padrões entre essas múltiplas redes” (RECUERO, 2014a, p. 62). Em outro artigo, Recuero (2014b) reforça esse pensamento de que a Internet cria conexões mais amplas e, por sua vez, mais complexas sobre as relações entre os usuários. “Na internet, as redes sociais são transcritas não de forma análoga ao off-line, mas reinterpretadas e reconstruídas com características novas e com novas implicações” (RECUERO, 2014b, p. 291), e o rastreamento dessas informações, mesmo que estejam reinterpretadas e reconstruídas, possibilita compreender o comportamento de um grupo.

A pesquisadora afirma que as contribuições da Análise de Rede Social se dão em três fatores. Um deles é o foco empírico da pesquisa, uma vez que a ARS auxilia no mapeamento dos dados. Outra questão é a abordagem interdisciplinar, que por sua vez permite a pluralidade de pontos de vista no estudo. Por último, Recuero (2014a) cita o aspecto das redes, emaranhadas, que possibilitam focar os padrões e estruturas das interações entre conceitos teóricos e dados. Segundo a autora, a ARS compreende os padrões sociais de um grupo, que no caso desta pesquisa é formado pelos usuários que discutem

sobre o feminismo na página do Facebook Não Me Kahlo. Com o rastreamento dos dados dos usuários que interagem com a página em questão será possível verificar como eles se comunicam na rede digital.

Além da ARS, a metodologia que balizou esta pesquisa é a Análise de Conteúdo (AC). Recuero julga necessário realizar esse tipo de reflexão sobre as postagens colhidas nas redes digitais para compreender o que se debate nesses espaços. Este tipo de análise se faz interessante no contexto deste estudo porque acredita que além da coleta de dados, é necessário "discutir o que essas medidas querem dizer no contexto da pesquisa" (RECUERO, 2014a, p. 68). Ou seja, não basta simplesmente trazer os dados, é preciso, ao menos, tentar compreendê-los por meio das formações discursivas. A pesquisadora, ao lembrar os estudos do filósofo Michel Foucault, afirma que o poder é exercido pelo discurso. Ela afirma:

(...) as falas que são constituídas nos sites de rede social e que ali permanecem e circulam também estão submetidas às relações de poder e ideologia que constituem os sujeitos desses discursos. E com isso, podem traduzir também elementos-chave para a compreensão dessas dominações. (RECUERO, 2014b, p. 292)

Nas redes digitais também existe um espaço discursivo e, de acordo com Recuero (2014b, p. 294), "o online parece expor de forma mais clara determinados discursos dominantes". A pesquisadora cita os estudos de Klaus Krippendorff para afirmar que a Análise de Conteúdo possui três pilares: a "fundamentação empírica", possibilitando a compreensão dos textos para os atores sociais, a "transcendência das noções de símbolo, conteúdo e intenções" e o "desenvolvimento metodológico" próprio com foco em grandes conjuntos de dados. "A AC, assim, é uma técnica de pesquisa para construir 'inferências' a partir de textos para seus contextos de uso" (RECUERO, 2014b, p. 296). As inferências, explica Wilson Corrêa da Fonseca Júnior (2008, p. 284), são mecanismos para "extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada", usando da dedução lógica para se compreender o discurso utilizado.

Fonseca Júnior (2008) também cita os estudos de Krippendorff para explicar os "marcos de referência" que precisam ser levados em consideração durante a Análise de Conteúdo. O primeiro deles são os dados, em si. O pesquisador argumenta que é necessário explicar a origem e quais dados foram analisados. Em um segundo momento, Fonseca Júnior (2008) explica que é necessário apresentar o contexto em que os dados foram

analisados. O cenário em que se deu-se a análise foi apresentado com mais detalhes no segundo capítulo desta pesquisa, mas trata-se de um momento em que o feminismo vem ganhando maior abertura para promover discussões nas redes digitais, o que também vem causando um embate entre adeptos e contrários ao movimento. É um momento em que o feminismo passa a ser discutido não necessariamente em sua essência, mas sim em um ambiente massificado e representativo do que vem a ser o movimento feminista. O terceiro marco de referência, escreve o autor, é mostrar quais os pressupostos formulados pelo pesquisador entre os dados coletados e o contexto de análise dos conteúdos. Fonseca Júnior (2008), ainda citando os estudos de Krippendorff, explica que o quarto marco de referência é enunciar com clareza a finalidade das inferências a serem realizadas nos dados. Como quinto e sexto elemento, Fonseca Júnior (2008) cita a importância de realizar relações entre os dados obtidos e o contexto, e a validade como critério de sucesso, respectivamente.

Posto isto, foi escolhido analisar o conteúdo das postagens da página “Não Me Kahlo”, no Facebook. Ela foi escolhida por ser, até a elaboração desta pesquisa, a página sobre feminismo no Brasil com o maior número de curtidas, com mais de 1,238 milhão de seguidores – o Facebook não permite que uma pessoa que não administra a página saiba informações sobre esse público (idade, gênero, localidade, dentre outros). Fundada em julho de 2014, a “Não Me Kahlo” é formada por um coletivo feminista que discute pautas feministas em suas diversas vertentes e visa, segundo descrição da própria página, “levar conhecimento e ampliar o debate para a desconstrução do machismo na sociedade”. A página atingiu o número de um milhão de curtidas em junho de 2016 e não possui uma frequência de postagem muito definida. A administração da página não faz posts todos os dias, e existem ocasiões onde há mais de uma postagem por dia. Além do Facebook, possui perfil no Twitter (com 85,8 mil seguidores), no YouTube (com 2,9 mil inscritos) e no Instagram (48 mil seguidores), e site próprio www.naomekahlo.com.

Como critério para a determinação dos casos a serem estudados nesta pesquisa, levou-se em consideração os picos de busca no Google Trends, ferramenta do Google que monitora a frequência de busca por palavras-chave no buscador. Foi buscado a palavra “feminismo” como termo de pesquisa no Brasil, em todas as categorias, durante os anos de 2015 e 2016. A ideia foi verificar em quais períodos os usuários da Web se interessaram pela temática e identificar quais casos aconteceram nessas datas.

Em 2015, os três picos de busca foram entre as semanas de 8/03 a 14/03, de 25/10 a 31/10 e de 22/11 a 28/11. Em 2016, os picos foram registrados entre as semanas de 06/03 a 12/03, de 17/04 a 23/04 e de 29/05 a 04/06. Foram descartados os períodos de março de 2015 e de 2016 por incluírem a semana do Dia Internacional da Mulher. As buscas sobre feminismo nesse período tendem a ser maiores, não necessariamente sendo identificado algum caso que teve repercussão nacional ou internacional para fazer com que a procura sobre a temática crescessem.

Na semana entre 25/10 a 31/10/2015 houve a ocorrência de dois casos de abrangência nacional sobre o feminismo. São eles o **caso 1**, sendo a prova do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), e o **caso 2**, a possibilidade de votação de um projeto de lei do então deputado federal Eduardo Cunha que tipificava o crime contra a vida a indução e auxílio ao aborto. Já entre 22/11 a 28/11/2015 temos o **caso 3**, no qual ocorreu a campanha #MeuAmigoSecreto, em uma lembrança ao Dia Internacional de Combate à Violência Contra as Mulheres. Entre 17/04 a 23/04/2016 houve a ocorrência do **caso 4**, com a veiculação de reportagem de capa da revista Veja sobre a então primeira-dama Marcela Temer intitulada de “Bela, Recatada e do Lar”, enquanto no período de 29/05 a 04/06/2016 aconteceu um **caso 5**, que trata-se de um estupro coletivo a uma adolescente de 16 anos no Rio de Janeiro.

Para levantamento dos dados no Facebook, foi utilizado o aplicativo Netvizz, que reúne as informações de postagens de páginas, assim como os comentários da postagem e as interações (curtidas e compartilhamentos). Nesta pesquisa, foi feita a busca de dados pelos períodos citados acima, e depois a seleção de postagens dos casos escolhidos, portanto foi descartado o material que não tinha relação com os casos. No entanto, ressalta-se que a própria ferramenta avisa que não necessariamente levanta todas as postagens do período pedido, uma vez que alguns conteúdos têm um número muito alto de interações, sendo impossível fazer o levantamento. Ainda que tenha faltado alguma postagem, acredita-se que não influenciará na análise dos dados.

Assim, a análise dos dados foi quantitativa em um primeiro momento, mostrando quantos comentários, curtidas e compartilhamentos a postagem recebeu, a quantidade de interação/conversa entre os usuários nos comentários da postagem, e qual a relação (contrária/neutra/positiva) dos comentários com o conteúdo do post. Na análise qualitativa dos dados, buscou-se quais os tipos de feminismo que prevalecem nos comentários, se os

comentários possuem traços da teoria da dominação masculina, e a ocorrência de comentários que representem “bolhas digitais”, onde somente quem está inserido naquele ambiente irá entender a mensagem. Como correntes feministas, foram levadas em consideração três tipos, podendo outros serem identificados ao longo da análise dos dados: o **feminismo radical**, que entende que a opressão à mulher está determinada a partir da distribuição de papéis por gêneros na sociedade; o **feminismo liberal**, que prega que a mulher encontra a igualdade a partir de suas próprias escolhas e ações; e o **feminismo interseccional**, que agrega todas as minorias para uma luta conjunta contra a opressão de gênero, raça e classe social. Quanto a identificação da dominação masculina, foram levantados os comentários que trazem uma perspectiva simbólica de que o homem é dominante sob a mulher e onde o poder masculino é destacado, mesmo que inconscientemente. Já o critério para determinar “bolha digital” é perceber comentários que possuem um conteúdo muito específico, fora do conhecimento do senso comum sobre os temas analisados.

Nesta pesquisa, o principal objetivo é observar a formatação do movimento feminista nas redes digitais brasileiras, mais especificamente o Facebook, entre 2015 e 2016. Espera-se, com a Análise de Conteúdo, poder compreender como os usuários interagem com o tema e quais aspectos são recorrentes nas postagens analisadas.

Assim, utilizar a Análise de Conteúdo neste trabalho se mostra interessante para refletir sobre a formatação do feminismo na Internet brasileira, uma vez que ela possibilita as inferências sobre os dados analisados, não simplesmente um levantamento numérico. Espera-se, então, que a ARS dê um contexto quantitativo à pesquisa, trazendo números sobre a articulação do feminismo na Web, enquanto a Análise de Conteúdo ajude a dar um sentido qualitativo a esses dados, podendo compreender a formatação do movimento feminista nas redes digitais.

3.2 Caso 1: Enem feminista

O Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) de 2015⁶ foi promovido nos dias 24 e 25 de outubro para mais de 5,7 milhões de candidatos naquele ano. De acordo com monitoramento do Twitter⁷, foram 3.792.577 postagens sobre a prova no microblog entre a manhã do dia 24 e a meia-noite do dia 25 de outubro. No exame de 2015, uma das questões trazia um trecho do livro “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, para falar das lutas feministas do século XX, enquanto a redação do exame teve como tema “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. A seguir, iremos apresentar a tabela com o conteúdo coletado da página Não Me Kahlo sobre o tema:

Tabela 1:

Link da postagem: https://www.facebook.com/NaoKahlo/posts/511232092383795

Página Não Me Kahlo	Conteúdo Foto	Data da postagem 25/10/2015
Curtidas 16.855	Comentários 373	Compartilhamentos 3.267

Relação dos comentários com a postagem		
Favorável 149	Neutro 206	Contrário 18

Conversação entre usuários na postagem		
Marcações (tags) 51	Comentários sem curtidas 125	Comentários com conversas 31
Comentários com traços de dominação masculina		
Sim (consciente) 19	Sim (inconsciente) 6	Indiferente 348

⁶ Informação disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2016/01/resultado-do-enem-sera-divulgado-hoje>>. Acesso em 6 de novembro de 2017.

⁷ Informação disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/enem-gera-37-milhoes-de-posts-no-twitter-veja-memes-e-polemicas.html>>. Acesso em 6 de novembro de 2017.

Comentários com conteúdo machista	
Sim 13	Não 360

Tipos de feminismo que aparecem nos comentários		
Radical 73	Interseccional 2	Liberal 2
Não se aplica 284		Outro 12

Comentários com temas específicos que possam sugerir “bolhas digitais”
3

Comentário mais curtido (793 likes):
Taí uma pessoa que ia tirar 0 na redação do Enem! HAHAHA

A postagem do dia 25 de outubro de 2015 foi uma foto, com um printscreen de uma postagem do perfil do coletivo Não Me Kahlo no Twitter. A postagem foi sobre o tema da redação do Enem daquele ano, com o seguinte texto: “Parece que essa galera do ‘Lei Maria da Penha é privilégio’ deve ter suado na prova, hein”.

O conteúdo recebeu 16.855 curtidas, 373 comentários e 3.267 compartilhamentos. Na Análise de Conteúdo, foi possível verificar a ocorrência de 149 comentários favoráveis (40%) com a postagem, 206 neutros (55,2%) e 18 contrários (4,8%). 51 comentários eram de usuários fazendo marcações (tag) para que outros usuários pudessem ver a postagem em questão, 31 postagens geraram algum tipo de debate (uma ou mais resposta), enquanto 125 comentários não tiveram curtidas.

Dos 373 dados coletados, 3 comentários trouxeram algum assunto que poderia caracterizar “bolha digital”, 3 (3,4%) tinham conteúdo machista, e outros 19 (5%) demonstravam reforçar conscientemente a teoria da dominação masculina, enquanto 6 comentários (1,6%) faziam esse processo inconscientemente. Comentários que pareciam estar ligados a corrente do feminismo liberal (0,5%), radical (19,5%) e interseccional (0,5%) apareceram na Análise de Conteúdo da postagem.



Não Me Kahlo added a new photo.

October 25, 2015 · 🌐

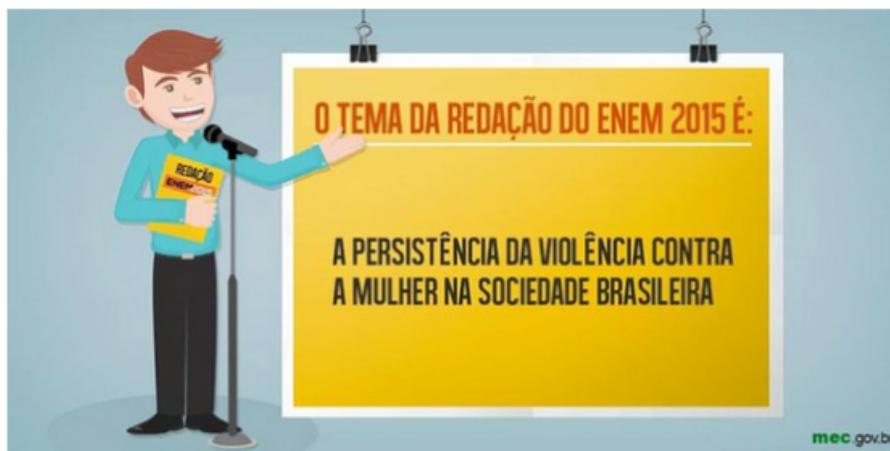
O dia não está sendo fácil pra machistas



Não Me Kahlo

@NaoKahlo

Parece que essa galera do "Lei Maria da Penha é privilégio" deve ter suado nessa prova, hein



Like



Comment



Share



Evelim Dias, Fabiana Pizzo and 16K others

Top Comments ▾

3,252 Shares

200 Comments

Figura 2: postagem da página “Não Me Kahlo” sobre o Enem de 2015.

Os dois comentários que se encaixaram como feminismo interseccional lembram a importância em se unir a outros movimentos sociais de minoria para que a luta feminista consiga alcançar um posto de maior relevância. Um dos comentários é o seguinte (copiado da forma que foi escrito, sem correções linguísticas): “A estrutura patriarcal da sociedade valida em diversas instâncias os comportamentos misóginos ao mesmo tempo em que silencia mulheres, crianças e homens que não reproduzem o script estereotipado de gênero masculino opressor que se espera dele, como por exemplo 'gays afeminados' vítimas de agressores machistas. Não se trata de homens enquanto seres individuais, se trata de todos

os valores de uma cultura perpetrados por homens e mulheres, atingindo negativamente ambos em proporções diferentes”.

Já os dois comentários da vertente liberal, percebeu-se apenas em um post em que duas mulheres estavam discutindo o assunto, mas não estavam concordando em um primeiro momento. Os comentários selecionados como feminismo liberal foram aqueles que mostram as duas usuárias passando a respeitar o posicionamento da outra na discussão.

Por fim, nota-se que o feminismo radical predominou nesta Análise de Conteúdo provavelmente pelo fato de que o próprio assunto da postagem questionava o machismo. Assim, faz sentido que as postagens queiram combater essa questão, além da própria teoria de supremacia masculina. Dentre as palavras mais usadas nos comentários estão: mulheres, homens, machistas, violência, casos, lei, “omis” e feministas. É interessante ressaltar que o uso de “omis” ou “ozomi” apareceu em diversos dos casos aqui estudados, sendo palavras criadas na Internet e usadas para fazer chacota da figura masculina.

Avançando na Análise de Conteúdo da postagem, levantamos a incidência de três comentários que poderiam caracterizar uma “bolha digital”. Os dados fazem alusão sobre um “semana triste e violenta para as mulheres do Brasil” que antecedeu a prova do Enem de 2015, mas nenhum dos comentários explica o que realmente aconteceu. Assim, somente quem acompanha notícias relacionadas aos casos de violência contra a mulher no país sabiam do que se tratava aquelas postagens. Um dos casos que pode ser citado foi o assédio sofrido pela Valentina Schulz⁸, que na época tinha 12 anos e participava do reality show "MasterChef Junior", da Band. O nome da criança foi parar no Trending Topics no Twitter, uma vez que usuários faziam comentários com apologia ao estupro e de teor sexual durante a exibição do programa, no dia 20 de outubro daquele ano. O episódio gerou uma resposta do movimento feminista nas redes digitais, em uma campanha que incentivava as mulheres a relatarem casos de assédio na infância.

Dentre os comentários com teor que reforçam a teoria da dominação masculina de forma consciente, a maioria deles tratava de postagens que diziam que a Lei Maria da Penha não deveria existir pois não deveria haver diferenciação no tratamento entre homens e mulheres na Justiça, uma vez que todos somos humanos: “Defendo partes dos dois lados pois sou realista, e quero o direito dos seres humanos, não só das mulheres ou só dos

⁸ Informações retiradas do site: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/assedio-crianca-do-masterchef-pode-gerar-acao-coletiva-17851300>>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.

homens”, escreveu um dos usuários na página. Já as postagens com conteúdo machistas visavam diminuir o papel da mulher ou do movimento feminista, em sua maior parte com xingamentos: “Pessoas que defendem as feministas ou são mulheres ou gays, ou são homens hipócritas que querem ser aceitos na sociedade de qualquer jeito, acorda galera!!! Tanto machista quanto feminista são as mesmas merdas! Vocês precisam ser humanos! Defendam os dois generos sexuais como se fossem 1!”. É interessante notar que não necessariamente todos os comentários com teor machista reforçavam a teoria de dominação masculina. Um exemplo é o seguinte: “Meu filho n vai p.colégio q ensina porcarias dessas”. O comentário é machista por não levar em consideração a importância da Lei Maria da Penha, acreditando que o filho não deve aprender sobre esse assunto. No entanto, ele não quer que o filho receba tal educação não faz com que ele esteja reforçando uma supremacia do homem sobre a mulher.

Uma última análise que se faz interessante é ressaltar que o comentário mais curtido desta postagem foi feito pela própria página Não Me Kahlo. Trata-se de uma resposta ao seguinte comentário: “Ué.. a Lei Maria da Penha protege quem sofreu violência familiar.. E vcs aí só querem proteger a mulher? Ou vcs acham que mulher não bate em homem? Ah tá.. (E desculpem, se virem de zuação nas respostas, basta procurar por casos e ler o texto da lei). Mudem a imagem e argumento de vocês, ficou feio”. Assim, a administração página respondeu que ele tiraria 0 na redação do Enem de 2015, uma vez que o tema da prova tratava da persistência da violência contra a mulher, especificamente.

3.3 Caso 2: Mulheres Contra Cunha

Em outubro de 2015, o Projeto de Lei 5069/2013, de autoria do então deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ), tinha sido aprovada na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania. O projeto modificava a Lei de Atendimento às Vítimas de Violência Sexual (Lei 12.845/13) e tinha como objetivo tipificar "como crime contra a vida o anúncio de meio abortivo" e previa penas específicas para quem induz a gestante à prática de aborto. O projeto e Eduardo Cunha foram alvos de diversos protestos nas principais capitais brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo. Após as manifestações, o projeto ficou paralisado na Câmara dos Deputados⁹.

Tabela 1:

Link da postagem: https://www.facebook.com/NaoKahlo/posts/511524282354576

Página Não Me Kahlo	Conteúdo Foto	Data da postagem 28/10/2015
Curtidas 3.460	Comentários 51	Compartilhamentos 1.789

Relação dos comentários com a postagem		
Favorável 24	Neutro 27	Contrário 0

Conversa entre usuários na postagem		
Marcações (tags) 21	Comentários sem curtidas 22	Comentários com conversas 8
Comentários com traços de dominação masculina		
Sim (consciente) 0	Sim (inconsciente) 0	Indiferente 51

⁹ Até o dia 11 de dezembro de 2017, a última movimentação do Projeto de Lei 5069/2013 foi em 21 de outubro de 2015. Informação disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=565882>>. Acesso em 11 de dezembro de 2017.

Comentários com conteúdo machista	
Sim 0	Não 51

Tipos de feminismo que aparecem nos comentários		
Radical 5	Interseccional 1	Liberal 3
Não se aplica 42		Outro 0

Comentários com temas específicos que possam sugerir “bolhas digitais” 0
--

Comentário mais curtido (46 likes): A lei pode muito bem ser religiosa e machista, uma coisa não exclui a outra.
--

A postagem do dia 28 de outubro de 2015 trata-se de um infográfico que mostra 10 razões pelas quais a Lei 5069/2013 é uma “péssima ideia”. A postagem não teve tantos comentários em relação aos demais casos estudados nesta pesquisa, porém teve um alto número de compartilhamentos: 1.789. Talvez a explicação desse número, se comparado a quantidade de comentários, esteja no fato do conteúdo postado pela Não Me Kahlo ter como característica ser didático. Dos 51 comentários, 22 não tiveram interações (43%). É interessante notar que também não houve, na Análise de Conteúdo, nenhum comentário que reforçava a teoria de dominação masculina ou que tinha teor machista. Também não houve incidência de comentários contrários a postagem, apenas 27 neutros (53%) e outros 24 favoráveis (47%). Na Análise de Conteúdo foi possível verificar 5 comentários que se aproximavam do feminismo radical (10%), 3 do liberal (6%) e apenas um do interseccional (2%).



Figura 3: primeira postagem da página Não Me Kahlo sobre o caso “Mulheres contra Cunha”.

Dentre os comentários que se aproximam ao feminismo liberal, está um que mostra o respeito pela escolha das mulheres, independentemente se concorda ou não com o posicionamento dela: “Apesar de eu não concordar com o aborto, isso continua sendo ridículo! Partidos religiosos deveriam ser proibidos! Religião é diferente de política! Quando vão entender isso?”. Já no radical, os comentários afrontam o fato de homens estarem querendo legislar sobre o corpo da mulher, como nesse caso: “Homens que propõem leis para mulheres... O que eles entendem de abuso... Estupro... E SER mulher?”

Entendem??? O que exatamente?... Protegendo quem? Favorecendo o que? O aumento da violência... Retrocesso tbm é violência!!!”.

Novamente, o comentário mais curtido trata-se de uma resposta a um comentário que afirma que o Projeto de Lei não é machista, mas sim religioso com objetivo de “livrar a cara desse bando de líderes de igreja que de santo não tem nada”. A usuária responde dizendo que a lei pode ser machista e religiosa, tornando-se o comentário mais curtido da postagem.

Tabela 2

Link da postagem: https://www.facebook.com/NaoKahlo/posts/512491998924471

Página Não Me Kahlo	Conteúdo Foto + link	Data da postagem 28/10/2015
Curtidas 2.844	Comentários 51	Compartilhamentos 110

Relação dos comentários com a postagem		
Favorável 27	Neutro 24	Contrário 0

Conversação entre usuários na postagem		
Marcações (tags) 11	Comentários sem curtidas 23	Comentários com conversas 8

Comentários com traços de dominação masculina		
Sim (consciente) 0	Sim (inconsciente) 0	Indiferente 51

Comentários com conteúdo machista	
Sim 0	Não 51

Tipos de feminismo que aparecem nos comentários		
Radical 0	Interseccional 0	Liberal 0
Não se aplica 49		Outro 2

Comentários com temas específicos que possam sugerir “bolhas digitais”
2

Comentário mais curtido (31 likes):
Coisa linda de se ver, gente ☺ ☺

A segunda postagem sobre o caso das “Mulheres Contra Cunha” foi o ato ocorrido em 28 de outubro de 2015, no Rio de Janeiro. É uma foto área que mostra os participantes do protesto, com um hiperlink com uma lista de onde iriam ocorrer o movimento em outras cidades do Brasil. Foram 2.844 curtidas, 51 comentários e 110 compartilhamentos. Do total de comentários, foi possível verificar a ocorrência de 24 favoráveis ao conteúdo da postagem (47%) e 27 neutros (53%). Não há comentários que tragam elementos sobre a dominação masculina, nem machistas. Na Análise de Conteúdo foi possível verificar a incidência de apenas dois comentários feministas, mas que não se encaixam no estereótipo liberal, interseccional e liberal. Há a ocorrência de dois comentários que sugerem bolhas digitais.

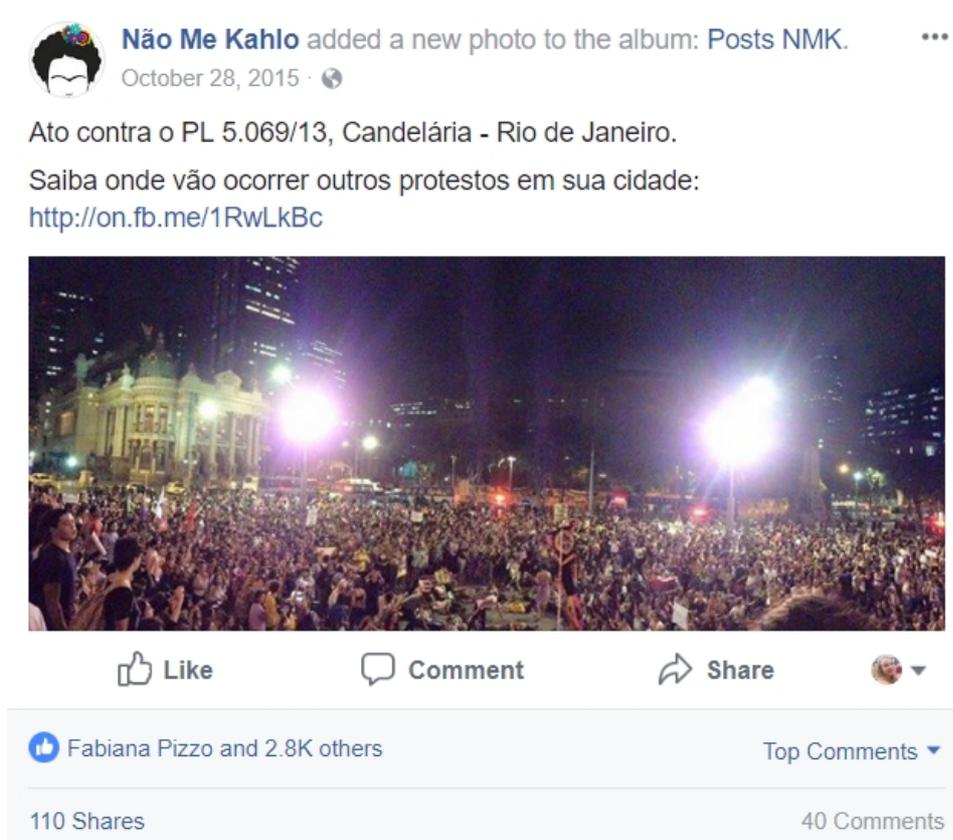


Figura 4: postagem sobre o caso das “Mulheres Contra Cunha” aborda o protesto ocorrido no Rio de Janeiro.

Os dois comentários que sugerem uma bolha digital falam sobre a cobertura jornalística do canal televisivo aberto da Rede Globo. Nas redes digitais, a emissora geralmente é alvo de protestos de usuários, especialmente quando realiza a cobertura de protestos de minoria. Assim, caso o usuário não tenha esse conhecimento sobre esse fato, talvez não entenderia o porquê de haver comentários questionando o jornalismo da emissora, como “Na tv Globo não vi passar eim”, ou “Cadê a globo?”. Já na Análise de Conteúdo sobre os tipos de feminismo que apareceram na postagem, percebemos a ocorrência de dois comentários com teor feminista, mas que não lutam contra a supremacia do homem, que não agregaram outras minorias ou que não mostraram a capacidade de manter a igualdade apesar das escolhas das outras mulheres. Os dois comentários foram: “Filhas da luta! <3” e “Que coisa mais linda! Essa mulherada me enche de orgulho <3”. As postagens exaltam a parceria entre as mulheres, mas não se encaixam nas categorias

propostas. O comentário mais curtido é uma postagem que exalta o movimento dos protestos.

Tabela 3

Link da postagem: https://www.facebook.com/NaoKahlo/posts/513355508838120

Página Não Me Kahlo	Conteúdo Foto	Data da postagem 30/10/2015
Curtidas 4.397	Comentários 30	Compartilhamentos 283

Relação dos comentários com a postagem		
Favorável 12	Neutro 14	Contrário 4

Conversação entre usuários na postagem		
Marcações (tags) 2	Comentários sem curtidas 19	Comentários com conversas 5

Comentários com traços de dominação masculina		
Sim (consciente) 5	Sim (inconsciente) 1	Indiferente 24

Comentários com conteúdo machista	
Sim 4	Não 26

Tipos de feminismo que aparecem nos comentários		
Radical 0	Interseccional 0	Liberal 0
Não se aplica 30		Outro 0

Comentários com temas específicos que possam sugerir “bolhas digitais”

0

Comentário mais curtido (22 likes):Em Floripa já tá marcado: <https://www.facebook.com/events/395998013943418/>

A terceira postagem sobre o movimento conhecido como “Mulheres Contra Cunha” é do dia 30 de outubro de 2015 e trata-se de um printscreen de um tweet do perfil Boteco Feminista sobre o ato realizado em São Paulo, com os dizeres “Nosso fogo não é o fogão. Nosso fogo é o da revolução! #MulheresContraCunha” e uma foto do protesto. A postagem teve 4.397 curtidas, 283 compartilhamentos e 30 comentários. Na Análise de Conteúdo foi levantado que 14 postagens (47%) eram neutras em relação ao conteúdo postado pela página, 12 favoráveis (40%) e 4 contrários (13%). Nenhum comentário se configura em alguma categoria do feminismo. Quatro comentários (13%) possuem teor machista, enquanto 5 reforçam a dominação masculina de forma consciente (16%) e 1 de forma inconsciente (3%).



Não Me Kahlo added a new photo to the album: Twitter



@NaoKahlo e outros.

October 30, 2015 · 🌐

#MulheresContraCunha em São Paulo



Like



Comment



Share



Fabiana Pizzo and 4.3K others

Top Comments ▾

282 Shares

14 Comments

Figura 5: postagem da página Não Me Kahlo traz conteúdo de um tweet do perfil Boteco Feminista.

Na Análise de Conteúdo não foi possível verificar nenhum comentário que se encaixasse nas categorias de feminismo propostas nesta pesquisa, ou que demonstrassem ser feministas. O que foi interessante notar neste levantamento é que quatro comentários discordaram do conteúdo da postagem, mas tivemos a ocorrência de 6 comentários que reforçam a dominação masculina. Ou seja, não necessariamente o comentário precisa discordar do que foi postado. Nesse caso, tratou-se de uma conversa entre dois usuários, homem e mulher, ocorrida da seguinte forma:

- “Ainda bem q tenho alguém pra assumir o fogão
- No caso seria eu?? ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐
- Óbvio

- Não me venha com essa cara kkkkk”

Assim, o primeiro comentário se encaixa como o que discorda da postagem original, enquanto os outros três foram classificados como dominação masculina justamente por estarem concordando que ela deveria assumir os afazeres domésticos.

Por fim, o comentário mais curtido trata-se de uma postagem avisando os demais usuários que um protesto contra o Projeto de Lei 5069/2013 estava marcado em Florianópolis.

Tabela 4:

Link da postagem: https://www.facebook.com/NaoKahlo/posts/513402142166790

Página Não Me Kahlo	Conteúdo Foto	Data da postagem 30/10/2015
Curtidas 2.115	Comentários 13	Compartilhamentos 54

Relação dos comentários com a postagem		
Favorável 12	Neutro 0	Contrário 1

Conversação entre usuários na postagem		
Marcações (tags) 0	Comentários sem curtidas 2	Comentários com conversas 1

Comentários com traços de dominação masculina		
Sim (consciente) 0	Sim (inconsciente) 0	Indiferente 13

Comentários com conteúdo machista	
Sim 1	Não 12

Tipos de feminismo que aparecem nos comentários		
Radical	Interseccional	Liberal
8	0	1
Não se aplica		Outro
4		0

Comentários com temas específicos que possam sugerir “bolhas digitais”

0

Comentário mais curtido (20 likes):

Com esses direitos conseguidos por MULHERES, ainda tem algumas que dizem que feminismo não as representa... É triste! #MulheresContraCunha

A última postagem sobre o caso de protestos contra o Projeto de Lei 5069/2013 foi feita no dia 30 de outubro de 2015 e mostra os trending topics (palavras mais postadas) do Twitter daquele momento em que o printscreen da tela foi feito. A hashtag #MulheresContraCunha figurava em sétimo lugar dos assuntos mais comentados no Twitter no Brasil. A postagem do ranking foi acompanhada de uma foto do protesto, e obteve 2.115 curtidas, 54 compartilhamentos e 13 comentários. Dos comentários analisados, 12 (93%) tinham conteúdo favorável à postagem e 1 (7%) era contrário. Um comentário tinha teor machista, enquanto 8 (61%) se aproximavam do feminismo radical e um (7%) do liberal.

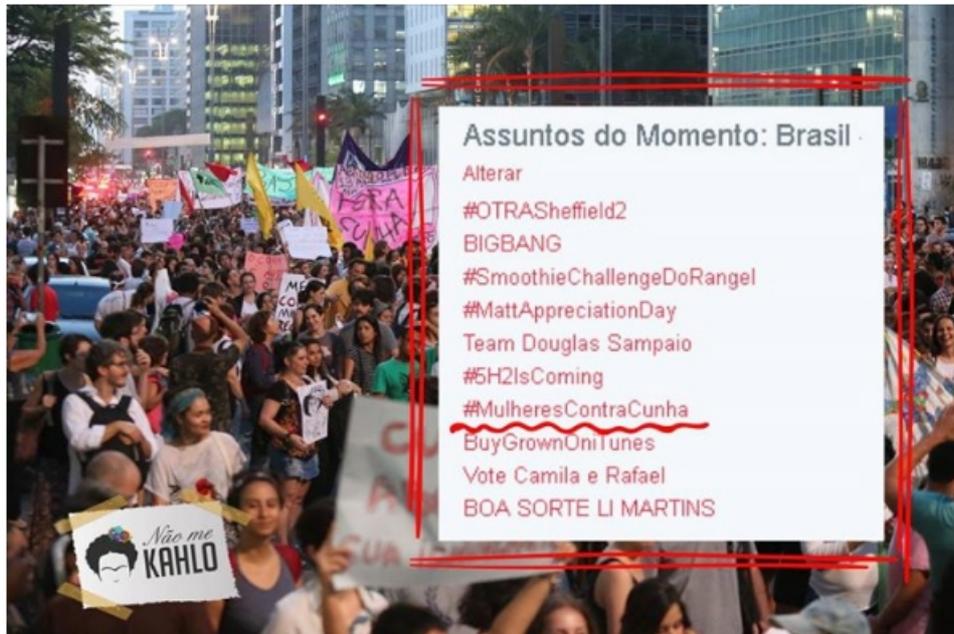


Não Me Kahlo added a new photo to the album: Twitter

@NaoKahlo e outros.

October 30, 2015 · 🌐

#MulheresContraCunha nos Trending Topics do Twitter!



👍 Like

💬 Comment

➦ Share



👍 2.1K

Top Comments ▾

53 Shares

13 Comments

Figura 6: quarta postagem sobre o caso “Mulheres Contra Cunha” feita pela página Não Me Kahlo no período analisado.

O único comentário machista e contrário a postagem verificado na Análise de Conteúdo foi o seguinte: “Não deveria ser mulheres contra cunha, e sim vagabundas contra cunha. Até porque mulher de verdade não se rebaixa a feministas”. Assim, o usuário discorda do movimento contra o Projeto de Lei 5069/2013 ao mesmo tempo em que rebaixa o movimento feminista por não possuir representantes que são “mulheres de verdade”.

Já em relação aos tipos de feminismo que aparecem na postagem, foi possível levantar nove comentários que se encaixam em alguma corrente teórica. Um dele é do feminismo liberal, onde o usuário escreve “sororidade virtual”, ou seja, onde ele exalta a união do movimento. Já os demais se encaixam no feminismo radical, onde a maioria posta

a hashtag #MulheresContraCunha, mostrando que lutam pelo fim da dominação masculina que o então deputado poderia exercer sobre elas. O comentário mais curtido, inclusive, trata-se de um que se categoriza no feminismo radical, por mostrar que o movimento é feito por mulheres que lutam pelos direitos das mulheres, ou seja, exaltando o feminino em vez do masculino.

3.4 Caso 3: #MeuAmigoSecreto

A campanha Meu Amigo Secreto¹⁰ surgiu no dia 25 de novembro de 2015, data em que é lembrado o Dia Internacional de Combate à Violência Contra as Mulheres. O nome da ação fez um paralelo a brincadeira de trocar presentes nas festas de fim de ano, o “Amigo Oculto”, e consistiu em mulheres compartilharem por meio da hashtag #MeuAmigoSecreto nas redes digitais, em especial no Facebook e no Twitter, histórias expondo comportamentos machistas de homens que conhecem, mas sem expor o autor. A campanha, inclusive, virou tema de um livro¹¹ desenvolvido pelo coletivo feminista Não Me Kahlo, lançado em maio de 2016. Em resposta à campanha, a hashtag #MinhaAmigaSecreta também ganhou as redes digitais naquele dia, para fazer chacota do movimento feminista e para denunciar comportamentos machistas entre as mulheres.

Tabela 1:

Link da postagem: https://www.facebook.com/naokahlo/posts/523615921145412

Página Não Me Kahlo	Conteúdo Foto	Data da postagem 24/11/2015
Curtidas 9.852	Comentários 609	Compartilhamentos 816

Relação dos comentários com a postagem		
Favorável 207	Neutro 357	Contrário 45

Conversação entre usuários na postagem		
Marcações (tags) 183	Comentários sem curtidas 258	Comentários com conversas 92

¹⁰ Informações disponíveis em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/11/hashtag-meuamigosecreto-denuncia-machismo-no-cotidiano.html>>. Acesso em 13 de janeiro de 2017.

¹¹ Informação disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2016/05/1775573-meuamigosecreto-discute-feminismo-e-cultura-do-estupro.shtml>>. Acesso em 13 de dezembro de 2017.

Comentários com traços de dominação masculina		
Sim (consciente)	Sim (inconsciente)	Indiferente
8	7	594

Comentários com conteúdo machista	
Sim	Não
14	595

Tipos de feminismo que aparecem nos comentários		
Radical	Interseccional	Liberal
23	0	11
Não se aplica		Outro
574		1

Comentários com temas específicos que possam sugerir “bolhas digitais”
0

Comentário mais curtido (861 likes):
 Tem que engolir menstruação porque isso excita a mulher. Tem que jogar no rosto e nos peitos dele também. Rs

A postagem de 24 de novembro de 2015 trata-se de um printscreen do perfil do Twitter do Não Me Kahlo sobre a campanha #MeuAmigoSecreto, na qual o coletivo feminista fala sobre sexo e menstruação. A postagem teve 9.852 curtidas, 609 comentários e 816 compartilhamentos. Já de antemão, alguns comentários na postagem falavam da vontade dos usuários em compartilhar o conteúdo, mas que a mensagem era polêmica demais para tal. Isso, então, pode justificar o alto número de curtidas em relação ao de compartilhamentos, que foi proporcionalmente baixo. A postagem teve 207 comentários favoráveis (34%), 357 neutros (59%) e 45 contrários (7%) ao conteúdo. Em relação à dominação masculina, 8 comentários (1,3%) aparentavam ser feitos de forma consciente e outros 7 (1,1%) de forma inconsciente, enquanto 14 (2,2%) tinham teor machista. Na Análise de Conteúdo da postagem foi verificado a incidência de 23 comentários que se

aproximavam do feminismo radical (3%), 11 do liberal (1,8%), e um comentário (0,1%) que não se encaixava em nenhuma das correntes.



Figura 7: postagem sobre o caso 3, da campanha #MeuAmigoSecreto, feito pelo Não Me Kahlo em 24 de novembro de 2015.

Um ponto interessante de se ressaltar nesta análise que é 92 comentários tiveram alguma resposta e/ou geraram debate entre os usuários, sendo que um deles foi responsável por 106 postagens na discussão. O comentário em questão tratou-se do mais curtido na postagem, que assim como o post da página, também teve um teor polêmico e escrachado. Talvez esse seja o motivo de muitos usuários responderem ao comentário, por vezes concordando, dando risada, marcando por meio de tag outros usuários, ou tentando criar um debate contrário.

Em relação aos comentários com os tipos de feminista, percebeu-se uma predominância de postagens ligadas ao feminismo radical, dizendo que a postagem servia como uma espécie de lição aos homens na hora da relação sexual com uma mulher, além de xingamentos a comportamentos machistas. Os exemplos de feminismo liberal seguem na linha de que a mulher pode ter relações sexuais no período menstrual se tiver vontade e defende um posicionamento de que o homem não precisa realizar sexo oral na mulher durante a menstruação, assim como também ressalta que o contrário é válido, ou seja, que a mulher não deve fazer sexo oral no homem se não quiser. Por fim, o comentário feminista que não se encaixa nos três tipos estudados foi o seguinte: “Feminista tem que ser corajosa, você tem que expor suas opiniões e mostrar quem VC é de verdade!!!”. Ele pode ser considerado feminista, porém não visa lutar contra a supremacia masculina, como no feminismo radical, e também não respeita a escolha da mulher, como no liberal, por já impôr que só é feminista quem é corajosa e expõe opiniões aos outros.

Na Análise de Conteúdo sobre postagens que reforçam a dominação masculina, é interessante destacar aqueles que são feitos de forma inconsciente. Todos os sete comentários seguem a mesma linha, exaltando os homens que fazem sexo oral na parceira mesmo menstruada, dizendo que esses são “homens de verdade”. Ou seja, apesar de estarem concordando com o conteúdo postado pela página Não Me Kahlo, esses tentam destacar o papel do homem como provedor de prazer para a mulher, em qualquer que seja a situação. Já os que reforçam a supremacia masculina conscientemente tratam que o feminismo não é preciso, que homens não precisam ter relação vaginal com as mulheres no período menstrual por poderem fazer sexo anal com elas (sendo que um deles incentiva, até mesmo, o estupro), e um que exalta homens que traem mulheres.

Por fim, aproveitou-se a Análise de Conteúdo dos comentários para verificar quantos usuários aderiram a campanha #MeuAmigoSecreto para denunciar comportamentos machistas nos comentários. Foram 25 postagens do tipo, além de outras sete que participaram da ação contrário, por meio da hashtag #MinhaAmigaSecreta. Desses 7 que participaram da campanha sobre a amiga secreta, seis faziam críticas sociais ao próprio movimento feminista, no qual os usuários dizem que sua “amiga secreta” faz uma certa seleção sobre quais lutas aderir. Como no exemplo a seguir: “#minhaamigasecreta adora pagar de revolucionária nas redes sociais, segue paginas de empoderamento e similares, mas adora entrar vip na balada e ser bancada por macho do tinder, fica de

indiretas no facebook e não toma uma atitude para romper ou ajudar uma vítima de um abuso. Afinal, hashtags como essa só aumentam a treta entre homens e mulheres mas não ajudam em nada uma vítima de machismo”.

3.5 Caso 4: *Bela, recatada e do lar*

O quarto caso estudado nesta pesquisa surgiu a partir da publicação de reportagem de capa da revista *Veja*, que trazia um perfil jornalístico sobre a então vice-primeira-dama Marcela Temer, intitulado de “Bela, Recatada e do Lar”¹². A reportagem foi publicada em 18 de abril de 2016, dias depois da votação realizada na Câmara dos Deputados que admitiu a abertura do processo de impeachment de Dilma Rousseff da Presidência do Brasil, e tratava Marcela Temer como “quase” primeira-dama. Na matéria, *Veja* contava como Marcela e Michel Temer se conheceram e como era o dia-a-dia do casal, aproveitando o espaço para retratar como a vice-primeira-dama de portava diante das atividades cotidianas. Ela foi descrita como “recatada”, por preferir vestidos longos e de cores neutras e claras, e “do lar”, por optar estar em casa cuidando do filho e querer engravidar novamente. Após a publicação da reportagem, um movimento contra a matéria da *Veja* foi iniciado nas redes digitais¹³, onde mulheres protestavam contra o padrão feminino retratado pela revista, compartilhando fotos e pensamentos contrários.

Tabela 1:

Link da postagem: https://www.facebook.com/NaoKahlo/posts/597623723744631

Página Não Me Kahlo	Conteúdo Foto	Data da postagem 19/04/2016
Curtidas 11.062	Comentários 3.764	Compartilhamentos 12.460

Relação dos comentários com a postagem		
Favorável 663	Neutro 3.020	Contrário 81

Conversação entre usuários na postagem		
Marcações (tags) 1.026	Comentários sem curtidas 2.063	Comentários com conversas 482

¹² Reportagem disponível na íntegra em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em 23 de dezembro de 2017.

¹³ Informações disponíveis em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/comportamento-2/bela-recatada-e-do-lar-por-que-a-expressao-gerou-tanta-polemica-nas-redes-sociais/>>. Acesso em 23 de dezembro de 2017.

Comentários com traços de dominação masculina		
Sim (consciente)	Sim (inconsciente)	Indiferente
1	36	3.727

Comentários com conteúdo machista	
Sim	Não
30	3.734

Tipos de feminismo que aparecem nos comentários		
Radical	Interseccional	Liberal
41	0	21
Não se aplica		Outro
3.702		0

Comentários com temas específicos que possam sugerir “bolhas digitais”
0

Comentário mais curtido (4.460 likes):
 Não sei o que é pior, chamá-la de "quase primeira-dama", dando o impeachment e o governo de Temer como certos, ou exaltar todas essas características do machismo como se fosse uma "dádiva".

A primeira postagem da página Não Me Kahlo sobre o caso “Bela, Recatada e do Lar” é a própria reportagem da revista Veja. A postagem traz a foto usada pela revista, com algumas frases que estão na reportagem como “mulher de sorte”, “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly”, dentre outras. Na postagem, a página também diz que a “reportagem da veja (sic) é um 'mimo' à já denominada 'quase primeira-dama', fazendo alusão ao fato da então presidente do Brasil, Dilma Rousseff, estar sofrendo um processo de impeachment no Congresso Nacional. Há, ainda, o compartilhamento do link para o livro que o coletivo Não Me Kahlo estava lançando na época, porém não foi compartilhado o link para a reportagem da revista Veja. Foram identificados 3.020 comentários com posicionamento neutro (80%) em relação à postagem, 663 favoráveis (18%) e 81 contrários (2%). Na Análise de Conteúdo ainda foi possível verificar a incidência de 41 comentários ligados ao feminismo radical e 21 ao liberal, 37 comentários que reforçavam a teoria da dominação masculina e 30 comentários com teor machista.



Não Me Kahlo

April 19, 2016 · 🌐

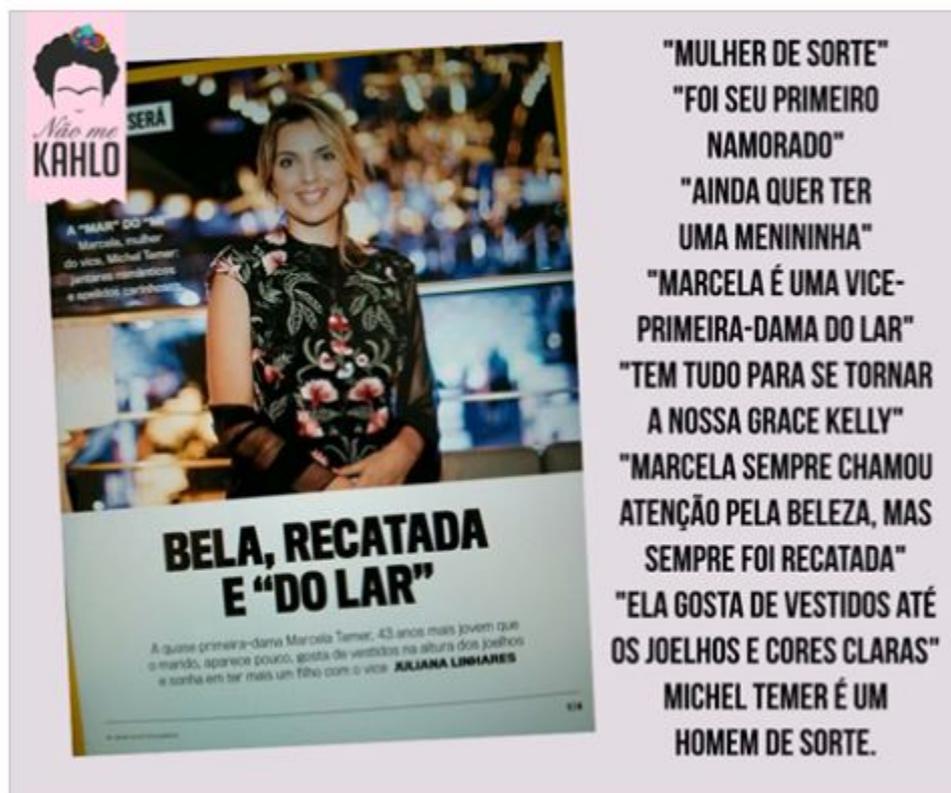


Reportagem da veja é um "mimo" à já denominada "quase primeira-dama".

**

Nosso livro já está disponível para pré-venda no site da Saraiva!

Confira aqui ➔ <http://www.saraiva.com.br/meuamigosecreto-feminismo-alem-da...>



Like



Comment



Share



Clara Pardo, Natália Rafaelle and 16K others

Top Comments ▾

12,441 Shares

2.6K Comments

Figura 8: primeira postagem do caso “Bela, Recatada e do Lar” traz uma foto da revista *Veja* e algumas frases que estavam na reportagem.

Um ponto que chamou atenção na Análise de Conteúdo é que muitas das marcações de usuários na postagem eram para mostrar sobre o que se tratava a frase “Bela, Recatada e do Lar”, que naquela data viralizou nas redes sociais digitais: foram 1.026 marcações, totalizando 27% do conteúdo analisado. Talvez isso explique o fato da postagem ser a que

possui o maior número de comentários dentro os 12 conteúdos que foram analisados nesta pesquisa. Por se tratar de um caso que ganhou uma repercussão muito grande nas mídias sociais, muitos usuários não sabiam o que estava acontecendo e as marcações na postagem eram um meio de manter os colegas atualizados sobre o assunto. Ao mesmo tempo em que o número de comentários foi alto, pouco mais da metade (54%) dos comentários não tiveram nenhuma curtida, mostrando um alto número de pessoas falando sozinha.

Outro ponto interessante a ser citado é que alguns comentários faziam críticas ao feminismo, de que se trata de um movimento que prega a liberdade de escolha da mulher, mas que ao mesmo tempo estava julgando Marcela Temer por ela ser “bela, recatada e do lar”. Um exemplo desse posicionamento pode ser visto no seguinte comentário: “Sinceramente, eu não entendo vocês. Hora diz que a mulher é oq quiser, aí a mulher ESCOLHE ser bela, recatada e do lar. Vocês fazem esse "auê". Ô meu povo, respeitar as escolhas das pessoas, é o mínimo que devemos fazer. Acho isso tudo bem desnecessário, eu li a reportagem e NÃO, eu não achei que eles escreveram de uma forma que obrigue as outras mulheres seguirem esse padrão, só falou como era a convidada da revista. (minha opinião gente)”. Do outro lado, há quem faça comentários semelhantes, mas sem fazer uma crítica ao feminismo em si. Nesses casos, esses textos foram incluídos nos comentários ligados ao feminismo liberal, como no exemplo colhido: “A mulher pode ser "bela, recatada e do lar" SE ELA QUISE. O problema é quando isso é visto como um padrão de "mulher perfeita", entende? Mulher pode ser do jeito que quiser!”.

Por fim, uma última análise deste caso é o fato de usuários reforçarem a dominação masculina na sociedade de forma inconsciente. No total, 36 comentários eram de usuárias dizendo que o marido, companheiro ou namorado não tinham sorte de estarem com elas, pois elas não eram “belas, recatadas e do lar”. Assim, elas se colocam em comparação aos homens, afirmando estarem em uma posição abaixo por não se encaixarem em um suposto padrão de mulher imposto na reportagem da revista Veja.

Tabela 2

Link da postagem:
<https://www.facebook.com/NaoKahlo/posts/597728840400786>

Página Não Me Kahlo	Conteúdo Foto	Data da postagem 19/04/2016
Curtidas 9.589	Comentários 794	Compartilhamentos 1.673
Relação dos comentários com a postagem		
Favorável 192	Neutro 582	Contrário 20

Conversa entre usuários na postagem		
Marcações (tags) 211	Comentários sem curtidas 417	Comentários com conversas 78

Comentários com traços de dominação masculina		
Sim (consciente) 2	Sim (inconsciente) 2	Indiferente 790

Comentários com conteúdo machista	
Sim 8	Não 786

Tipos de feminismo que aparecem nos comentários		
Radical 44	Interseccional 0	Liberal 21
Não se aplica 729		Outro 0

Comentários com temas específicos que possam sugerir “bolhas digitais”
0

Comentário mais curtido (1.079 likes):
 Bem... a recatada nunca foi torturada nem se esforçou por nada pelo Brasil, nem teve cancer, natural estar apatica, conservada e feliz

Na segunda postagem do caso, a página coloca lado a lado as capas das revistas Veja e Istoé. A primeira traz a reportagem de Marcela Temer, enquanto a segunda é uma matéria sobre as “explosões nervosas” de Dilma Rousseff. A página compara: “de um lado, a louca e agressiva. Do outro, a recatada 'do lar'”, mostrando como as abordagens das revistas constroem discursos sobre o papel da mulher. Na Análise de Conteúdo foi possível verificar 192 comentários favoráveis (24%) ao conteúdo da postagem, 582 neutros (73%) e 20 contrários (3%). Foi identificado ainda 4 comentários que tinham ligação com a teoria de dominação masculina, 8 comentários machistas, 44 ligados ao feminismo radical e 21 à corrente liberal.



Figura 9: postagem traz as capas das revistas Veja e Istoé, com matérias sobre Marcela Temer e Dilma Rousseff, respectivamente.

Por mais que não tenha sido o intuito da página, muitos dos comentários entenderam a postagem como uma comparação entre Dilma Rousseff e Marcela Temer, reforçando um papel de competitividade entre as duas mulheres. O comentário mais curtido desta postagem, inclusive, reforça essa comparação entre as duas mulheres. Além desse, outros 40 comentários exaltavam a posição de “louca e histérica” de Dilma, reforçando que ela era politizada e lutadora, enquanto diminuía Marcelo por ela ser “bela e do lar”. Exemplos que resumem essa polarização são os seguintes: “Por mais Dilmas e menos Marcelas!!!”; “Uma protagonista de sua história e eleita, a outra... não faço ideia”; e “Sou mais Dilma! A Barbie recatada não chega nem aos pés da coragem de Dilma”. Houve quem tentasse combater esses comentários, dizendo que o feminismo deve aceitar os dois tipos de mulheres sem fazer julgamentos, e até mesmo criticando a página Não Me Kahlo por ter feito essa postagem comparativa entre Marcela e Dilma. É o caso do comentário: “O mais triste é ver mulheres aqui mesmo propagando, sem perceber, mais machismo e preconceito com comentários ofensivos tanto à Dilma quanto à Marcela. A mentalidade de vocês não está sendo muito diferente dos editores da veja/istoé...”. Houve também quem comentava que as críticas deveriam ser direcionadas às revistas Istoé e Veja por tentarem definir um padrão de mulher na sociedade brasileira.

Na Análise de Conteúdo foi possível identificar que os comentários relacionados ao feminismo radical seguiam duas linhas: a primeira de crítica às revistas por utilizarem o espaço para vender um padrão de mulher, e a segunda era de que a comparação entre Marcela Temer e Dilma Rousseff era fruto do machismo na sociedade, onde é errado ser uma mulher explosiva, mas é aceitável ser submissa. O comentário a seguir explica essa questão: “Coitada da Marcela e da Dilma. Num país machista como o nosso, não se pode nem escolher ser recatada e muito menos explosiva. Erram as revistas e as chamadas, mas elas nada tem haver com isso. Devemos lembrar que cada uma pode e deve escolher ser o que quiser! Se ela é feliz e quer ser do lar enquanto a outra quer ser presidente, devemos respeitar e saber separar as coisas e não ofende-las. Essas matérias tendenciosas é que devemos ficar de olho.” Já do lado do feminismo liberal, os comentários ressaltavam que Marcela Temer poderia ser “bela, recatada e do lar”, desde que aquilo tivesse sido uma escolha dela.

Tabela 3

Link da postagem: https://www.facebook.com/NaoKahlo/posts/598176703689333

Página Não Me Kahlo	Conteúdo Foto	Data da postagem 20/04/2016
Curtidas 71.489	Comentários 1.269	Compartilhamentos 72.112
Relação dos comentários com a postagem		
Favorável 389	Neutro 833	Contrário 47

Conversação entre usuários na postagem		
Marcações (tags) 564	Comentários sem curtidas 595	Comentários com conversas 210

Comentários com traços de dominação masculina		
Sim (consciente) 8	Sim (inconsciente) 7	Indiferente 594

Comentários com conteúdo machista	
Sim 18	Não 1.251

Tipos de feminismo que aparecem nos comentários		
Radical 14	Interseccional 1	Liberal 56
Não se aplica 1.191		Outro 7

Comentários com temas específicos que possam sugerir “bolhas digitais” 4
--

Comentário mais curtido (605 likes):

"Sou fera, sou bicho, sou anjo e sou mulher. Minha mãe, minha filha, minha irmã, minha menina. Mas sou minha, só minha e não de quem quiser. " <3

A última postagem do caso “Bela, Recatada e do Lar” foi feita pela página Não Me Kahlo em 20 de abril de 2016. Trata-se de uma foto com uma poesia que faz uma releitura da reportagem publicada na revista *Veja*. A postagem teve 71.89 curtidas, 72.112 compartilhamentos e 1.269 comentários. O alto número de curtidas e comentários pode ser explicado pelo fato de muitos seguidores se identificarem com a poesia postada, que contrasta com o tipo de mulher representado na matéria jornalística da *Veja*, bem como diz que a mulher pode ser o que quiser. Na Análise de Conteúdo, percebeu-se a incidência de 389 comentários favoráveis a postagem, 833 neutros e 47 contrários. Seis comentários foram feitos encaixados na categoria de dominação masculina consciente e 4 inconscientes, enquanto 18 comentários tinham teor machista. Na análise de correntes feministas, predominou o feminismo liberal, com 56 comentários, seguido do radical, com 14, interseccional, com um comentário, e outros 7 que não se encaixam nas correntes citadas. Pouco mais de 1/3 dos comentários (564) feitos eram de usuários marcando outros usuários para verem a postagem.



Não Me Kahlo

April 20, 2016 · 🌐

Via Feminismo Poético - autora: Grazi

**

Nosso livro já está disponível para pré-venda no site da Saraiva!
Confira aqui ➡ <http://www.saraiva.com.br/meuamigosecreto-feminismo-alem-da...>

SOU BELA, RECATADA E DO LAR
SOU LOUCA, CORAJOSA E DO BAR
SOU LUTA, VALENTE E DA RUA
SOU SONHO, DISTRAÍDA E DA LUA
SOU BICHO, FERROZ E DA FLORESTA
SOU GENTE, ALEGRE E DE FESTA
SOU MULHER ONDE QUER QUE EU ESTEJA
SOU O QUE EU QUISE E NÃO O QUE DIZ A VEJA
VIA FEMINISMO POÉTICO



👍❤️😬 77K

Top Comments ▾

72,003 Shares

848 Comments

Figura 10: postagem sobre o caso "Bela, Recatada e do Lar" trouxe um poema para ressaltar que a mulher pode ter vários papéis na sociedade.

Nesse caso, o discurso do feminismo liberal foi predominante, onde muitos usuários concordavam com a postagem e diziam que a "mulher pode ser o que ela quiser", inclusive "recatada e do lar". Alguns comentários seguiam no sentido de mulheres dizendo terem escolhido largar o emprego e se dedicar à família, portanto do lar, e pedindo compreensão de outras mulheres sobre a escolha delas. É o caso desse comentário: "Também escolhi essa jornada. Não sou fã de cavalheirismo, por mim acho desnecessário, mas essa sou eu. Escolhi ser "do lar", mas sou feminista, ativista e, acima de tudo, mulher. O que falta no mundo é empatia, compreensão e interpretação. Como disse a Isabela, o

problema não é ser do lar e sim escolher ser do lar, sem imposição nem esteriótipos. ;)". Houve tentativas de mostrar que a mulher também pode lutar pela causa feminista sendo mãe, por exemplo. Apesar dessa discussão ter ocorrido, também houve comentários que tentavam desqualificar aquelas que não queriam ser recatadas ou do lar, utilizando esteriótipos que caçoam da mulher feminista: "Que luta? Lutar por ser caso a, ter o suvaco cabeludo, sair mostrando os peitos, menstruar sem usar absorvente e se apropriar de feitos que nada tem a ver com feminismo...sem contar a criação de fanfics onde abusos imaginários acontecem dia e noite? Kkkk Página pública...opinião pública tb...afinal feminazis fazem bem pior nas páginas de mulheres livres dessa loucura de vcs".

Um fator interessante desta postagem é que pouco mais de 30% dos comentários eram de usuários marcando outros, justamente pela postagem ter um caráter agregador, justamente por pregar que a mulher pode desempenhar vários papéis, não apenas ser “bela, recatada e do lar”. Assim, os usuários marcavam outros para que eles pudessem ver a postagem e perceber que, como diz o poema, a mulher é aquilo que deseja ser, não aquilo imposto pela revista Veja. Talvez esse alto número de marcações também tenham ajudado o número de compartilhamentos ser gigantesco, já que os usuários passam a ter acesso à postagem e, se identificando, possam compartilhar o conteúdo em seus perfis.

3.6 Caso 5: Estupro coletivo no RJ

Em maio de 2016, veio a tona o caso de uma adolescente, de 16 anos, que tinha sido vítima de um estupro coletivo na Comunidade do Barão, localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro. O crime teria ocorrido no dia 21 de maio¹⁴, quando a jovem foi até a casa de um rapaz com quem se relacionava há três anos. Ela teria sido dopada e abusada por 33 homens, mas não foi possível determinar quantos participaram do crime. No dia 24 de maio, um vídeo da jovem começou a circular nas redes digitais, sendo postado pela primeira vez por um dos autores do crime no Twitter. Nas imagens, era possível ver a garota desacordada e sem roupas. No total, sete homens foram indiciados pelos crimes de estupro e divulgação das imagens na internet, sendo que três foram presos¹⁵. O delegado Alessandro Thiers foi afastado do comando das investigações, acusado de agir de forma machista e de ter constrangido a vítima durante seu depoimento. A delegada Cristiana Bento assumiu as investigações do crime. A adolescente acabou sendo incluída no programa de proteção do governo.

Tabela 1

Link da postagem: https://www.facebook.com/NaoKahlo/posts/614665975373739

Página Não Me Kahlo	Conteúdo Foto	Data da postagem 30/05/2016
Curtidas 25.248	Comentários 425	Compartilhamentos 7.047

Relação dos comentários com a postagem		
Favorável 58	Neutro 324	Contrário 43

¹⁴ Informações disponíveis em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>>. Acesso em 25 de dezembro de 2017.

¹⁵ Informações disponíveis em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/31/politica/1464713923_178190.html>. Acesso em 25 de dezembro de 2017.

Conversa�o entre usuários na postagem		
Marca�es (tags)	Comentários sem curtidas	Comentários com conversas
51	181	38

Comentários com traços de domina�o masculina		
Sim (consciente)	Sim (inconsciente)	Indiferente
0	0	425

Comentários com conteúdo machista	
Sim	Não
4	421

Tipos de feminismo que aparecem nos comentários		
Radical	Interseccional	Liberal
11	0	4
Não se aplica		Outro
410		0

Comentários com temas específicos que possam sugerir “bolhas digitais”
0

Comentário mais curtido (406 likes):
 Eu até vi aqui na minha timeline o povo culpando os 33. O problema é que a galera acha que matando, capando, castrando esses 33 o problema do estupro t  resolvido. ☐ ☐

No dia 30 de maio de 2016, a página Não Me Kahlo postou um printscreen de uma postagem da página “Pode Me Chamar de Feminista”, sem acrescentar nenhum texto. A postagem faz uma paródia ao Supremo Tribunal Federal, dizendo que o “tribunal superior da internet” já tinha julgado e condenado diversos elementos pelo estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro, dentre eles a vítima, mas que não via como culpado os 33 homens que eram acusados de terem cometido o crime e divulgado vídeo do estupro na Internet. O post tem um alto número de compartilhamentos e de curtidas em rela o ao de comentários. Talvez isso se explique pelo conteúdo ser de fácil entendimento e trazer um apelo interessante para aquele momento, em que o caso, de fato, estava sendo “julgado” pelos usuários das redes digitais.



Figura 11: primeira postagem sobre o caso do estupro coletivo no Rio de Janeiro foi o printscreen de um post da página Pode Me Chamar de Feminista.

Na Análise de Conteúdo desta postagem, foi percebido que os comentários neutros (76%) predominaram, seguidos de 58 que eram favoráveis (14%) e outros 43 contrários (10%) ao conteúdo do post. Nesse caso, por ser uma postagem que pode ser considerada polêmica, percebeu-se que a relação entre comentários favoráveis e contrários foi equilibrada. Do lado dos favoráveis, os comentários seguiam na linha de que era triste ver que diversas postagens no Facebook condenavam a vítima pelo abuso sofrido, enquanto os comentários contrários reforçavam esse julgamento de que a adolescente era culpada pelo estupro. Os quatro comentários com teor machista que foram identificados na análise

faziam algum tipo de julgamento do caráter da jovem, como o seguinte texto: “deve ser porque ela é uma vagabundinha que teve um filho aos 13 anos e largou com os pais pra viver drogada em festas e orgias... ☹ ☹”

Em relação às correntes feministas percebidas na postagem, 11 comentários foram relacionados ao feminismo radical, onde predominou o discurso pelo fim da cultura de estupro no Brasil e a dominação do masculino na sociedade, e 4 ao liberal, que seguiram no sentido de dizer que a jovem poderia ter relações sexuais com quantos homens quisesse, mas a partir do momento que não queria, sua vontade tinha que ser respeitada pelos parceiros sexuais.

No comentário mais curtido, chama atenção o fato do usuário afirmar que viu amigos no Facebook culpando os 33 acusados pelo estupro coletivo, mas que essas postagens estavam ligadas com o fato deles serem punidos de formas não previstas na lei, como a morte ou castração. A impressão que fica, até pelo uso de um emoji de raiva no final do comentário, é que esse usuário não concordava com esse posicionamento.

Tabela 2

Link da postagem: https://www.facebook.com/NaoKahlo/posts/614796508694019

Página Não Me Kahlo	Conteúdo Texto + link	Data da postagem 30/05/2016
Curtidas 24.808	Comentários 2.075	Compartilhamentos 6.004

Relação dos comentários com a postagem		
Favorável 279	Neutro 1.664	Contrário 132

Conversa entre usuários na postagem		
Marcações (tags) 464	Comentários sem curtidas 865	Comentários com conversas 191

Comentários com traços de dominação masculina		
Sim (consciente) 0	Sim (inconsciente) 3	Indiferente 2.072
Comentários com conteúdo machista		
Sim 7	Não 2.068	
Tipos de feminismo que aparecem nos comentários		
Radical 47	Interseccional 0	Liberal 18
Não se aplica 2.010		Outro 0

Comentários com temas específicos que possam sugerir “bolhas digitais”

0

Comentário mais curtido (3.869 likes):**SÓ MULHERES PARA SALVAR OUTRAS MULHERES!**

A postagem do dia 30 de maio de 2016 feita pela página Não Me Kahlo trata de uma entrevista coletiva dada pela nova delegada responsável pelo caso do estupro coletivo no Rio de Janeiro, em que confirmava a consumação do crime. A postagem traz um trecho de uma reportagem do site Último Segundo, do IG, bem como o link para a matéria. Na Análise de Conteúdo foi possível levantar a incidência de 3 comentários que reforçam a teoria de dominação masculina, de forma inconsciente, 7 comentários machistas, 47 comentários ligados ao feminismo radical e 18 ao feminismo liberal. Ao todo, 1.664 comentários (81%) eram neutros em relação ao conteúdo da postagem, enquanto 279 (13%) eram favoráveis e 132 (6%) eram contrários.



Não Me Kahlo

May 30, 2016 · 🌐

"Diferentemente do delegado que cuidava do caso, Alessandro Thiers, Cristina afirmou ter havido estupro no caso da adolescente. "Está lá no vídeo mostrando o rapaz manipulando a menina. O estupro está provado. O que eu quero provar agora é a extensão [do crime]", disse.

O chefe da Polícia Civil, Fernando Veloso, também confirmou a existência do crime. "Pelo menos um dos homens toca e manipula a jovem, que parece estar desacordada. Quando ele faz isso é estupro", resumiu Veloso. Ele disse, porém, não ser possível afirmar ainda quantas pessoas participaram do crime."



"O estupro está provado", diz nova delegada do caso de jovem violentada no Rio - Brasil - iG

Segundo Cristiana Bento, imagens não deixam dúvida de que houve crime; próximo passo é descobrir quantos participaram

ULTIMOSEGUNDO.IG.COM.BR



Like



Comment



Share



Giuliana Ananias Wolf, Fabiana Pizzo and 26K others

Top Comments ▾

5,981 Shares

828 Comments

Figura 12: postagem repercute reportagem jornalística com entrevista de delegada.

Foi interessante perceber na Análise de Conteúdo dos 279 comentários favoráveis ao conteúdo da postagem, 85 citavam o fato de uma mulher ter assumido as investigações e justamente por ser do sexo feminino, ter a possibilidade de fazer um trabalho melhor que o antecessor, por não julgar a jovem pelo estupro e por acreditar na versão apresentada pela

vítima. O comentário mais curtido desta postagem faz essa relação, de que somente uma mulher poderá salvar as demais, reforçando laços de companheirismo entre elas.

Do outro lado, dos 132 comentários que não concordavam com a postagem da página Não Me Kahlo, 39 faziam citação direta de que a adolescente merecia ser estuprada, ou colocando culpa na jovem por ter amizade com os traficantes da favela onde o crime aconteceu ou então dizendo que ela não é um exemplo de mulher para ser defendida, visto que mulheres que “estudam e trabalham”, como citaram nos comentários, também são estupradas diariamente. Um exemplo pode ser o seguinte: “A questão não é culpar a menina, é "desvitimizar" alguém q não é vítima. Pra q tanto esforço pra absolver uma pessoa q claramente se meteu onde queria enquanto q, quase ao mesmo tempo, uma vítima de verdade foi brutalmente assassinada, essa sim após um estupro de verdade, enquanto caminhava ao encontro da mãe no aeroporto? E a senhorinha de 80 anos q foi de fato estuprada esses dias atrás, tbm no Rio? E quanto às verdadeiras vítimas dessa brutalidade, monstruosidade (coloque mais adjetivos ruins aqui) q é o estupro? Ninguém fala nada! Só de uma menina q subia o morro pra se drogar, "ostentava" fotos com armas das mais diversas e estava "cheio de tesão" (palavras dela). Isso q me deixa indignado! Mesmo ela sendo a pessoa q é, mesmo andando com bandido ou fazendo merda, se ela tivesse de fato sido estuprada, o crime teria sido sim brutal, mas não foi estupro. Foi desejado por ela, mesmo q estivesse dormindo na hr do vídeo, foi desejo dela estar ali, fazendo um bacanal com 50 se possível! Isso sim é difícil demais de entender!”.

Em um dos comentários que reforça a dominação masculina, mesmo que inconsciente, é o texto em que o usuário diz não poder opinar sobre o feminismo por não ser mulher, mas, ainda assim, fazer sugestões do que o movimento poderia fazer para ser mais efetivo na luta contra o estupro. Ou seja, o usuário teve a consciência de que é homem, portanto não seria seu lugar de fala, porém resolve, inconscientemente, sugerir medidas. O outro caso é o usuário questionando o porquê do movimento feminista não falar sobre estupro de homens, destacando o fato de que o feminismo, naquele momento, só estava dando atenção para esse caso, sendo que outras pessoas são estupradas diariamente. E por fim, o terceiro comentário que reforça a dominação masculina é o que faz críticas ao fato de haver a substituição do delegado do caso, questionando o fato da delegada ter conseguido as provas sobre a consumação do estupro 24 horas depois de

assumir as investigações. Nesse exemplo, mesmo que inconsciente, o usuário acaba demonstrando que não acredita que uma mulher pode ter uma investigação bem-sucedida.

Por fim, na Análise de Conteúdo também foi possível verificar que os comentários de cunho feminista radical e liberal, assim como na análise da postagem anterior, seguem a linha de combater a posição de dominação do homem na sociedade e dizer que a adolescente poderia ter relações sexuais livremente por ser dona do corpo, respectivamente.

Tabela 3

Link da postagem: https://www.facebook.com/NaoKahlo/posts/615396801967323

Página Não Me Kahlo	Conteúdo Texto + foto	Data da postagem 01/06/2016
Curtidas 3.174	Comentários 1.245	Compartilhamentos 1.218

Relação dos comentários com a postagem		
Favorável 195	Neutro 946	Contrário 104

Conversação entre usuários na postagem		
Marcações (tags) 403	Comentários sem curtidas 514	Comentários com conversas 143

Comentários com traços de dominação masculina		
Sim (consciente) 3	Sim (inconsciente) 3	Indiferente 1.239

Comentários com conteúdo machista	
Sim 7	Não 1.238

Tipos de feminismo que aparecem nos comentários		
Radical 36	Interseccional 0	Liberal 6

Não se aplica 1.203	Outro 0
Comentários com temas específicos que possam sugerir “bolhas digitais” 0	

Comentário mais curtido (1.500 likes):

A vítima tem que se esconder, como uma foragida, enquanto mandam o recado: - Mulheres se vocês são estupradas têm que ficar caladas. Justiça pra quem? 16 mulheres são assassinadas diariamente vítimas de violência, acabar com a raça humana é a única coisa que salvará o mundo, não há esperança. :'(

A última postagem sobre o caso do estupro coletivo no Rio de Janeiro foi do dia 01 de junho de 2016, sendo com o conteúdo de uma reportagem jornalística do jornal O Estado de S.Paulo. O texto da matéria é copiado na íntegra, junto com uma montagem em foto com o título da reportagem e a foto usada pelo jornal, além do link que leva para o site do jornal. A matéria tratava de que a vítima do estupro teria que deixar o Estado de Rio de Janeiro em função das ameaças de morte que vinha sofrendo dos traficantes da comunidade em que vivia, depois que ela denunciou o crime. A jovem foi incluída no Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte. Nessa postagem foi possível perceber 195 comentários favoráveis (16%) ao conteúdo, 946 neutros (76%) e 104 contrários (8%). O feminismo radical apareceu mais vezes, 36 no total, contra 6 comentários que faziam referência ao feminismo liberal.

Não Me Kahlo
June 1, 2016 · 🌐

Jurada de morte por traficantes do Morro da Barão, na zona oeste do Rio, a adolescente de 16 anos vítima de estupro na favela há 11 dias deixou nesta terça-feira, 31, o Estado do Rio com a família. O secretário estadual de Assistência Social e Direitos Humanos, Paulo Melo, contou que ela está muito assustada, "disposta a mudar de vida", e que não terá celular nem computador com internet, para que não entre em contato com pessoas que possam descobrir seu paradeiro.

Incluída no Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte, a jovem entrou em pânico ao saber da ira dos criminosos do morro, que decretaram sua execução. Isso porque a divulgação do crime, ocorrido depois de ela participar do baile funk da favela, na madrugada do dia 21, chamou a atenção da polícia para o bando.

A adolescente declarou, no primeiro depoimento à polícia, que procurara o "dono do tráfico" para reclamar que seu celular havia sido roubado e contar que havia sido estuprada. A exposição dos criminosos, que passaram a ser procurados, motivou a sentença de morte.

"Fiquei estupefato com a maturidade e a tranquilidade dela. Ela quis entrar sozinha na sala para falar comigo, e não com a avó. É inteligente, articulada e madura. Mas está assustada, recebeu ameaças de traficantes e até de gente de fora do Estado. Estava com pressa de ir embora do Rio", disse o secretário, que anteontem esteve com a vítima por uma hora. "Não perguntei sobre a vida sexual dela. Fazer sexo com menor é crime, divulgar imagem dela sendo bolinada é crime."

A adolescente já havia deixado o apartamento em que vivia com a mãe, o pai, o irmão, de 6 anos, e o filho, de 3, na sexta passada. A família passou a ter escolta policial e, ontem, foi transferida de vez. A avó materna foi junto. É ela quem tem estado com a adolescente nos contatos com policiais, advogados e defensoras públicas. O pai, idoso, tem dificuldade de fala e locomoção, seqüela de um acidente vascular cerebral (AVC). A mãe cuida do neto.

A família morava num condomínio de classe média na Taquara, zona oeste, havia cerca de três anos. O prédio fica a 6 km do Morro da Barão, que a adolescente frequentava não só em noites e madrugadas de baile funk. Ela convivia com pessoas ligadas ao tráfico, a quem já conhecia: antes de se mudar para Jacarepaguá, a família viveu em Honório Gurgel, zona norte, perto do Morro Jorge Turco, cujo comércio de drogas era dominado pelo mesmo bando que hoje está no Barão.

O "chefe" local é Sergio Luiz da Silva Júnior, o Da Russa, gerente de Luiz Claudio Machado, o Marreta, preso em 2014 no Paraguai. Da Russa é um dos seis acusados do crime e está foragido. Marreta é um dos líderes da facção criminosa Comando Vermelho (CV).

A vida escolar da garota foi atrapalhada pela gravidez precoce. Ela já não estuda. Evangélica, o pai tentava mantê-la em casa, mas ela fugia.

"É uma menina que se criou sozinha. O pai prendia demais, botava de castigo, mas não adiantava. A filha fugia de casa, e um dia, apareceu grávida. Ela se destaca na comunidade, é bonita, e aquele passou a ser o mundo dela. Só que ao ser ameaçada, até mesmo de ser queimada viva, entrou em pânico", descreveu um funcionário do Estado que presenciou relatos da vítima.

Ela agora se comprometeu a não falar com pessoas do morro e a não dar entrevistas. Os pais receberão suporte financeiro por dois anos, tempo que dura o programa de proteção.

Presidente do inquérito, a delegada Cristina Bento voltou a interrogar ontem os acusados Rai de Souza e Lucas Perdomo Duarte dos Santos. O teor não foi divulgado. Ainda há quatro foragidos, entre eles Da Russa.

Fonte: Estadão <http://brasil.estadao.com.br.../rio-de-janeiro,vitima-de-est...>

Com execução decretada pelo tráfico, jovem deixa Estado do Rio

Assustada com ameaças, adolescente não terá acesso à internet, para que não possa ser localizada por criminosos

Like Comment Share

👍👎👤 5.1K Top Comments

1,218 Shares 630 Comments

Figura 13: última postagem sobre o caso do estupro coletivo no Rio de Janeiro.

O que pode se perceber na Análise de Conteúdo deste postagem é a incidência de comentários ligados ao feminismo radical e liberal. Do primeiro, o discurso predominante é que é necessário combater o machismo da sociedade e que vivemos dentro de um ambiente que favorece a cultura do estupro, como o caso desse comentário: “Todo homem é ensinado que tá OK forçar mulher a beijar, que tá OK assobiar pra ela na rua, que tá OK olhar pras pernas, pros seios e pra bumba. Graças à cultura do estupro, TODO HOMEM é sim um estuprador em potencial!”.

Do feminismo liberal, os comentários eram dizendo que a vítima era livre para ter relações sexuais com 30 homens, mas a partir do momento em que ela não quisesse mais, deveria ter tido sua vontade desejada pelos autores do estupro, como no exemplo a seguir: “Triste realidade, a vítima tem que se esconder. A vida dela não interessa a ninguém somente a ela. Se ela transou com mil pessoas, mas ela quis o problema é dela. Agora tentar usar isso como desculpa pra justificar esse estupro feito por 33 omi não existe. Ela não quis e ponto final. Se ela tivesse feito e fosse consensual tudo bem, o corpo é dela ela faz o que quer, assim como eu e todas as manas. Migas vamos nos unir e ajudar tantas outras migas que passam por isso. Vamos ter mais empatia e sororidade. <3”

No entanto, o que mais marcou esse análise foi a alta incidência de comentários culpando a vítima pelo estupro (45 no total), enquanto alguns também afirmavam que o caso em questão não deveria se tornar exemplo pela luta feminista, pois a adolescente tinha um caráter, segundo esses usuários, que não faziam ela ser merecedora de tanta atenção. É o caso do comentário: “Isso vale de exemplo para muitas meninas que estão nessa vida! Se ela levasse uma vida normal não teria acontecido isso! Nada justifica o estupro, mas não isento ela de culpa também!!”. Apesar de isso ter sido uma constante nessa análise, havia usuários que tentavam desconstruir esse discurso e tentar explicar o porquê da adolescente ser vítima no caso. Exemplo: “Sara Monteiro Oi, Sara! O legal da investigação policial e de um julgamento judicial é que não importa se você acredita ou não nos fatos que ficarem provados. A pena será aplicada de qualquer forma. Tipo... O sistema penal tá cagando pra opinião minha ou sua. O que ficar provado na investigação e for a julgamento é o que determina. Se ficar provado que 10, 20 ou 30 estupraram, esses 10, 20 ou 30 receberão penas privativas de liberdade. A verdade real talvez nunca fique comprovada. O que será levado em conta é a verdade apurada. Só quem sabe o que aconteceu de verdade é quem estava lá. Eu não estava lá. Por isso não sei o que aconteceu e não está filmado. Não vou

opinar sobre pessoas que não conheço. Não conheço os omi e não conheço a garota. Você estava lá? Você conhece os omi? Conhece a moça? E se a resposta é negativa pra todas as perguntas, por que você acredita mais na versão dos caras, que são obviamente incentivadores de estupro (compartilharam vídeo de estupro e deram risada, no mínimo) do que na versão da menina (que gosta de sexo em grupo)? Qual o seu critério pra estabelecer essa sua versão do que é verdade? Os omi são inocentes do estupro porque a menina gosta de sexo grupal? É inverossímil que a menina tenha sido estuprada por mais do que um omi só por que ela curte sexo em grupo? Não entendo a sua lógica. E outra pergunta: por que você assiste vídeos da menina fazendo sexo grupal? Como vc pode afirmar com certeza que é ela ali? Você faz parte das investigações? Você é a juíza que decidirá sobre o caso? Porque nem essas pessoas diretamente envolvidas estão assistindo esses vídeos. Por que você acha que assistí-los te autoriza a emitir um julgamento sobre o que aconteceu? Talvez você deva considerar a hipótese de estar sendo absurdamente parcial, portanto injusta. E isso também é machismo. E também é cultura do estupro. Pense bem. Um beijo.”

Outro caso interessante de ser citado é um usuário orientando os demais a fazerem cópias de comentários ofensivos para denunciá-los nos órgãos competentes: “Única palavra que dirigirei a omis será: PRINT! Agora só vou chamar de homem os que somam no feminimismo. O resto é omi. E pra omi, só PRINT. Nem mais uma palavra. Nem mais uma menção. Essa será a última. Sugiro que vcs façam o mesmo, mulherada linda”. Em seguida, esse usuário segue incentivando os outros a fazerem o mesmo, dizendo até que podem enviar os *printscreens* para ele, que juntaria todo material para realizar as denúncias.

3.7 Análise geral

Esta pesquisa analisou 10.699 comentários feitos em doze postagens da página Não Me Kahlo, no Facebook, demandando mais de 70 horas de leitura e análise. Optou-se por esse caminho, apesar de ser mais trabalhoso, justamente para tentar identificar como eram realizadas as conversações dos usuários nas redes. É preciso fazer uma ressalva quanto ao método escolhido para o desenvolvimento da pesquisa, que se mostrou vulnerável. Quando a Análise de Conteúdo era feita na postagem, os dados parecem fazer sentido e trazerem um resultado, justamente por estarmos analisando um caso específico. Porém, com a análise geral foi possível perceber que, na verdade, a Análise de Conteúdo não necessariamente se mostra o melhor tipo de análise para os comentários de páginas abertas no Facebook, pois os detalhes observados durante a análise específica da postagem não parecia ser muito relevante quando refletíamos sobre o todo. Isso foi constatado uma vez que boa parte dos comentários são rasos e não incitam um debate sobre a temática. Foi possível perceber que nas redes digitais, os usuários estão mais interessados em marcar um posicionamento do que em travar discussões online. Além disso, percebeu-se que é muito difícil perceber ironia nos comentários escritos, diferentemente de captar quando a pessoa está falando e, portanto, possui entonações diferentes na voz. Apesar dessa constatação no fim do estudo, acredita-se que a Análise de Conteúdo ainda aparece como a melhor saída no momento, pois essas observações que estão sendo postas no estudo não teriam sido possíveis caso não tivéssemos lido todos os comentários postados na página Não Me Kahlo. Pior ainda seria o uso de um software, que apesar de agilizar a análise, não conseguiria identificar com clareza o conteúdo dos textos colhidos. Os trabalhos de Análise de Conteúdo nas redes digitais ainda são um campo a ser explorado, portanto acredita-se que com o decorrer do tempo haverá um aprimoramento de como observar esses dados para que os resultados sejam percebidos com maior clareza.

Apesar disso, teve-se o cuidado de tentar categorizar a análise da maneira mais cuidadosa possível, concluindo-se que, apesar das adversidades, não necessariamente as considerações feitas a seguir possam ser errôneas, uma vez é possível perceber padrões de comportamentos em todas as postagens analisadas no estudo. Um desses padrões é em relação a como os usuários interagem com as postagens. Nas 12 postagens analisadas, mais

de 2/3 dos comentários se mostraram neutros ao conteúdo postado pela página no Facebook, enquanto 21% eram favoráveis e 4% eram contrários.

Comentários em relação ao conteúdo da postagem

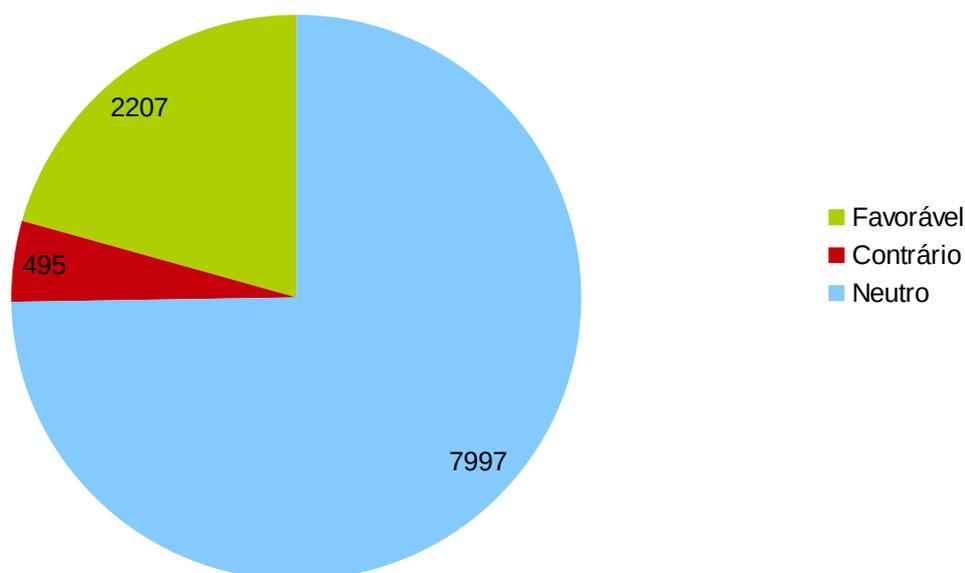


Figura 14: gráfico demonstra a quantidade de comentários favoráveis, neutros e contrários ao conteúdo postado na página Não Me Kahlo.

É interessante notar a grande quantidade de pessoas que fizeram comentários nas postagens, mas que não marcavam um posicionamento em relação ao conteúdo. No que foi possível verificar, ou os comentários eram risadas, links para outros sites, emojis ou apenas eram inseridos dentro de uma conversa que não necessariamente tinha relação com o que a página Não Me Kahlo tinha postado. Talvez esse comportamento seja para demonstrar que o usuário leu o conteúdo e tenha vontade de interagir, por mais que essa interação não tenha um significado aprofundado. Nas redes digitais, os usuários parecem ter necessidade de apenas participarem e se mostrarem ativos, sem necessariamente pensarem sobre essa participação. Ainda em relação aos comentários neutros, é interessante ressaltar que boa parte trata-se das marcações de usuários, possibilitada por meio da *tag* de pessoas específicas para verem a postagem. No caso, foram 7.997 comentários com conteúdo neutro, sendo que desses 2.987 eram de usuários marcando outros usuários. Essa ação nos

faz pensar que o usuário que recebeu aquele conteúdo em sua *timeline* considerou a postagem relevante o suficiente para marcar amigos específicos para que eles também pudessem ter acesso ao conteúdo, ou seja, parecendo que ele se identificou com a postagem ou acredita que o amigo vá se identificar com aquilo. Assim, apesar de parecer um dado irrelevante em um primeiro momento, a ação de marcar amigos na postagem faz com que o conteúdo da página Não Me Kahlo chegue a mais pessoas, que teoricamente vão se identificar de algum modo com aquilo.



Figura 15: Gráfico traz a relação de comentários que tiveram pelo menos uma curtida, daqueles que não tiveram nenhuma interação.

Outro dado que chama atenção é o fato de que 5.069 comentários não tiveram nenhuma curtida, praticamente metade de todo conteúdo analisado (47,3%). Foi possível identificar a incidência deles em algumas respostas de comentários, mas principalmente quando os usuários marcavam (*tag*) outros amigos. Mas é interessante verificar a ocorrência desse fator, pois geralmente o curtir, no Facebook, é usado como ferramenta de interação entre os usuários, para demonstrar que a postagem foi lida, ou que o conteúdo é legal, ou que, de fato, o usuário realmente gostou daquilo que foi postado. Em uma análise crua, é possível dizer que esses comentários “falaram sozinhos”, mas é arriscado dizer que só porque esses comentários não tiveram curtida significa necessariamente que eles não

foram lidos por ninguém ou que não tinham um conteúdo que fosse atrativo para outros usuários. No entanto, chama atenção o fato de que 47,3% do conteúdo analisado não tenha tido nenhuma interação.

O que também foi possível perceber é que parte dos usuários que comentaram nas postagens são, de certo modo, simpatizantes da causa feminista. Pelo menos dentro desse corpus de análise, os usuários parecem curtir a página por terem ideias semelhantes e, portanto, fazem comentários que concordam com o conteúdo postado. Assim, pode-se afirmar que não existe um debate, propriamente dito, sobre o feminismo nos comentários. O que existe são pessoas que aparentam estarem conectadas com o movimento feminista e que decidem deixar comentários positivos sobre a luta feminista, tudo isso dentro de uma página que se assume feminista. Das poucas pessoas que tinham um pensamento contra as postagens e que comentaram o conteúdo (cerca de 4% dos comentários analisados), ou tentavam estabelecer discussões, ou já partiam para uma crítica rasa, por vezes usando palavrões ou apontando estereótipos que fazem chacota de mulheres feministas, como a falta de depilação na axila, das lésbicas ou de terem ódio aos homens. No primeiro caso, existem usuários que até tentam debater e discutir sobre o movimento feminista nos comentários, mas geralmente essas trocas de mensagens não se estendem muito ou algum dos lados para de responder, isso quando o nível do debate cai e os usuários passam a trocar ofensas. Dos que não concordam com a postagem e decidem xingar o movimento feminista, geralmente são deixados “falando sozinhos”, no qual os usuários favoráveis ao movimento não se preocupam em respondê-los. Portanto, quase não há troca de conhecimento entre os usuários, justamente por eles já terem uma ideia formada sobre o que se trata o feminismo. Isso pode ser caracterizado uma bolha digital, já que as discussões são feitas em um ambiente segregado, ainda que a página Não Ne Kahlo seja aberta para todos os usuários do Facebook participarem – diferentemente de um grupo fechado e privado, onde apenas usuários convidados conseguem ter acesso ao conteúdo. A bolha existe a partir do momento em que as ideias apresentadas nos comentários são praticamente as mesmas, as vozes são majoritariamente uma só.

Outro dado possível de ser verificado com a análise geral dos comentários é a alta incidência de postagens que não necessariamente possuem cunho feminista. Não necessariamente pelos usuários concordarem com a postagem ou terem um posicionamento

neutro vai significar que eles vão fazer comentários que possuam alguma característica feminista.

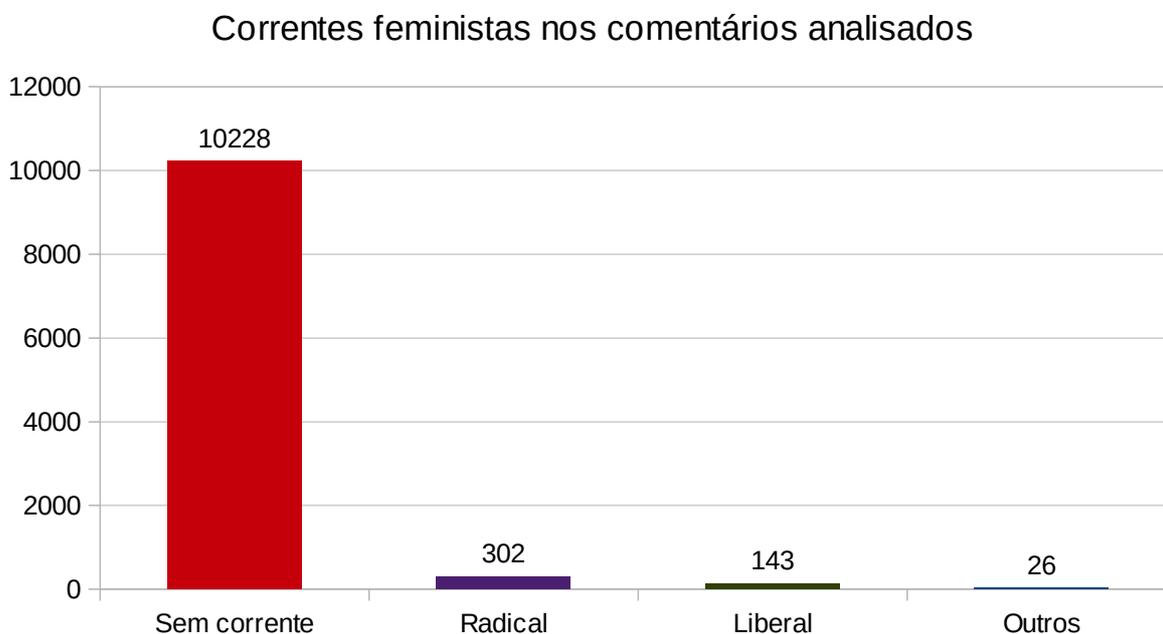


Figura 16: gráfico traz as correntes feministas que foram possíveis de serem percebidas na Análise de Conteúdo dos comentários.

Na Análise de Conteúdo, 10.228 comentários (95%) não faziam referências às correntes feministas. Por outro lado, foi fácil identificar quando os comentários eram feitos no sentido de falar sobre o feminismo em si. Desse modo, foi possível observar conteúdos ligados ao feminismo radical e liberal. No lado do feminismo radical foram 302 comentários (3%) que geralmente os comentários citavam a cultura patriarcal da sociedade, criticavam a dominação masculina e atitudes machistas que vivenciam, enquanto do liberal, o conteúdo dos 143 comentários (1%) tratava da liberdade da mulher para tomar suas próprias decisões, sejam elas benéficas ou não para ela e para as pessoas ao seu redor. Houve ainda a identificação de 4 comentários da corrente do feminismo interseccional e 22 que tinham algum aspecto feminista, mas não se encaixavam nas três categorias de identificação propostas no estudo.

Em relação aos comentários que reforçavam a dominação masculina (111 postagens) e aqueles com teor machista (106 postagens), percebeu-se que a incidência deles foi muito baixa, justamente pelo fato de a página Não Me Kahlo reunir usuários com

alguma ligação com o feminismo. Assim, os comentários que se encaixaram nessas duas categorias acabaram não trazendo grande relevância para a pesquisa. No entanto, podemos dizer que foi interessante perceber que nem sempre os usuários que faziam comentários com conteúdo que mostrava o papel dominante do homem na sociedade o faziam de maneira consciente. Alguns deles, sim, tinham uma noção clara de que estavam fazendo comentários que exaltavam a posição masculina, mas tiveram exemplos daqueles que eram feitos inconscientemente. Ou seja, o usuário tentava mostrar um pensamento desconstruído em relação ao feminismo, parecendo até apoiar a causa, mas deixavam alguma coisa “escapar”, colocando o homem em posição superior ao da mulher. Esse quesito ficou muito aparente no quarto caso, do “Bela, Recatada e do Lar”, no qual as próprias mulheres se mostravam contra a reportagem da revista *Veja*, mas em seguida marcavam os companheiros na postagem dizendo que eles não tinham a mesma sorte de Michel Temer por ter uma esposa que se dedica a família. Aqui vale mais uma ressalva sobre a dificuldade de captar ironia lendo os comentários, uma vez que nem sempre os usuários se utilizam de algum artifício, como os emojis, para demonstrarem que estão fazendo uma brincadeira. Assim, a Análise de Conteúdo de alguns comentários pode não ter sido feita de maneira correta, justamente por ser quase que impossível reconhecer quando os usuários estavam sendo irônicos.

Ainda falando sobre machismo, um dado interessante que pôde ser verificado na Análise de Conteúdo é como as mulheres lidam com os homens machistas ou com homens que querem passar uma imagem de que apoia o feminismo, apesar de terem atitudes contrárias, nas redes digitais. Muitas das vezes foi observado o uso das palavras “omi”, “homi” ou “zomi”, em vez da grafia correta, “homem”. A expressão jocosa é justamente usada, pelo que foi observado, para zombar desses dois tipos de homens, para diferenciar aqueles que não acrescentam em nada no movimento feminista, ou que são contra a luta das mulheres. Não foi possível encontrar a origem do termo, uma característica bem comum das redes, onde coisas surgem e não demonstram possuir um autor muito definido, fazendo com que se torne algo viral entre os usuários e, às vezes, se consolidando ao longo do tempo. Trata-se de uma expressão amplamente usada nas redes digitais para se referir a eles de forma a ridicularizar a atitude adotada pelos homens e foi verificada diversas vezes na Análise de Conteúdo dentro desse contexto.

Após esta análise geral, percebeu-se que não é possível determinar qual a formatação do feminismo nas redes digitais do Brasil. Porém, a observação dos dados nos possibilitou perceber que o feminismo da página do Facebook Não Me Kahlo é desenvolvido dentro de uma bolha que isola os atores, onde existe praticamente a circulação de apenas alguns tipos de informação e o silenciamento de outros. Os cinco casos analisados nesta pesquisa tiveram uma repercussão midiática muito grande, então esperava-se que houvesse ideias distintas, contrárias e favoráveis, sendo discutidas nos comentários das postagens, o que não aconteceu. Assim, o que a Análise de Conteúdo, aliada a Análise de Redes Sociais, nos possibilitou observar foi que o movimento feminista vem se configurando, pelo menos nas páginas de Facebook ligadas ao feminismo, dentro de uma bolha digital, com usuários apenas marcando um posicionamento nos comentários, não necessariamente interessados em entrar em discussões, que tendem a seguir o feminismo radical ou liberal, e que muitas das vezes não fazem comentários machistas ou que reforcem a teoria da dominação masculina.

4. Considerações finais

Diante da finalização deste estudo, é possível tecer algumas considerações que foram percebidas no decorrer do processo. O estudo foi intrigante, pois não tínhamos tanta clareza do que iríamos encontrar analisando os comentários de usuários no Facebook. Porém, algumas suposições de início, principalmente no que diz respeito ao embasamento teórico utilizado nesta dissertação, puderam ser verificadas na observação dos dados. Talvez a principal delas é que, de fato, estamos desenhando uma nova forma de estar-juntos (MAFFESOLI, 2010). Como discorrido no primeiro capítulo desta dissertação, Michel Maffesoli (2010) chama atenção para o fato das relações humanas estarem sendo desenvolvidas de um outro jeito, de forma mais colaborativa, respeitando os diversos agentes da ação. O que se pôde perceber é que o movimento feminista articulado dentro da página Não Me Kahlo, no Facebook, possui essa característica: na maior parte das vezes, quando algum usuário tentava impôr um pensamento único, geralmente outros usuários tentavam criar um debate para mostrar uma outra forma de se enxergar aquele assunto, possibilitando uma construção coletiva do feminismo nas redes digitais. Outro fator interessante de ser ressaltado é de que o movimento feminista, atualmente, é composto por diversos agentes, humanos e não-humanos, conforme teorizado por Bruno Latour (2012). O autor chama atenção para o fato de que a definição de grupos foi alterada, não sendo possível determinar um conjunto a partir de uma única visão, mas sim perceber características comuns que possam delimitar um grupo. Isso foi possível de ser verificado, uma vez que o feminismo da página Não Me Kahlo não seja um só, mas construído a partir de várias ideias e diferentes agentes, não sendo concebível dar uma única definição para o movimento feminista nas redes digitais. Ainda no primeiro capítulo, também falamos sobre as mudanças no processo da comunicação, que também foram percebidas dentro do movimento feminista articulado nas redes digitais do Brasil. Massimo Di Felice (2012) ressalta que as redes possibilitam debates sem um centro definido, onde diversos atores podem contribuir para a discussão, o que também foi possível de ser verificado neste estudo.

Apesar de os comentários analisados nesta pesquisa quase não trazerem conteúdo que estejam dentro de uma bolha digital, no qual existe o isolamento dos atores em grupos onde apenas certos tipos de informações circulam, acredita-se ser possível afirmar que o

movimento feminista brasileiro se articula dentro de espaços próprios nas redes digitais. Essa reflexão partiu de que, pelo menos na página Não Me Kahlo, a quantidade de pessoas que discordam da postagem é muito pequena, limitando os debates sobre o tema. Ou seja, quem se propõe a discutir na página do Facebook estudada já possui algum conhecimento prévio sobre o feminismo, mesmo que de forma rasa, e se identifica com a causa. Poucos eram aqueles que iam até a página para discordar das postagens, e quando o faziam, era possível verificar que o usuário tinha consciência de que estava “entrando em território inimigo” apenas para xingar e diminuir a importância do movimento feminista brasileiro. Nesse sentido, uma questão interessante de ter observado, ao contrário de um certo otimismo apresentado por Michel Maffesoli e Massimo di Felice sobre a temática, é de que a existência de uma democracia digital, possibilitada pelas redes, ainda aparenta ser uma proposta incipiente, pelo menos quando se trata do feminismo nas redes digitais. Primeiro pela questão já dita sobre as discussões estarem dentro de uma bolha digital, onde a maioria das pessoas que comentaram na página Não Me Kahlo já possuía um conhecimento sobre o feminismo. Em segundo lugar, o fato de pessoas que não concordam com o movimento feminista serem ou ignoradas e deixadas sem resposta nos comentários, ou então receberem uma resposta com xingamentos, fechando a possibilidade de um debate construtivo para a simples troca de agressões verbais. Esperava-se, inclusive, que esses debates de ideias contrárias fosse mais comum no Facebook, justamente pelas discussões sobre o feminismo estarem crescendo nas redes digitais, incitando pessoas que são favoráveis e contrárias ao movimento feminista de darem opiniões sobre o assunto. Porém, ficou claro que essa questão não pôde ser verificada justamente pela escolha da página Não Me Kahlo para a análise, uma vez que ela está alinhada aos ideais feministas, agregando, assim, um maior número de seguidores que possui um posicionamento favorável ao feminismo.

Outro ponto que foi possível perceber durante o estudo é que, pelo menos nos casos estudados, na página Não Me Kahlo as discussões sobre o movimento feminista parecem ser volátil, se adaptando a cada situação que aparece e ganha destaque. Sabe-se que os casos escolhidos para esta pesquisa tiveram grande destaque midiático, e que talvez o fato da página ter muitos seguidores também ajude nessa questão, mas foi visível que os comentários mudavam de tom a cada postagem. Ora o fluxo seguia para a vertente liberal, ora para a radical, ora pregava a igualdade entre homens e mulheres, enfim, foi possível

enxergar que não existe uma constância no discurso dos usuários. Além dessa característica, também foi interessante observar que muitas vezes comentários tinham a intenção de serem desconstruídos, tentando se aproximar da causa feminista, mas que ainda reproduzem o discurso de dominação masculina. Eram comentários que, lidos sem a devida atenção, podem confundir e se passarem por feminista, porém possuem uma construção que, de alguma forma, ou exalta a posição do homem ou coloca a mulher em comparação à figura feminina. Esse comportamento ficou muito evidente na análise do quarto caso, do “Bela, Recatada e do Lar”, quando as mulheres tentavam desconstruir o papel padrão de esposa trazido na reportagem, e logo em seguida diziam que os maridos, namorados ou companheiros não tinham a mesma sorte que Michel Temer teve por se casar com Marcela. Assim, foi possível identificar que mesmo numa aparente tentativa de lutar contra a dominação masculina, essas mulheres ainda se colocavam em comparação ou numa posição abaixo que a dos homens.

Mais um ponto a ser ressaltado é que não é possível afirmar que as considerações deste estudo se apliquem a todo o tipo de feminismo que se articula nas redes digitais no Brasil. Isso porque percebeu-se, durante a investigação, que a forma em que as discussões se davam se baseavam, em boa parte, no senso comum sobre o feminismo. Isso ficou muito visível quando foi verificado que as correntes feministas que predominam nos comentários são o radical e o liberal, que apesar de serem estruturadas em textos, obras e autores, nas redes digitais percebeu-se uma reprodução rasa das principais ideias das correntes: “mulher pode ser o que ela quiser” do lado do feminismo radical, e “pelo fim da cultura machista da sociedade”, no liberal. Talvez isso se explique pela página Não Me Kahlo ser aberta e ter um grande número de curtidas. Ao mesmo tempo em que isso poderia amplificar o debate, também é um fator que reduz a qualidade das discussões, uma vez que nem todos usuários se sentem a vontade de fazer comentários. Esse cenário pode ser diferente em grupos de Facebook que são fechados e privados, onde apenas usuários convidados podem entrar e fazer parte da comunidade, dando uma aparente liberdade para que possa comentar e debater como quiser, já que os amigos dos usuários que fazem parte desses grupos privados não irão acompanhar essas postagens na *timeline*.

Assim, ao final das análises e das reflexões, o que fica claro perceber é que o movimento feminista não é único, sendo adaptável a cada situação que surge no cotidiano. A crescente exposição midiática do feminismo no Brasil fez com que ele fosse mais

difundido em espaços que talvez não alcançasse antes. No entanto, essa exposição também fez com que os debates, pelo menos em páginas no Facebook, se tornasse raso e baseado no senso comum. Os diversos atores que participam do feminismo, de um jeito ou de outro, ajudam a construir o que Bruno Latour (2012) denominou de rede de relatos. Segundo o sociólogo, a rede não deve ser entendida como uma “coisa”, mas sim um espaço que possibilita que diversos agentes, humanos e não-humanos, possam interagir e criar relatos sobre determinado assunto. Esse fator foi possível de ser verificado nesta pesquisa, uma vez que os usuários das redes digitais utilizam a rede, no caso o Facebook, como um espaço para promover discussões e criar essa teia de relatos sobre o feminismo.

Percebe-se que o feminismo nas redes digitais vem se desenvolvendo dentro do que Pablo Ortellado (2014) chamou de guerras culturais, uma vez que trata-se de um movimento que visa quebrar o pensamento conservador e que está gerando um certo incômodo nessa parcela da sociedade que visa impor um discurso contra o progressismo.. Percebemos que esse campo pode ser explorado em uma próxima pesquisa, em conjunto com o fato de o movimento feminista nas redes digitais, ou pelo menos nas páginas no Facebook que se associam com a luta, se desenvolve dentro de uma bolha, ou seja, dentro de um contexto quase que isolado, o qual as pessoas que participam das discussões já possuem um conhecimento prévio do que é o feminismo e reproduzem um discurso já existente. Aprofundar o estudo do feminismo nas redes digitais nesses dois aspectos, em específico, parece ser interessante no sentido de observar com mais clareza o atual momento do movimento feminista no Brasil. Talvez seja interessante, em uma próxima pesquisa, verificar páginas do Facebook que não estão ligadas ao feminismo, como páginas de meios de comunicação brasileiras ou que possuem um perfil conservador para podermos observar como essas questões são tratadas e como os debates são realizados em um ambiente no qual os usuários não são, predominantemente, favoráveis ao movimento feminista.

Já sobre a metodologia escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa, observou-se que os trabalhos de Análise de Conteúdo nas redes digitais ainda são um campo a ser explorado pela academia. No caso deste estudo, a Análise de Conteúdo possibilitou o esclarecimento de algumas questões, mas se mostrou vulnerável quando era utilizada para observar e refletir sobre todos os dados da pesquisa. Os comentários dos usuários nem sempre eram desenvolvidos de forma clara, não sendo possível identificar certas sutilezas

como a ironia. Portanto, acredita-se que com o decorrer do tempo haverá um aprimoramento desta metodologia analítica, ajudando os pesquisadores a observarem os dados do estudo de forma mais precisa para que os resultados sejam percebidos com maior clareza.

Acredita-se que esta pesquisa tem um caráter inédito dentro dos estudos feministas do Brasil, por se propor a verificar como está se dando a articulação do movimento nas redes digitais. Porém, tem-se a consciência de que o estudo de apenas uma página do Facebook é limitador no sentido de generalizar que o que ocorre na Não Me Kahlo é o único debate que vem sendo promovido nas redes digitais. A constatação principal que fica, ao término do estudo, é que esta pesquisa nos dá pistas de como o movimento feminista está se formatando nas redes digitais, mas não traz respostas definitivas sobre essa outra forma de feminismo.

Referências

- BADINTER, E. **Um é O Outro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BARREIROS, B.P.P. **Estratégias de visibilidade e articulação no ciberespaço: uma análise do ativismo feminista brasileiro no Facebook**. 2013. Dissertação - Universidade Federal do ABC. São Paulo, 2013.
- BEZERRA, P.R.M. **Mediatização e circulação de sentidos nas manifestações de junho de 2013**. Tese - Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo: 2015.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CABALLERO, A.I.M. **A (des) igualdade entre os sexos pelas perspectivas de Simone de Beauvoir e Pierre Bourdieu**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Campinas. Orientador: Antonio Carlos Dias Junior.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DI FELICE, M. (org). **Do público para as redes: A comunicação digital e as novas formas de participação social**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2008.
- DI FELICE, M. Redes sociais digitais, epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social. In: **Revista USP**, n. 92, p. 9-19, 2011-2012. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/e30c33_e9bf2bf59e6b4f84a403470a5fab1373.pdf>.
Acesso em 30 de março de 2017.
- DI FELICE, M. Netativismo: novos aspectos da opinião pública em contextos digitais. In: **Revista FAMECOS**, v. 19, p. 27-45, 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/11339/0>>.
Acesso em 8 de novembro de 2016.
- DI FELICE, M. Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. In: **Matrizes**, v. 7, p. 49-71, 2013a. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/matrices/article/viewFile/69406/71974>>. Acesso em 8 de novembro de 2016.

DI FELICE, M. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. In: **Contemporânea | Comunicação e Cultura**, v.11, n.02, p. 267-283, mai-ago, 2013b. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/8235>>. Acesso em 30 de março de 2017.

DI FELICE, M.; PIREDDU, M. **Pós humanismo**: as relações entre o humano e a técnica na época das redes. São Paulo: Difusão Editora, 2010.

DI FELICE, M; LEMOS, R. **A vida em rede**. Campinas: Papirus, 2014.

FERREIRA, C.B.B. Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. In: **Caderno Pagu**, Campinas, n. 44, p. 199-228, 2015.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332015000100199&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 de abril de 2017.

FERREIRA, G.S. Feminismo e redes sociais na Marcha das Vadias no Brasil. In: **Revista Ártemis**, vol. XV, nº 1, p. 33-43, jan/jun, 2013. Disponível em:

<<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/16636>>. Acesso em 6 de julho de 2016.

FONSECA JÚNIOR, W.C. Análise de conteúdo. In: DUARTE, J; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008. p. 280-304.

LATOUR, B. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA-Edusc, 2012.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo, Editora 34, 2013.

LEOPOLDI, J.S. Rousseau - estado de natureza, o “bom selvagem” e as sociedades indígenas. In: **Alceu**, v. 2, n. 4, p. 158-172. jan/jun, 2012. Disponível em:

<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n4_Leopoldi.pdf>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

MAFFESOLI, M. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultura, 2010.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. São Paulo: Forense Universitária, 2014.

MAFFESOLI, M. Ecosofia: sabedoria da Casa Comum. In: **Revista Famecos**, v. 24, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2017.1.24007>>. Acesso em 21 de abril de 2017.

MALINI, F.L.L.; MEDEIROS, J.; CIARELLI, P. O sentimento político em redes sociais: big data, algoritmos e as emoções nos tweets sobre o impeachment de Dilma Rousseff. IN: **Liinc em Revista**, v. 13, p. 323-342, 2017. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4089>>. Acesso em 20 de novembro de 2017.

MANOVICH, L. **100 Billion Data Rows per Second**: Culture Industry and Media Analytics in the Early 21st Century. 2016. Disponível em: <<http://manovich.net/index.php/projects/media-analytics>>. Acesso em 24 de abril de 2017.

NATANSOHN, L.G. Introdução. Que têm a ver as tecnologias digitais com o gênero? In NATANSOHN, L. G. (Org.). **Internet em código feminino. Teorias e práticas**. E-book. Ed. em português revista e ampliada. 1. ed. Buenos Aires: La Crujía, 2013. v. 1. 192p. Disponível em: <<http://gigaufba.net/internet-em-codigo-feminino/>>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

ORTELLADO, P. Guerras culturais no Brasil. In: **Le Monde Diplomatique**, v. 8, p. 37, 2014.

ORTELLADO,P.; SOLANO, E. Nova direita nas ruas? Uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. In: **Perseu**, v. 11, p. 169-180, 2016.

ORTELLADO, P. MORETTO, M.; SOLANO, E. Guerras culturais e populismo antipetista. In: **Em Debate**, v. 8, p. 35-45, 2017.

RECUERO, R. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o estudo das redes sociais na Internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. In: **Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 16, n. 2, p.60-77, 2014a. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4013/fem.2014.162.01>>. Acesso em 20 de março de 2017.

